



BLAKE PIERCE

ANTES
QUE ELE
VEJA

UM ENIGMA DA SÉRIE MACKENZIE WHITE – LIVRO 2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANTES QUE ELE VEJA

(UM ENIGMA DA SÉRIE MACKENZIE WHITE – LIVRO 2)

B L A K E P I E R C E

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

ANTES QUE ELE MATE, livro nº1 da série de enigmas Mackenzie White, está disponível no [Amazon!](#)

SEM PISTAS (livro nº 1), que tem mais de 100 avaliações com cinco estrelas, está disponível como um [download gratuito no Amazon!](#)

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Direitos Autorais © 2016 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorias (EUA Copyright Act, de 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este ebook é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Jacket image lassedesignen Copyright, imagem usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE

SEM PISTAS (Livro 1)

ACORRENTADAS (Livro 2)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

SUMÁRIO

[PREFÁCIO](#)
[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

PREFÁCIO

Susan Kellerman entendeu a necessidade de se vestir bem naquela ocasião. Ela estava representando a sua empresa e tentando conquistar novos compradores, então a sua aparência impressionava. O que ela não entendia, porém, era por que diabos ela tinha que usar saltos. Ela estava usando um lindo vestido de verão e tinha o par perfeito de sapatilhas para combinar com ele. Mas não... A empresa insistia nos saltos. Um toque de sofisticação.

Duvido que saltos tenham algo a ver com uma venda, ela pensou. Especialmente se o aspirante a cliente for um homem. De acordo com a sua folha de vendas, a pessoa da casa em que ela estava se aproximando *era* um homem. Dessa forma, Susan verificou o decote do seu vestido. Ela estava mostrando *um pouco* do seu colo, mas nada escandaloso.

Isso, ela pensou, *demonstra sofisticação*.

Com seu grande e pesado expositor na mão, ela subiu os degraus com os seus saltos e tocou a campainha. Enquanto esperava, deu uma rápida olhada em volta da casa. Era uma pequena casinha situada nos arredores de um bairro de classe média. A grama havia sido cortada recentemente, mas os pequenos canteiros de flores que delimitavam o minúsculo conjunto de escadas da porta da frente estavam muito necessitados de uma capina.

Era um bairro tranquilo, mas não o tipo de bairro em que Susan moraria. As casas, espalhadas pelas ruas, eram pequenas e com o estilo tradicional de New England. A maioria, ela supôs, pertencia a casais mais velhos ou a pessoas que lutam para pagar suas contas. Esta casa, em particular, parecia muito longe de se tornar a propriedade do banco.

Ela estendeu a mão para tocar a campainha novamente, mas a porta abriu antes que ela pudesse tocá-la. O homem que apareceu tinha tamanho e constituição corporal medianos. Ela supôs que ele teria cerca de quarenta anos. Havia algo de feminino nele, algo que ela podia ver pelo modo como ele simplesmente atendeu a porta e lhe deu um sorriso largo e brilhante.

"Bom dia" disse o homem.

"Bom dia" disse ela.

Ela sabia o nome dele, mas foi instruída por quem a treinou a nunca usá-lo até que as linhas de comunicação estivessem totalmente abertas. Quando você os cumprimenta pelo nome imediatamente, isso os faz sentir como presas, em vez de clientes, mesmo quando eles agendam uma visita com bastante antecedência.

Não querendo lhe dar tempo para fazer perguntas e, portanto, assumir o controle da conversa, ela acrescentou: "Eu gostaria de saber se você tem um tempo para conversar comigo sobre sua atual alimentação."

"Alimentação?" O homem perguntou com um sorriso debochado. "Eu não controlo minha alimentação. Eu meio que como o que quero."

"Oh, isso deve ser legal," Susan disse, com o seu sorriso mais encantador e com um tom de voz muito alegre. "Tenho certeza de que você sabe, que não são muitas pessoas com mais de trinta anos que podem dizer isso e ainda manter um corpo saudável."

Pela primeira vez, o homem olhou para a maleta na mão esquerda dela. Ele sorriu de novo e desta vez foi um sorriso lento - o tipo de sorriso que alguém dá quando percebe que foi pego.

"Então, o que você está vendendo?"

Foi um comentário sarcástico, mas pelo menos não foi uma porta fechada na cara dela. Ela considerou isso como a primeira vitória em direção a ser convidada para entrar. "Bem, eu estou aqui em nome da

Universidade A Better You", disse ela. "Oferecemos aos adultos com mais de trinta anos uma maneira muito fácil e metódica de ficar em forma sem ter que malhar em uma academia ou alterar demais o estilo de vida."

O homem suspirou e sua mão foi até a porta. Ele parecia entediado, pronto para mandá-la embora. "E como vocês fazem isso?"

"Através de uma combinação de shakes de proteína feitos com nossas próprias proteínas em pó e mais de cinquenta receitas saudáveis para oferecer à sua nutrição diária o impulso que ela precisa."

"E é isso?"

"É isso", disse ela.

O homem considerou a ideia por um momento, olhando para Susan e depois para o grande pacote nas mãos dela. Ele olhou para o relógio e encolheu os ombros.

"Eu vou lhe dizer uma coisa," ele disse. "Eu tenho que sair daqui a dez minutos. Se você conseguir me convencer dentro deste tempo, ganhará um cliente. Faço qualquer coisa para evitar voltar para a academia."

"Esplêndido", Susan disse, encolhendo-se internamente com o elogio falso em sua voz.

O homem se afastou um pouco e acenou para que ela entrasse na casa. "Entre," disse ele.

Ela entrou e foi para uma pequena sala. Uma televisão de aparência antiga estava no centro de uma área de lazer cheia de arranhões. Havia algumas poltronas velhas empoeiradas nos cantos da sala, junto com um sofá amarrotado. Havia bibelôs de cerâmica e paninhos rendados em todos por toda parte. Parecia mais uma casa de mulher velha do que a casa de um homem de quarenta e poucos anos.

Por razões que desconhecia, ela sentiu um alerta interno de perigo. Mas então ela tentou impedir o medo que estava sentindo com uma lógica incerta. *Então, ou ele é incrivelmente fora dos padrões ou esta não é a casa dele. Talvez ele more com a mãe.*

"Pode ser aqui?" Ela perguntou, apontando para a mesa de café na frente do sofá.

"Sim, está bem," disse o homem. Ele sorriu para ela enquanto fechava a porta.

No momento em que a porta foi fechada, Susan sentiu algo se mexer em seu intestino. Parecia que o quarto tinha ficado frio e todos os seus sentidos estavam respondendo a isso. Havia algo errado. Foi um sentimento bizarro. Ela olhou para o bibelô de cerâmica mais próximo - um garotinho puxando um carrinho - como se fosse algum tipo de resposta.

Ela ocupou-se abrindo a sua maleta. Ela tirou alguns materiais da Proteína em Pó da Universidade A Better You e o mini liquidificador de cortesia (no varejo ele custa US\$ 35, mas o seu sairá absolutamente de graça na sua primeira compra!) para se distrair.

"Agora," disse ela, tentando manter a calma e ignorar o frio que ainda sentia. "Você está mais interessado em perda de peso, ganho de peso, ou em manter a sua forma física atual?"

"Não sei bem," o homem disse, de pé próximo à mesa de café e olhando para os produtos. "O que você diria?"

Susan achou difícil falar. Ela agora sentiu medo e sem um motivo real.

Ela olhou para a porta. Seu coração palpitou em seu peito. Ele *trancou* a porta quando a fechou? Ela não conseguia saber isso de onde estava sentada.

Ela então percebeu que o homem ainda estava esperando por uma resposta. Ela se livrou daquele sentimento e tentou voltar ao seu papel de apresentadora do produto.

"Bem, eu não sei," ela disse.

Ela queria olhar para a porta novamente. De repente, os falsos olhos de cada bibelô de porcelana na sala pareciam estar olhando para ela - olhando para ela como um predador.

"Eu não como *muito* mal", disse o homem. "Mas meu ponto fraco é torta de limão. Eu ainda poderia comer torta de limão seguindo o seu programa de alimentação?"

"Possivelmente", disse ela. Ela examinou minuciosamente seus materiais, puxando a maleta para mais

perto dela. *Dez minutos*, ela pensou, ficando cada vez mais desconfortável com o passar de cada segundo. *Ele disse que tinha dez minutos. Eu posso consigo fazer isso por esse tempo.*

Ela encontrou o pequeno panfleto que mostrava o que o homem poderia comer durante o programa e olhou para ele para entregá-lo. Ele o pegou e quando fez isso, sua mão roçou a dela por apenas um momento.

Novamente, alertas soaram em sua cabeça. Ela tinha que sair dali. Ela nunca tinha tido tal reação ao pisar na casa de um cliente potencial, mas isso era tão avassalador que ela não conseguia pensar em outra coisa.

“Sinto muito,” disse ela, pegando a maleta e seus materiais de volta. "Mas só agora me lembrei que tenho uma reunião em menos de uma hora, e tenho que percorrer um longo caminho até o outro lado da cidade."

"Oh," ele disse, olhando para o panfleto que ela tinha acabado de entregá-lo. "Bem, eu entendo. Com certeza. Espero que possa chegar pontualmente."

“Obrigada,” disse ela rapidamente.

Ele deu para ela o panfleto e ela o pegou com a mão trêmula. Ela o colocou na maleta e começou a andar em direção à porta da frente.

Estava trancada.

“Com licença” - disse o homem.

Susan se virou, ainda com as mãos em direção à maçaneta da porta.

Ela mal viu o soco atingi-la. Tudo o que ela viu foi um punho branco que bateu em sua boca. Ela sentiu o sangue imediatamente escorrer e sentiu o gosto em sua língua. Ela diretamente caiu para trás no sofá.

Ela abriu a boca para gritar e sentiu como o lado direito de sua mandíbula estava travado. Ao tentar ficar de pé, o homem veio novamente, desta vez acertando o joelho em seu estômago. O fôlego lhe faltou e ela não pôde fazer nada, mas encolher-se, lutando para respirar. Enquanto estava assim, ela estava vagamente consciente do homem que a pegava e a jogava sobre seu ombro como se ela fosse uma impotente mulher das cavernas que ele estava arrastando de volta para a caverna dele.

Ela tentou lutar contra ele, mas ela ainda não conseguia respirar. Era como estar paralisada, como se afogar. Seu corpo inteiro parecia mole, incluindo a sua cabeça. Ela estava pingando sangue na parte de trás da camisa do homem e isso foi tudo o que viu quando ele a levou pela casa.

Em algum momento, ela percebeu que ele tinha levado ela para outra casa - uma casa que era de alguma forma anexa à que ela tinha estado há momentos atrás. Ela foi jogada no chão como um saco de pedras, batendo a cabeça em um chão de linóleo arranhado. Pontos brilhantes de dor cintilavam em seus olhos quando ela foi finalmente capaz de tomar o menor fôlego. Ela rolou, mas quando ela conseguiu ficar de pé, ele chegou lá novamente.

Seus olhos estavam ficando nebulosos, mas ela conseguiu distinguir o suficiente para ver que ele havia aberto uma espécie de pequena porta no lado de uma parede - escondida atrás de algum tipo de falso revestimento. Estava escuro lá, havia camadas de poeira e algum tipo de revestimento volumoso de isolamento pendurado com farrapos rasgados. Seu coração bateu contra seu peito como se estivesse tentando romper os ossos do tórax quando ela percebeu que ele estava levando ela para lá.

"Você estará segura aqui," o homem disse a ela enquanto se curvava e a arrastou para o espaço.

Ela estava no escuro, deitada sobre tábuas rígidas que serviam como assoalho. Tudo o que ela podia sentir era o cheiro da poeira e do seu próprio sangue, ainda escorrendo de seu nariz quebrado. O homem ... ela sabia seu nome, mas não conseguia se lembrar. Tudo era sangue e um aperto doloroso em seu peito enquanto ela ainda lutava por respirar.

Ela finalmente puxou algum ar e quis usá-lo para gritar. Mas em vez disso, ela deixou que o ar enchesse os seus pulmões, aliviando seu corpo. Naquele momento de breve alívio, ela ouviu a porta do espaço fechado se fechar em algum lugar atrás dela e então ela estava abandonada na escuridão.

A última coisa que ela ouviu antes do seu mundo se tornar escuro foi o riso dele, bem do lado de fora da porta.

"Não se preocupe," ele disse. "Tudo isso acabará logo."

CAPÍTULO UM

A chuva estava caindo com firmeza, o suficiente para que Mackenzie White não pudesse ouvir seus próprios passos. Isso era bom. Significava que o homem que ela estava perseguindo também não seria capaz de ouvi-los.

Ainda assim, ela tinha que avançar com cautela. Não só estava chovendo, mas era tarde da noite. O suspeito poderia facilmente usar a escuridão a seu favor assim como ela. E as luzes fracas e trêmulas dos postes não estavam lhe ajudando.

Com os cabelos quase encharcados e o casaco de chuva tão molhado que estava basicamente grudado nela, Mackenzie atravessou a rua deserta quase marchando. À frente dela, o seu parceiro já estava no prédio visado. Ela podia ver o contorno do corpo dele agachado ao lado da antiga estrutura de concreto. Quando ela se aproximou dele, iluminada apenas pela luz do luar e um único poste a um quarteirão de distância, ela apertou o cabo liso da sua Glock, expedida pela Academia, que carregava em suas mãos.

Ela estava começando a gostar da sensação de uma arma em suas mãos. Era mais do que uma sensação de segurança, mas algo mais próximo de um relacionamento. Quando ela segurava uma arma em suas mãos e sabia que ela iria atirar, ela sentia uma conexão íntima com a arma. Nunca havia sentido isso enquanto trabalhava como uma detetive subestimada em Nebraska; era algo novo que a Academia do FBI tinha revelado nela.

Ela chegou no prédio e se encolheu ao lado dele com seu parceiro. Aqui, pelo menos, a chuva já não a estava atingindo ela.

O nome do seu parceiro era Harry Dougan. Ele tinha vinte e dois anos, robusto e arrogante de uma maneira sutil e quase respeitável. Ela ficou aliviada ao ver que ele parecia um pouco nervoso, também.

"Você conseguiu uma boa visão do local?" Mackenzie perguntou.

"Não. Mas o cômodo da frente está claro. Você pode ver isso através da janela," disse ele, apontando à frente deles. Havia uma única janela ali, quebrada e irregular.

"Quantos cômodos?" perguntou ela.

"Três que eu saiba com certeza."

"Deixe-me liderar," disse ela. Ela se certificou de que não soava como uma pergunta. Mesmo aqui em Quantico, as mulheres tinham que ser assertivas para serem levadas a sério.

Ele gesticulou para ela ir em frente. Quando ela correu na frente dele, deslizou para a frente do edifício. Ela olhou ao redor e viu que não havia perigo. Estas ruas estavam estranhamente vazias e tudo parecia morto.

Ela fez um rápido movimento para Harry vir para a frente e ele o fez sem hesitação. Ele estava segurando firme em suas mãos a sua própria Glock, segurando-a apontando para baixo durante a perseguição, exatamente como eles tinham sido treinados para fazer. Juntos, eles se arrastaram em direção à porta da frente do prédio. Era uma laje de concreto abandonada de um algo lugar, talvez um antigo armazém ou depósito, e a porta demonstrava a idade do local. Também se tornou óbvio que o local estava aberto, uma fenda escura revelava um pedaço do interior do edifício.

Mackenzie olhou para Harry e fez uma contagem regressiva com os dedos. *Três dois... um!*

Ela pressionou as costas contra a parede de concreto enquanto Harry se abaixava, abriu a porta e entrou. Ela girou atrás dele, ambos funcionando como uma máquina bem lubrificada. Porém, quando estavam dentro do prédio, perceberam que quase não havia luz. Ela rapidamente procurou por sua lanterna na lateral do seu corpo. Quando ela estava prestes a acender a lanterna, ela parou. Um feixe de lanterna seria dar de bandeja a pista de onde eles estavam no prédio. O suspeito iria vê-los com muita antecedência e provavelmente poderia escapar... novamente.

Ela colocou a lanterna de volta na lateral do seu corpo e recuperou a liderança novamente, rastejando na frente de Harry com a Glock agora apontada para a frente em direção à porta à sua direita. Quando os

seus olhos se ajustaram à escuridão, ela pôde ver mais detalhes do lugar. Era em geral um lugar abandonado. Algumas caixas de papelão encharcadas foram pressionadas contra uma parede distante. Um cavalete e vários cabos velhos estavam descartados perto do canto de trás do cômodo. Fora isso, o cômodo central estava vazio.

Mackenzie caminhou em direção à porta à sua direita. Era realmente apenas uma porta, a porta real havia sido removida. Dentro, as sombras escondiam quase tudo. Além de uma garrafa de vidro quebrada e o que parecia ser várias fezes de rato, o cômodo estava vazio.

Ela parou e começou a olhar ao seu redor quando percebeu que o Harry estava seguindo ela muito de perto. Ela quase pisou em seus pés enquanto ela se afastava do cômodo.

"Desculpe," ele sussurrou no escuro. "Eu imaginei isso—"

Ele foi interrompido pelo som de um tiro. Imediatamente o som do tiro foi seguido por um gemido de *uuf* da boca de Harry quando ele caiu no chão.

Mackenzie encostou fortemente contra a parede quando mais uma explosão aconteceu. O tiro golpeou a parede do outro lado; ela pôde sentir o impacto dele contra as suas costas.

Ela sabia que se agisse rapidamente, poderia pegar o criminoso agora, em vez de se envolver em um tiroteio em volta da parede. Ela olhou para o Harry, viu que ele ainda estava se movendo e essencialmente coerente, e estendeu a mão para ele. Ela o puxou pela porta, fora da linha de fogo. Quando ela fez isso, outro tiro veio. Ela o sentiu logo acima de seu ombro, o ar zuniu em torno de sua capa de chuva.

Quando ela garantiu a segurança do Harry, ela não perdeu tempo e decidiu agir. Ela pegou sua lanterna, ligou-a e atirou-a pela porta. Ela bateu no chão segundos mais tarde, seu feixe branco ficou dançando descontroladamente pelo chão do outro lado da parede.

Depois do ruído estridente, Mackenzie girou seu corpo para fora da porta. Ela estava agachada, suas mãos descendo levemente pelo chão enquanto se enrolava de forma apertada e rápida. Quando ela rolou firme para a esquerda, ela viu a silhueta do criminoso precisamente à direita dela, ainda focado na luz da lanterna.

Saindo daquela posição, ela estendeu sua perna direita com uma quantidade vingativa de força. Ela acertou o criminoso na parte traseira da perna, logo abaixo do joelho. O suspeito se dobrou um pouco e isso era tudo o que ela precisava. Ela se ergueu e envolveu seu braço direito ao redor do pescoço dele enquanto ele perdeu a firmeza e o levou para o chão. Com o joelho no plexo solar dele e um movimento hábil com o braço esquerdo, o criminoso caiu, foi pego e rapidamente desarmado pois a sua espingarda caiu no chão.

De um outro lugar dentro do antigo edifício, uma voz alta disse, "*Mãos ao alto!*"

Uma série de lâmpadas brancas brilhantes estalaram com cliques audíveis, inundando o edifício em luz.

Mackenzie se levantou e olhou para o suspeito. Ele estava sorrindo para ela. Era um rosto familiar—um que ela viu em seus módulos de treinamento várias vezes, geralmente berrando ordens e instruções aos estagiários de agente.

Ela estendeu a mão e ele a pegou de onde estava no chão. "Trabalho bom para caralho, White."

"Obrigada," disse ela.

Por trás dela, Harry cambaleou para frente, com as mãos no estômago. "Estamos absolutamente certos de que eles estão apenas embalando sacos de feijão naquelas coisas?" ele perguntou.

"Não só isso, mas estes são de um nível baixo", disse o instrutor. "Da próxima vez vamos usar motins."

"Maravilha," Harry sussurrou.

Algumas pessoas começaram a encher o cômodo assim que a corrida de Hogan's Alley chegou ao fim. Foi a terceira sessão de Mackenzie em Alley, uma maquete de uma rua abandonada que foi fortemente

usada pelo FBI no treinamento de estagiários de agente para situações reais.

Enquanto dois instrutores estavam ao lado de Harry, contando para ele o que tinha feito de errado e como ele poderia ter evitado ser baleado, outro instrutor se dirigiu diretamente para Mackenzie. Seu nome era Simon Lee, um homem mais velho que parecia que a vida tinha lhe dado um limão e ele fez dele uma limonada.

“Trabalho incrível, agente White,” disse ele. “O seu rolamento foi tão rápido que eu mal vi. Ainda assim... foi um pouco imprudente. Se houvesse mais de um suspeito aqui, o final poderia ter sido totalmente diferente.

“Sim senhor. Eu entendo.”

Lee sorriu para ela. “Eu sei que sim,” ele disse. “Eu lhe digo, já na metade do seu ciclo de treinamento, que eu estou maravilhado com o seu progresso. Você será uma excelente agente. Bom trabalho.”

“Obrigado, senhor,” disse ela.

Lee retirou-se e dirigiu-se para outro lugar no edifício, falando com outro instrutor. Quando eles começaram a sair, Harry se aproximou dela, ainda fazendo careta.

“Muito bem”, disse ele. “Não me magoa tanto quando a pessoa que se sobressai é excepcionalmente linda.”

Ela revirou os olhos para ele e colocou a Glock na cintura. “A adulação é inútil,” disse ela. A adulação, como dizem, não lhe leva a lugar nenhum.”

“Eu sei,” Harry disse. “Mas pelo menos ela me faria merecer um drinque?”

Ela sorriu. “Se você pagar.”

“Sim, eu pago”, ele concordou. “Eu não quero que você acabe comigo.”

Eles saíram do edifício e voltaram para a chuva. Agora que o treinamento acabou, a chuva estava quase refrescante. E com vários instrutores e agentes consultores passando de lá para cá para terminar a noite, ela finalmente se permitiu sentir orgulho de si mesma.

Passadas onze semanas, ela tinha passado pela maioria da parte orientada em sala de aula do treinamento da Academia. Ela estava quase lá...a cerca de nove semanas de encerrar o curso e potencialmente se tornar uma agente de campo para o FBI.

De repente, ela se perguntou por que ela esperou tanto tempo para deixar Nebraska. Quando o Ellington a recomendou para a Academia, isso foi essencialmente a sua oportunidade de ouro, o empurrão que ela precisava para testar a si mesma, para sair da sua zona de conforto. Ela tinha se livrado do trabalho, do namorado, do apartamento...e ela começou uma nova vida.

Ela pensou naquela extensão plana de terra, nos campos de milho e nos céus azuis abertos que ela deixou para trás. Enquanto eles mantinham sua própria beleza, isso tinha sido, de certo modo, uma prisão para ela.

Tudo havia passado agora.

Agora que ela estava livre, não havia nada para detê-la.

*

O resto do seu dia continuou com treinamento físico: flexões, corridas, abdominais, mais corridas e levantamento de pesos variados. Durante os seus primeiros dias na Academia, ela odiava esse tipo de treinamento. Mas, como o seu corpo e a sua mente tinham se acostumado a isso, parecia para ela que aquilo era, na verdade, algo desejado.

Tudo foi feito com velocidade e precisão. Ela fez cinquenta flexões de uma maneira tão rápida que ela nem teve consciência da inflamação na parte superior do seu braço acabar essa parte e se dirigir para a pista com obstáculos lamacentos. Em quase qualquer tipo de atividade física, ela entrava com a

mentalidade de que ela não estava realmente dando o melhor de si, até que seus braços e pernas começassem a tremer e seu abdominal se sentisse como placas de carne serrilhada.

Havia sessenta estagiários em sua unidade e ela era uma das somente nove mulheres. Isso não a incomodava, provavelmente porque Nebraska a tinha endurecido o suficiente para ela não se importar muito com o gênero das pessoas com quem trabalhava. Ela simplesmente evitava problemas e trabalhava para extrair o melhor de suas habilidades, ela não ficava muito orgulhosa em dizer isso, mas eram bastante excepcionais.

Quando a instrutora falou o tempo do seu último circuito—uma corrida de um pouco mais de três quilômetros por caminhos enlameados e floresta—a turma se separou e seguiu caminhos separados. Mackenzie, por outro lado, sentou-se em um dos bancos ao longo da borda do percurso e esticou as pernas. Com nada mais acontecendo durante o dia e ainda entusiasmada com o seu sucesso em Hogan Alley, ela imaginou sair para uma última corrida.

Por mais que odiasse admitir, ela se tornou uma daquelas pessoas que gosta de correr. Mesmo que ela não se inscrevesse em qualquer maratona temática, ela já estava apreciando a atividade. Fora das voltas na pista de corrida e dos cursos exigidos em seu treinamento, ela encontrou tempo para correr ao longo das trilhas arborizadas do campus que estavam a quase dez quilômetros da matriz do FBI e, subsequentemente, e a aproximadamente doze quilômetros de seu apartamento novo de Quantico.

Com a sua camiseta regata de treinamento encharcada de suor e uma vermelhidão em seu rosto, ela completou seu dia com uma corrida final em torno da pista de obstáculos, deixando as ladeiras, troncos caídos e redes de fora. Ao fazê-lo, ela notou dois homens diferentes observando-a—não era uma observação do tipo admiração sexual, mas uma espécie de admiração que, francamente, a estimulava.

Embora, verdade seja dita, ela não se importaria com alguns olhares luxuriosos aqui e ali. Este novo corpo esbelto que ela conquistou trabalhando tão duro merecia ser apreciado. Era estranho sentir-se tão confortável em sua própria pele, mas ela estava gradualmente passando a se sentir assim. Ela sabia que Harry Dougan também apreciava ela. Mas até agora, ele não disse nada. Mesmo que ele *dissesse* alguma coisa, Mackenzie não sabia o que responderia.

Quando sua última corrida (por volta de três quilômetros) acabou, ela tomou banho nas instalações de treinamento e pegou um pacote de biscoitos da máquina de guloseimas ao sair. Ela tinha o resto do dia à sua disposição; quatro horas para fazer o que quisesse antes de correr na esteira da academia—uma nova rotina em que ela conseguiu iniciar para ficar um passo à frente de todos os outros.

O que fazer com o resto do seu dia? Talvez ela pudesse finalmente terminar de desempacotar suas coisas. Havia ainda seis caixas fechadas com fita adesiva em seu apartamento. Isso seria a coisa inteligente a se fazer. Mas ela também se perguntou o que Harry estava tramando fazer esta noite, se ele manteria o convite para tomar algo. Ele quis dizer esta noite ou qualquer outra noite?

E, além disso, ela se perguntou o que o Agente Ellington estava fazendo.

Ela e Ellington quase se encontraram algumas vezes, mas nunca aconteceu—provavelmente foi melhor assim, no que diz respeito à Mackenzie. Ela poderia passar o resto da vida sem ser lembrada do constrangimento ocorrido entre eles em Nebraska.

Enquanto tentava decidir o que fazer à tarde, ela caminhou até o seu carro. Quando ela enfiou a chave na fechadura, viu um rosto familiar correndo. A corredora, uma colega de treinamento chamado Colby Stinson, a viu olhando e sorriu. Ela correu até o carro de Mackenzie com uma energia que fez Mackenzie pensar que Colby estava começando a sua corrida, não terminando-a.

“Ei,” disse Colby. “A turma te deixou para trás?”

“Não. Eu fiz uma corrida extra.”

“Certo, claro que você fez.”

“O que você quer dizer com isso? Perguntou Mackenzie. Ela e Colby se conheciam bem, embora fosse arriscado dizer que elas eram *amigas*. Ela nunca tinha certeza de quando Colby estava sendo

engraçada ou tentando aborrecê-la.

“Isso significa que você é super determinada e um tipo de pessoa realizadora que não mede esforços para alcançar o que quer”, disse Colby.

“Se sentindo culpada.”

“Então, o que você está fazendo?” Colby perguntou. Ela em seguida apontou para o pacote de biscoitos na mão de Mackenzie. “Isso é o seu almoço?”

“É,” disse ela. “Triste, né?”

“Um pouco. Por que não pegamos alguma coisa? Pizza parece uma ótima ideia para mim.”

Pizza parecia bom para Mackenzie, também. Mas ela realmente não sentia vontade de sofrer com toda aquela conversa fiada, especialmente porque aquela mulher tendia para o lado fofoqueiro da conversa. No entanto, por outro lado, ela também sabia que ela precisava de mais em sua vida do que apenas treinar, treinar mais ainda, e se esconder em seu apartamento.

"Sim, vamos", disse Mackenzie.

Foi uma pequena vitória—sair de sua zona de conforto e tentar fazer amigos neste novo lugar, neste novo capítulo de sua vida. Mas a cada passo, uma nova página era virada e ela estava, francamente, ansiosa para começar a escrever a sua história.

*

Donnie's Pizza Place era uma pizzeria que estava com metade de sua capacidade de clientes no momento em que Mackenzie e Colby chegaram lá à tarde, a multidão do almoço estava diminuindo. Elas pegaram uma mesa na parte de trás do local e pediram uma pizza. Mackenzie se permitiu relaxar, descansando suas pernas e braços doloridos, mas não conseguiu aproveitar por muito tempo.

Colby sentou-se e suspirou. "Então, podemos falar sobre o *abacaxi* que ninguém quer descascar?"

“Há um *abacaxi*?” Perguntou Mackenzie.

“Há, disse Colby." Mas se veste preto e mistura estilos na maior parte do tempo."

“Certo”, disse Mackenzie. Explique-me sobre esse *abacaxi*. E também me diga por que você esperou até agora para falar sobre isso.”

"Algo que eu nunca lhe disse é que no primeiro dia em que você apareceu na Academia, eu sabia quem você era. Quase todo mundo sabia. Havia muitos rumores. E é por isso que eu esperei até agora para te contar. Quando chegarmos ao final, eu não sei como isso afetará as coisas."

“Quais rumores?” Perguntou Mackenzie, com a certeza de que já sabia aonde isso iria chegar.

“Bem, as partes importantes são sobre o Assassino de Espantalho e a dócil mocinha que conseguiu pegá-lo. Uma mocinha que era tão boa como detetive em Nebraska que o FBI a chamou.”

"Essa é uma versão bastante gloriosa, mas sim ... Eu reconheço o problema. Você disse *as partes importantes*, no entanto. Existem outras partes?"

Colby, de repente, pareceu desconfortável. Ela colocou nervosamente uma mecha de seu cabelo castanho atrás da orelha. "Bem, comentam. Eu ouvi que algum agente ajudou você para que fizesse parte do grupo. E... Bem, estamos em um ambiente masculino. Você pode imaginar como são esses rumores."

Mackenzie revirou os olhos, sentindo-se envergonhada. Ela nunca tinha parado para se perguntar quais tipos de rumores silenciosos poderiam ter circulado sobre ela e Ellington, o agente que tinha realmente desempenhado um papel importante para levá-la para o FBI.

“Desculpe-me”, disse Colby. “Eu deveria ter te contado?”

Mackenzie encolheu os ombros. "Tudo bem. Acho que todos temos nossas histórias."

Aparentemente sentindo que ela poderia ter falado demais, Colby olhou para a mesa e tomou nervosamente um pequeno gole do seu refrigerante. "Desculpe-me," ela disse suavemente. "Eu só achei que você deveria saber. Você é a primeira amiga de verdade que eu fiz aqui e eu queria ser o mais direta

possível."

"Idem," disse Mackenzie.

"Estamos bem?" Perguntou Colby.

"Sim. Agora que tal você lançar outro assunto para nós conversarmos a respeito?"

"Ah, isso é fácil," disse Colby. "Conte-me sobre você e o Harry."

"Harry Dougan?" Perguntou Mackenzie.

"Sim. O aspirante a agente que parece despir você com os olhos todas as vezes em que vocês estão no mesmo ambiente.

"Nada a dizer," disse Mackenzie.

Colby sorriu e revirou os olhos. "*Então, tá.*"

"Não, é sério. Ele não faz o meu tipo.

"Talvez você não seja tipo *dele*," salientou Colby. "Talvez ele só queira te ver nua. Eu me pergunto... que tipo você *é*? Profundo e psicológico, aposto.

"Por que você diz isso?" Mackenzie perguntou.

"Por causa de seus interesses e tendência para se destacar em cursos e cenários de análise de perfis."

"Eu acho que esse é um equívoco comum sobre qualquer pessoa interessada em perfis", disse Mackenzie. "Se você precisar de provas, eu posso lhe mostrar pelo menos três homens mais velhos na Polícia do Estado de Nebraska."

A conversa se direcionou para o mundano depois disso—suas turmas, seus instrutores, e assim por diante. Mas, enquanto isso, Mackenzie fervia por dentro. Os rumores que Colby tinha mencionado eram a razão exata pela qual ela tinha decidido ficar discretamente fora dos olhares de todos. Ela não fez muitos amigos—uma decisão que *deveria* ter lhe dado tempo suficiente para arrumar o seu apartamento.

E dentro disso tudo estava o Ellington... O homem que foi para Nebraska e mudou o seu mundo. Parecia clichê pensar tal coisa, mas é essencialmente o que aconteceu. E o fato de que ela ainda não conseguia tirá-lo da cabeça lhe dava uma leve náusea.

Mesmo enquanto ela e Colby compartilhavam gentilezas enquanto terminavam o almoço, Mackenzie se perguntou o que Ellington estava tramando. Ela também se perguntou o que *ela* estaria fazendo agora se ele não tivesse ido para Nebraska durante a sua tentativa de pegar o Assassino Espantalho. Não era uma imagem agradável: provavelmente ela ainda estaria dirigindo por aquelas agonizantemente estradas retas, cercadas pelo céu, campos ou milho. E ela provavelmente seria parceria de algum idiota machista que fosse apenas uma versão mais jovem e mais teimosa do Porter, seu antigo parceiro.

Ela não sentia falta de Nebraska. Ela não sentia falta das rotinas de trabalho que ela havia feito ali, e certamente não sentia falta da mentalidade local. O que ela *realmente* sentia falta, porém, era saber que ela se enquadrava. Mais do que isso, ela estava no nível mais alto dentre as pessoas do seu departamento. Aqui em Quantico, isso não era assim. Aqui, ela tinha uma competição maciça e tinha que lutar para ficar no topo.

Felizmente, ela estava mais do que disposta a enfrentar o desafio e estava feliz por deixar para trás o Assassino Espantalho e sua vida antes de prendê-lo.

Agora, seria bom se ela apenas conseguisse fazer os pesadelos pararem.

CAPÍTULO DOIS

A manhã seguinte começou brilhante e bem cedo com treinamento de armas, Mackenzie estava descobrindo ser bastante experiente naquilo. Ela sempre atirou bem, mas com as instruções adequadas e uma turma de vinte e dois outros candidatos esperançosos competindo com ela, Mackenzie ficou assustadoramente boa. Ela ainda preferia a Sig Sauer que usava em Nebraska e ficou satisfeita ao descobrir que padrão do FBI era uma Glock—não muito diferente.

Ela olhou para o alvo de papel no final do corredor de tiro. Uma longa folha de papel estava pendurada, imóvel, de um cabide mecânico a 18 metros de distância. Ela apontou, disparou três vezes em rápida sucessão, e depois colocou a arma para baixo. Em suas mãos o som dos tiros era alto e vivo, uma sensação que ela passou a desfrutar.

Quando a luz verde na parte de trás do corredor deu à ela permissão, ela apertou um botão no pequeno painel à sua frente e trouxe o alvo. Ele se moveu para frente e quando ela se aproximou, ela pôde ver onde os três buracos estavam no alvo de papel. Era a representação da figura de um homem da cintura para cima. Dois tiros acertaram alto no peito enquanto o outro tinha roçado o ombro esquerdo. Esses foram bons tiros (não ótimos) e enquanto ela estava um pouco desapontada com os tiros disparados no peito, ela sabia que estava se saindo muito melhor do que durante a sua primeira sessão da escala de tiros.

Onze semanas. Ela já estava aqui há onze semanas e ainda estava aprendendo. Ela estava chateada com os disparos no peito, porque aqueles poderiam ser fatais. Ela tinha sido treinada para atirar apenas com o intuito de derrubar suspeito—para dar o tiro fatal no peito ou na cabeça apenas na pior das circunstâncias.

Seu instinto estava melhorando. Ela sorriu para o alvo de papel e então olhou para a pequena caixa de controle à frente dela onde uma caixa de munição estava à sua espera. Ela recarregou a Glock e pressionou um botão para enviar outro alvo. Ela deixou que este voltasse certa de vinte e três metros.

Esperou que a luz vermelha no painel se tornasse verde e depois voltasse para trás. Respirou fundo, girou e disparou mais três tiros.

Uma fileira organizada de buracos de bala se formou logo abaixo do ombro da figura.

Muito melhor, pensou Mackenzie.

Satisfeita, tirou os protetores de ouvido e olhos. Ela então arrumou a sua estação e apertou outro botão no painel de controle que trouxe o alvo para a frente através do sistema motorizado de roldanas que carregava os alvos. Ela pegou o alvo, dobrou-o e colocou-o na pequena sacola de livros que carregava para todos os lugares.

Ela estava vindo para a sessão de tiros durante o seu tempo livre para afiar as habilidades em que ela sentia que estava um pouco aquém, em comparação com os outros da sua turma. Ela era uma das mais velhas lá e os rumores já haviam circulado—rumores sobre como ela tinha sido achada em um pequeno e miserável departamento policial em Nebraska logo após ter resolvido o caso do Assassino Espantalho. Ela estava na média daquela turma, assim como a sua habilidade com armas de fogo e estava determinada a estar entre os melhores no momento em que sua formação na Academia chegasse ao fim.

Tinha que provar a si mesma. E isso era tranquilo para ela.

*

Depois da sessão de tiro, Mackenzie não perdeu tempo para ir ao seu último curso em turma, uma sessão sobre psicologia que foi ministrada por Samuel McClarren. McClarren era um ex-agente de

sessenta e seis anos de idade e autor de best-sellers, tendo escrito seis bestsellers do *New York Times* sobre a composição psicológica de alguns dos assassinos em série mais cruéis dos últimos cem anos. Mackenzie já tinha lido tudo o que aquele homem tinha escrito e podia ouvi-lo dando palestras durante horas a fio. Era, sem dúvidas, o seu curso favorito e, embora o diretor assistente tivesse sentido que ela não precisava do curso com base em seu currículo e história de trabalho, ela aceitou ansiosamente a chance de participar desse curso.

Como de costume, ela estava entre as primeiras na classe, sentada próximo à frente. Ela preparou seu caderno e caneta enquanto alguns outros entraram e montaram seus MacBooks. Enquanto ela esperava, Samuel McClarren subiu ao pódio. Atrás de Mackenzie, a turma de quarenta e dois alunos esperava cheia de expectativa; cada um deles parecia se apegar em cada uma das palavras ditas por McClarren.

"Encerramos ontem as construções psicológicas que acreditávamos ter conduzindo o assassino Ed Gein, para o deleite de alguns de vocês com estômagos mais fracos," disse McClarren. "E hoje, não será muito melhor, à medida que mergulharmos na mente, muitas vezes subestimada e ainda incrivelmente cruel de John Wayne Gacy. Vinte e seis vítimas registradas, mortas por estrangulamento ou asfixia por meio de um torniquete. Das tábuas abaixo de sua casa ao rio Des Plaines, ele espalhou suas vítimas em vários pontos depois de mortas. E claro, há o que a maioria das pessoas pensam quando ouvem o seu nome—a maquiagem de palhaço. Na sua essência, o caso de Gacy é um breve curso sobre rupturas psicológicas."

E assim foi a aula, McClarren falando enquanto os estudantes febrilmente tomavam notas. Como de costume, o período de uma hora e quinze minutos passou velozmente e Mackenzie sentiu vontade de ouvir mais. Em algumas ocasiões, a aula de McClarren trouxe lembranças de sua caça ao Assassino Espantalho, particularmente quando ela revisitou os locais dos assassinatos em uma tentativa de entrar na mente do assassino. Ela sempre soube que tinha um talento especial para esse tipo de coisa, mas tinha tentado mantê-lo em silêncio. Isso a assustava de vez em quando e era um pouco mórbido, então ela mantinha isso em segredo.

Quando a sessão terminou, Mackenzie empacotou suas coisas e foi para a porta. Ela ainda estava processando a palestra enquanto atravessava o corredor e não viu o homem parado junto à entrada da porta. Na verdade, ela não o notou até que ele chamou o seu nome.

"Mackenzie! Ei, espere."

Ela parou ao som de seu nome, virando-se e percebendo um rosto familiar na pequena multidão.

A agente Ellington estava atrás dela. Vê-lo foi uma surpresa que a deixou literalmente imóvel por um momento, tentando descobrir por que ele estava aqui. Como ela permaneceu congelada, ele lhe deu um sorriso tímido e se aproximou dela rapidamente. Outro homem estava com ele, atrás dele.

"Agente Ellington," disse Mackenzie. "Como você está?"

"Estou bem," disse ele. "Você?"

"Muito bem. O que você está fazendo aqui? Um curso de reciclagem?" Ela perguntou, tentando injetar algum humor na conversa.

"Não, não muito," disse Ellington. Ele lhe deu outro sorriso e isso a fez lembrar mais uma vez por que ela se arriscou e fez papel de boba com ele há três meses. Ele gesticulou para o homem ao lado dele e disse: "Mackenzie White, gostaria que você conhecesse o Agente Especial Bryers."

Bryers deu um passo à frente e estendeu a mão. Mackenzie apertou a mão dele enquanto gastou algum tempo para estudar o homem. Ele parecia estar na casa dos cinquenta. Ele tinha um bigode quase cinza e olhos azuis amigáveis. Ela podia dizer imediatamente que ele era provavelmente do tipo gentil e um dos verdadeiros cavalheiros do sul sobre os quais ela ouviu tanto falar desde que se mudou para a Virgínia.

"Prazer em conhecê-la," Bryers disse enquanto eles se apertavam as mãos.

Depois da apresentação, Ellington estava de volta. "Você está ocupada agora?" Ele perguntou Mackenzie.

"Não no momento," respondeu ela.

"Bem, se você tiver um minuto, o Agente Bryers e eu gostaríamos de falar com você sobre uma coisa."

Mackenzie viu o brilho da dúvida no rosto de Bryers enquanto Ellington dizia isso. Pensando nisso, Bryers parecia um pouco desconfortável. Talvez fosse por isso que ele parecia tão tímido.

"Claro," ela disse.

"Vamos," Ellington disse, acenando para a pequena área de estudo perto da parte de trás do edifício. "Vou comprar um café para você."

Mackenzie se lembrou da última vez que Ellington mostrou tanto interesse por ela; isso a levou até aqui, perto do sonho de ser uma agente do FBI e viver no fluxo e refluxo de tudo aquilo. Portanto, segui-lo fazia muito sentido agora. Ela fez isso, lançando um olhar para o agente Bryers enquanto eles caminhavam e se perguntando por que ele parecia tão desconfortável.

*

"Então, você está bem perto, não é?" Ellington perguntou enquanto os três se sentavam com as xícaras de café que Ellington comprou na pequena cafeteria.

"Faltam oito semanas," disse ela.

"Contra-terrorismo, quinze horas de simulação, e cerca de doze horas de tiro, certo?" Ellington perguntou.

"E como você sabe isso?" Perguntou Mackenzie, preocupada.

Ellington encolheu os ombros e deu um sorriso. "Eu fiz disso o meu hobby, uma forma de manter informações sobre você desde que chegou aqui. Eu a recomendei, sendo assim 'o meu' que está na reta. Você está impressionando a quase todos os que de fato tem importância. Tudo é realmente apenas uma questão de formalidade neste momento. A menos que você consiga arruinar essas últimas oito semanas, eu diria que você é tão boa que já está dentro."

Ele respirou fundo e pareceu se preparar.

"O que nos leva a querer falar com você. O Agente Bryers está aqui em uma situação um pouco difícil e pode precisar de sua ajuda. Mas vou deixar que ele explique isso para você."

Bryers ainda parecia inseguro naquela situação. Isso foi demonstrado quando ele colocou a sua café xícara na mesa e levou alguns segundos para começar a falar.

"Bem, quando o Agente Ellington diz, você *tem* impressionado as pessoas importantes. Nos últimos dois dias, o seu nome surgiu três vezes.

"Em que circunstâncias?" Perguntou ela, um pouco nervosa.

"Estou em um caso agora, e o meu parceiro de treze anos está se afastando," explicou Bryers. "Ele está perto da idade de se aposentar de qualquer maneira, então não é uma grande surpresa."

Eu amo o cara como um irmão, mas ele já fez o suficiente. Ele já viu o suficiente durante seus vinte e oito anos como agente e não queria mais um pesadelo seguindo-o até a aposentadoria. De modo que, naturalmente, deixa uma porta aberta para que um parceiro entre e ocupe o seu lugar. Não seria uma parceria permanente—apenas o suficiente para concluir esse caso."

Mackenzie sentiu uma vibração de excitação em seu coração e soube que tinha que mantê-la sob controle antes que sua necessidade de agradar e impressionar tomasse conta. "É por isso que o meu nome surgiu?" Ela perguntou.

"Isso mesmo," disse Bryers.

"Mas tem que haver vários agentes experientes que poderiam desempenhar esse papel melhor do que eu."

"Provavelmente *há* agentes mais apropriados," disse Ellington com naturalidade. "Mas, tanto quanto podemos dizer, este caso espelha o caso do Assassino Espantalho sob vários aspectos. Isso, além do fato de que o seu nome está circulando, há um monte de veteranos pensando que você seria a indicação

perfeita.”

“Mas ainda não sou uma agente,” observou Mackenzie. “Quero dizer, com algo assim, você pode realmente esperar oito semanas?”

“Não estaríamos esperando,” disse Ellington. “E com o risco de soar afetado, esta não é uma oferta que o FBI entregaria a qualquer um. Uma oportunidade como esta—bem, eu apostaria que qualquer um daquela turma que você acabou de sair mataria para tê-la. É incrivelmente pouco ortodoxo e algumas pessoas importantes estão vendo isso de um outro jeito.”

“Parece... Antiético”, disse Mackenzie.

“É,” disse Ellington. “É *tecnicamente* ilegal de algumas maneiras. Mas não podemos ver além das semelhanças entre este caso e o que você resolveu em Nebraska. É discretamente colocar você no caso agora ou esperar cerca de três ou quatro dias e torcer para alinharmos o Agente Bryers com um novo parceiro. E o tempo urge.”

Claro que ela queria a oportunidade, mas parecia muito rápido. Parecia precipitado.

“Eu tenho tempo para pensar a respeito?” Ela perguntou.

“Não”, disse Ellington. “Na verdade, depois da reunião, vou levar os arquivos do caso para o seu apartamento. Vou lhe dar algumas horas para analisá-los e, em seguida, entrar em contato com você no final do dia para uma resposta. Mas, Mackenzie... Eu fortemente sugiro que você pegue o caso.”

Ela sabia que sim, mas não queria parecer muito ansiosa ou arrogante. Além disso, havia um certo grau de nervosismo que estava começando a aparecer. Este era o grande momento. E para um agente tão experiente como Bryers querer a sua ajuda... Bem, isso era simplesmente incrível.

“Aqui está o essencial”, disse Bryers, inclinando-se sobre a mesa e baixando a voz. “Até agora, temos dois corpos que apareceram no mesmo aterro sanitário. Ambos eram de mulheres jovens—uma tinha vinte e dois e a outra dezenove. Elas foram encontradas nuas e com contusões por todo o corpo. Eles mostravam sinais de abuso sexual, mas nenhum vestígio de fluidos corporais. Os corpos apareceram com um intervalo de cerca de dois meses e meio, mas o fato de que eles apareceram no mesmo lixão com o mesmo tipo de hematomas...”

“Não é uma coincidência,” disse Mackenzie, pensando no assunto.

“Não, provavelmente não”, disse Bryers. “Então, diga para mim... Vamos imaginar que este caso seja seu. Acabou de ser entregue a você. Qual seria a primeira coisa que você faria?”

Levou menos de três segundos para conseguir uma resposta. Quando a deu, ela se sentiu deslizando para uma espécie de zona de conforto—uma sensação de que ela *sabia* que estava certa. Se havia alguma dúvida de que ela aceitaria essa oportunidade, ela foi excluída quando deu sua resposta.

“Eu começaria no aterro”, disse ela. “Eu gostaria de ver a área com os meus próprios olhos. Eu gostaria, então, de falar com os membros da família. As duas mulheres eram casadas?”

“A de vinte e dois anos,” disse Ellington. “Ela foi casada por dezesseis meses.”

“Então, sim,” disse Mackenzie. “Eu começaria no aterro e depois falaria com o marido.”

Ellington e Bryers conversaram com se entreolhando. Ellington acenou com a cabeça e bateu na mesa com as mãos. “Você está dentro? Ele perguntou.

“Estou dentro,” disse ela, incapaz de conter sua excitação durante muito mais tempo.

“Que bom,” disse Bryers. Ele enfiou a mão no bolso e espalhou um conjunto de chaves sobre a mesa. “Não faz sentido desperdiçar tempo. Vamos.”

CAPÍTULO TRÊS

Eram 13:35 quando chegaram ao aterro. O trinta graus de temperatura daquele dia aumentavam o fedor do lugar, e o moscas faziam um baralho tão alto que parecia uma música bizarra. Mackenzie tinha dirigido enquanto Bryers estava sentado no banco do passageiro, contando para ela os detalhes do caso.

Quando eles saíram do carro e se aproximaram dos lixões, Mackenzie achou que Bryers estava um tanto travado. Ele era, na maioria das vezes, o tipo de homem que faz tudo conforme as regras. Ele não falaria sobre o seu desconforto, mas ele estava extremamente nervoso por ela ter ido até lá com ele, embora aqueles que sabiam do fato tivessem aprovado a situação ignorando as regras. Era evidente em sua postura e nos olhares fugazes que ele lançava para Mackenzie.

Mackenzie caminhou lentamente enquanto Bryers se aproximava das grandes lixeiras verdes. Ele andou em direção a elas como se ele trabalhasse lá. Ela precisava lembrar que ele já esteve naquele cenário. Ele sabia o que esperar, fazendo-a se sentir como uma novata—o que ela era, na verdade.

Ela levou um momento para realmente estudar o local, nunca tinha dedicado tempo para estudar aterros anteriormente. A área em que ela e Bryers atualmente estavam—a parte do aterro possível de se transitar—era, de fato, nada mais do que um lixão. Seis lixeiras metálicas de tamanho econômico estavam alinhadas no local, tudo ajustado dentro de um espaço vazio dentro dos terrenos. Atrás dos aterros, ela podia ver a área abaixo, onde os caminhões do estado vinham pick up the haul. Para ter acesso às áreas ocultas que escondiam a maioria das lixeiras, a entrada pavimentada e o lote tinham a forma de uma bem conservada; a área em que ela e Bryers atualmente estavam era o topo enquanto a estrada através do aterro levava mais para trás, para o entorno, e fazia a travessia dos carros para fora dali, por trás das lixeiras, saindo em uma estrada que os levava de volta para a rodovia.

Mackenzie examinou o chão. Onde ela se encontrava nada mais era do que uma poeira amontoadada que revelava um cascalho e, em seguida, piche do outro lado das lixeiras. Ela estava de pé na parte da poeira olhando para as faixas de pneus que estavam incorporadas como impressões de fantasmas ao longo do chão. A passagem entrecruzada e desordenada de inúmeras faixas de pneus dificultaria muito a identificação de uma impressão confiável. Estava seco e quente ultimamente; a última chuva tinha sido por volta de uma semana atrás e tinha sido apenas um chuveiro. O solo seco tornaria isso significativamente mais difícil.

Sentir que conseguiriam impressões adequadas naquela bagunça seria quase impossível, ela se juntou ao Bryers na parte do aterro onde que ele estava de pé.

"O corpo foi encontrado aqui," disse Bryers. "Os peritos já levantaram as amostras de sangue e pegaram as impressões. O nome da vítima era Susan Kellerman, de vinte e dois anos, residente de Georgetown."

Mackenzie assentiu, sem dizer nada. Ela mudou suas prioridades enquanto olhava para o lixo. Ela estava trabalhando com pessoas do FBI agora, então ela se sentiu confortável pulando alguns passos à frente. Ela não desperdiçaria seu tempo procurando o óbvio. Aqueles que tinham vindo antes dela—provavelmente incluindo Bryers—já haviam feito a parte chata do trabalho. Portanto, Mackenzie tentou se concentrar na parte confusa... Sobre as coisas que poderiam ter sido negligenciadas.

Depois de cerca de um minuto olhando ao redor da área, Mackenzie achou que sabia tudo o que havia para saber ali. E até agora, não era muito.

"Então, me diga," disse Bryers. "Se você tivesse que adivinhar, qual é o significado do assassino despejar os corpos aqui?"

"Eu não acho que é uma questão de conveniência," disse Mackenzie. "Eu acho que ele está tentando fazer as coisas com segurança. Ele está descartando os corpos aqui porque ele quer se livrar deles. Eu também acho que ele vive nas proximidades... Não mais do que trinta ou cinquenta quilômetros daqui. Eu não acho que ele dirigiria para tão longe apenas para se desfazer de um corpo... Especialmente à noite."

“Por que à noite?” perguntou Bryers.

Mackenzie sabia que ele a estava testando e ela não se importava. Devido à incrível oportunidade que ela recebeu, ela esperava algumas saudáveis provocações.

"Porque ele quase *teria* que vir durante a noite para despejar um corpo. Fazer isso à luz do dia, enquanto há trabalhadores seria burrice."

"Então você acha que ele é inteligente?"

"Não necessariamente. Ele é cauteloso e cuidadoso. E isso não é o mesmo que *inteligente*."

"Eu vi você vasculhando para encontrar pegadas," disse ele. "Nós tentamos e não havia nada. Há muitas, excessivas."

"Sim, seria difícil," disse ela. "Claro, como eu disse, eu acho que o corpo foi despejado depois de horas. É essa a sua suposição?"

"É."

"Então não haveria impressões aqui," observou Mackenzie.

Ele sorriu para ela. "Isso mesmo", disse ele. "Nenhuma marca de pneu. Mas *pegadas*. Não que isso importe. Há também muitas delas."

Mackenzie assentiu com a cabeça, sentindo-se burra por não ter percebido um fato tão óbvio. Mas imediatamente, isso desviou a sua mente para um curso diferente.

"Bem, não é como se ele carregasse o corpo nos ombros", disse Mackenzie. "Suas marcas de pneus estariam por aí em algum lugar. Não aqui, mas talvez logo após do portão. Poderíamos então tentar comparar e contrastar rastros interrompidos fora do portão e rastros aqui nesta poeira. Podemos até mesmo olhar logo ao redor da borda da cerca em busca de qualquer indicação de impacto de onde ele quase certamente jogou ou deixou cair o corpo."

"Esse é um bom raciocínio", disse Bryers, claramente se divertindo. "Esse é um detalhe que os caras do laboratório de impressões conseguiram, mas eu consegui negligenciá-lo. Mas sim, você está certa. Ele teria que parar o carro fora do portão. Então o raciocínio é que se nós acharmos rastros que seguem pelo portão, param e retornam, então poderia ser nosso cara."

"*Pode ser*," disse Mackenzie.

"Então você está pensando na direção certa, mas não há nada de novo. O que mais você tem?"

Ele não estava sendo rude ou desprezível; ela sabia disso pelo seu tom. Ele estava simplesmente tentando encorajá-la, para motivá-la a continuar.

"Sabemos quantos veículos passam por aqui em um determinado dia?"

"Aproximadamente cento e dez ou mais," disse Bryers. "Ainda assim, se pudermos conseguir impressões que chegam perto do portão e depois *acabam*..."

"Poderia ser um começo."

"Essa é a nossa esperança", disse Bryers. "Temos uma equipe trabalhando nisso desde ontem à tarde e ainda não temos pistas."

"Eu posso dar uma olhada se você quiser," disse Mackenzie.

"Faça isso se quiser", disse Bryers. "Mas você está trabalhando com o FBI agora, Senhora. White. Não exagere se houver outro departamento que possa lidar com isso melhor do que você."

Mackenzie olhou de volta para a caçamba, tentando entender as formas trituradas de lixo lá dentro. Uma jovem tinha estado lá recentemente, seu corpo nu e um pouco espancado. Ela tinha sido descartada no mesmo lugar onde as pessoas despejavam suas lixeiras, as coisas que não precisam mais. Talvez o assassino estivesse tentando considerar que as mulheres que ele matou não eram melhores do que lixo doméstico.

Ela quase desejou ter estado aqui quando Bryers e seu amigo, prestes a se aposentar, apareceram. Talvez, então, ela tivesse mais para continuar. Talvez pudesse ajudar a aproximar Bryers de um suspeito. Mas, por enquanto, pelo menos ela havia provado rapidamente que era boa com suas percepções sobre as

marcas dos pneus.

Ela se virou para ele e viu que ele estava parado, olhando para o portão. Era claro que ele estava dando-lhe algum tempo para processar a situação. Ela apreciou isso, mas novamente, isso a fez muito consciente do quão novata ela era.

Ela se aventurou até a cerca feita de elos que cercava o lixão. Ela começou no portão onde os veículos vieram e fez seu caminho seguindo para a esquerda. Ela olhou ao redor da borda inferior da cerca por alguns segundos antes que outro pensamento a atingisse.

Ele teria que escalar a cerca, ela pensou.

Ela então começou a investigar a cerca. Ela não tinha certeza do que estava procurando. Talvez sujeira ou fibras dispersas nos elos da corrente. Qualquer coisa que ela encontrasse seria *um tiro no escuro*, mas seria alguma coisa.

Levou menos de dois minutos para ela encontrar algo de interesse. Era tão minúsculo que ela quase o ignorou completamente. Mas quando ela se aproximou, viu que poderia ser mais útil do que pensou a princípio. Cerca de um metro e meio do chão e dois metros à esquerda do portão de entrada, um único fio de tecido branco agarrado a uma das formas de diamante feitas pelos elos na cerca. O tecido em si não pode produzir qualquer resultado, mas isso, pelo menos, deu-lhes um ótimo lugar para começar a varredura de impressões digitais.

"Agente Bryers?" Ela disse.

Ele aproximou-se lentamente, como se não esperasse muito. Quando ele se aproximou, ela ouviu-o fazer um som *hummm* quando olhou para o pedaço de tecido.

"Ótimo trabalho, Sra. White," disse ele.

"Por favor, apenas Mackenzie," ela disse. "Mac, se você estiver se sentindo aventureira."

"O que você acha que é?" Ele perguntou.

"Talvez nada. Mas talvez um fio de roupa de alguém que recentemente escalou a cerca. O tecido pode ser inútil, mas nos dá uma área para nos concentrarmos nas impressões digitais."

"Há um pequeno kit de provas no porta-malas do carro. Você pode pegá-lo enquanto eu call this in?"

"Claro," ela disse, voltando para o carro.

Quando ela voltou para ele, ele já estava terminando o telefonema. Tudo com Bryers parecia ser rápido e eficiente. Isso era uma das coisas que ela estava começando a gostar nele.

"Ok, Mac," ele disse. "Agora vamos continuar na pista que você descobriu hoje mais cedo. O marido da vítima vive a cerca de vinte minutos daqui. Você está preparada para isso?"

"Eu estou," disse Mackenzie.

Voltaram para o carro e saíram do aterro que ainda se encontrava fechado. Acimas de suas cabeças, uma série de urubus executavam o seu dever diligentemente, assistindo abaixo o desdobramento daquele drama com olhos indiferentes.

Caleb Kellerman já tinha recebido a visita de dois policiais quando Mackenzie e Bryers chegaram em sua casa. Ele morava fora de Georgetown em uma casa de dois andares que resultou em uma casa bonitinha para pessoas que estavam começando suas vidas. Pensar que os Kellermans só haviam estado casados por um pouco mais de um ano antes de esposa ter sido morta fez Mackenzie sentir pena do homem, mas também furiosa com o que tinha acontecido.

Uma casa para pessoas que estão começando a vida e que nunca teve a chance de ser algo mais do que isso, pensou Mackenzie quando entraram na casa. *Tão profundamente triste.*

Eles entraram pela porta da frente, entrando em uma área estreita que parecia estar diretamente na sala de estar. Mackenzie podia sentir a sensação rastejante de solidão e silêncio que acompanhavam a maioria

das residências pouco depois de uma morte. Ela esperava se acostumar a esse tipo de situação, mas era difícil acreditar que isso aconteceria.

Bryers fez apresentações com a polícia do lado de fora da sala e os meninos de uniforme pareciam aliviados por ter que se afastar. Quando saíram, Bryers e Mackenzie entraram na sala. Mackenzie viu que Caleb Kellerman parecia incrivelmente jovem; ele poderia facilmente passar por dezoito anos com seu o seu visual barbeado, sua camiseta da banda Five Finger Death Punch, e bermuda camuflada. Mackenzie conseguiu rapidamente ver além de sua aparência, concentrando-se, em vez disso, no indescritível sofrimento que viu no rosto do rapaz.

Ele olhou para eles, esperando que os dois falassem. Mackenzie percebeu Bryers dando-lhe a aprovação, acenando sutilmente com a cabeça na direção de Caleb Kellerman. Ela se adiantou, amedrontada e lisonjeada por ter tal autoridade. Ou Bryers esperava muito dela, ou ele estava tentando deixá-la desconfortável.

"Sr. Kellerman, sou a Agente White, e este é o agente Bryers." Ela hesitou um instante. Teria ela realmente se chamado *Agente White*? Aquilo soava bem. Ela ignorou o ocorrido e continuou. "Eu sei que você está lidando com uma perda que eu nem sequer poderia fingir ser capaz de entender," disse ela. Ela manteve seu tom de voz suave, caloroso, mas firme. "Mas se quisermos encontrar a pessoa que fez isso, realmente precisamos fazer algumas perguntas. Você está pronto?"

Caleb Kellerman assentiu com a cabeça. "Qualquer coisa que eu possa fazer para ter certeza de que o homem que fez isso seja encontrado," disse ele. "Eu farei qualquer coisa."

Havia raiva em sua voz, o que fez Mackenzie ter esperanças de que alguém procuraria algum tipo de terapia para Caleb nos próximos dias. Havia algo em seus olhos que parecia quase perturbador.

"Bem, antes de mais nada, preciso saber se Susan tinha algum inimigo... Qualquer um que pudesse ser um tipo de rival."

"Havia algumas meninas de quando ela fazia o ensino médio que ficavam *batendo boca* com ela no Facebook", disse Caleb. "No entanto, era geralmente sobre política. E, de qualquer maneira, nenhuma dessas garotas faria isso. Foram apenas argumentos desagradáveis e coisas assim."

"E no trabalho dela?" Perguntou Mackenzie. "Ela gostava do que fazia?"

Caleb balançou os ombros. Ele sentou-se no sofá e tentou relaxar. Seu rosto, no entanto, parecia resignado em uma permanente carranca. "Ela gostava tanto quanto qualquer mulher que foi para a faculdade e consegue um trabalho que não tem nada a ver com a sua área. O emprego dela pagava as contas e os bônus eram muito bons, às vezes. Mas a carga horária era um *saco*."

"Você conhecia alguma das pessoas com quem ela trabalhava?" Perguntou Mackenzie.

"Não. Eu ouvi sobre elas nas histórias que ela contava em casa, mas só isso."

Bryers veio em seguida. Sua voz soava muito diferente naquela quietude da casa, pois ele usava um tom austero. "Ela era vendedora, certo? Da universidade A Better You University?"

"Sim. Já dei à polícia o número do seu supervisor."

"Algumas pessoas do nosso Escritório já conversaram com ele," disse Bryers.

"Não importa," disse Caleb. "Ninguém no trabalho a matou. Posso garantir. Eu sei que parece estúpido, mas é esse sentimento que tenho. Todos em seu trabalho são agradáveis... No mesmo barco em que estávamos, tentando pagar as contas e equilibrar o orçamento. Gente honesta, sabe?"

Por um momento, ele quase chorou. Ele sufocou aquele sentimento, olhou para o chão para se refazer, e olhou de volta para cima. As lágrimas que ele tinha acabado de suprimir flutuavam ao longo das bordas dos seus olhos.

"Ok, então o que você acha que poderia nos levar para o caminho certo nas investigações?" Bryers perguntou.

"Não acho," disse Caleb. "Ela tinha uma folha de vendas com os clientes que ela estava visitando naquele dia, mas ninguém consegue encontrá-la. Os policiais disseram que provavelmente é porque o

assassino a pegou e jogou fora.

"Provavelmente foi isso," disse Mackenzie.

"Eu ainda não entendo," disse Caleb. "Ainda não parece real. Estou esperando que ela volte por aquela porta a qualquer momento. O dia em que ela morreu... Começou como qualquer outro dia. Ela me beijou na bochecha enquanto eu estava me vestindo para o trabalho e disse adeus. Ela foi para o ponto de ônibus, e foi isso. Foi a última vez que a vi."

Mackenzie viu que Caleb estava prestes a desmoronar, por mais que lhe parecesse errado, ela fez uma última pergunta antes que ele desabasse.

"Parada de ônibus?" Ela perguntou.

"Sim, ela andava de ônibus para o escritório todos os dias; ela pegava ônibus das oito e vinte e oito para chegar ao trabalho pontualmente. O carro enguiço de repente há dois meses."

"Onde fica o ponto de ônibus?" Bryers perguntou.

"Dois quarteirões abaixo," disse Caleb. "É um daqueles pequenos negócios que parecem um tipo de pátio." Ele então olhou para Mackenzie e Bryers, de repente sob dor e ódio havia esperança florescendo em seus olhos. "Por quê? Você acha que é importante?"

"Não há como saber ao certo," disse Mackenzie. "Mas vamos mantê-lo informado. Obrigada pelo seu tempo."

"Claro," disse Caleb. "Ei... Pessoal?"

"Sim?" Disse Mackenzie.

"Já faz mais de três dias, certo? Três dias desde a última vez que a vi e quase dois dias completos desde que encontraram o corpo dela."

"Isso mesmo," disse Bryers em voz baixa.

"Então, é tarde demais? Esse bastardo vai conseguir fugir?"

"Não," disse Mackenzie. Saiu da boca dela antes que ela pudesse se conter, e ela soube imediatamente que tinha cometido o seu primeiro erro na frente do Bryers.

"Faremos o melhor que pudermos," disse Bryers, colocando uma mão gentil mas sugestiva no ombro de Mackenzie. "Por favor, ligue para nós se você pensar em qualquer coisa que possa nos ajudar no caso."

Com isso, eles saíram. Mackenzie estremeceu um pouco quando ouviu Caleb se desmoronar em lágrimas e soluços antes mesmo que eles tivessem fechado a porta para sair.

Esse som dizia algo para ela... Algo que a lembrava de casa. A última vez que ela sentiu tal coisa foi em Nebraska, quando ela tinha ficado absolutamente esgotada com a tarefa de parar o Assassino Espantalho. Ela sentiu toda aquela necessidade novamente quando eles saíram em direção aos degraus da frente de Caleb Kellerman, e ela lentamente percebeu que faria qualquer coisa para pegar este assassino.

CAPÍTULO QUATRO

"Você não pode fazer isso," Bryers disse no momento em que eles estavam de volta no carro, ele pega o volante.

"Eu não posso fazer o quê?"

Ele suspirou e tentou da melhor maneira parecer sincero ao invés de disciplinar. "Eu sei que você provavelmente nunca esteve nesta situação antes, mas você não pode dizer à família de uma vítima que não, que o assassino não vai fugir. Você não pode dar-lhes esperança se não houver nenhuma. Droga, mesmo se houver esperança, você não pode dizer algo assim. "

"Eu sei," ela disse, decepcionada. "Eu percebi isso no momento em que a palavra saiu da minha boca. Eu sinto muito."

"Não há necessidade de pedir desculpas. Apenas se mantenha focada. Entendeu?"

"Entendi."

Porque Bryers conhecia a cidade melhor do que Mackenzie, ele dirigiu para o Departamento de Transporte Público. Ele dirigiu com alguma urgência e pediu que Mackenzie ligasse com antecedência para se certificar de que pudessem falar com alguém que soubesse do que se tratava e pudesse fazer tudo rápido. Era um método tão simples, mas Mackenzie ficou impressionada com a eficiência do processo. Era muito diferente do que ela tinha experimentado em Nebraska, com certeza.

Durante a meia hora de carro, Bryers preencheu o tempo conversando. Ele queria saber tudo sobre os tempos dela em Nebraska, principalmente o caso do Assassino Espantalho. Ele perguntou sobre a faculdade dela e seus interesses. Ela estava feliz o suficiente para lhe contar superficialmente sobre tudo aquilo, mas não foi muito a fundo, principalmente porque ele não se aprofundou.

Na verdade, Bryers parecia reservado. Quando Mackenzie lhe perguntou sobre sua família, ela falou de uma maneira generalizada, sem ser rude. "Uma esposa, dois meninos que estão fora fazendo faculdade e um cão bem velhinho."

Bem, pensou Mackenzie. É apenas o nosso primeiro dia juntos e ele não sabe nada de mim—apenas o que ele leu sobre mim nos jornais há seis meses e o que está no meu arquivo na Academia. Eu não o culpo por não se abrir ainda.

Quando chegaram ao Departamento de Transporte Público, Mackenzie ainda mantinha uma opinião positiva sobre este agente mais velho, mas havia uma tensão entre eles que ela não conseguia entender. Talvez ele não sentia isso; talvez apenas ela. O fato de que ele basicamente se esquivou de qualquer pergunta que ela lhe fizesse sobre seu trabalho a deixou desconfortável. Isso rapidamente também a fez se lembrar de que aquele ainda não era o seu trabalho. Ela estava simplesmente rodando por aí, como um favor para o Ellington, uma maneira de testá-la, por assim dizer.

Ela também estava envolvida em tudo isso devido a algumas transações *por baixo do pano* onde pessoas do alto escalão estavam apostando nela. Tudo isso adicionou um novo nível de risco não só para ela, mas para as pessoas com quem ela estava trabalhando—incluindo Bryers e Ellington.

O Departamento de Transportes estava localizado dentro de um edifício com cerca de dez outros departamentos dentro dele. Mackenzie seguiu o agente Bryers pelos corredores como pôde. Ele andava rapidamente, balançando a cabeça para as pessoas aqui e ali como se estivesse familiarizado com o lugar. Algumas pessoas pareciam reconhecê-lo, dando-lhe sorrisos e acenos rápidos aqui e ali. O dia estava chegando ao fim, então as pessoas pareciam estar se movendo rapidamente, esperando dar cinco horas.

Quando chegaram à parte do edifício que precisavam, Mackenzie começou a se permitir apreciar o momento. Quatro horas atrás, ela vinha da aula de McClarren e agora estava de imersa no caso de um homicídio, trabalhando com um agente que parecia bem treinado e muito bom.

Aproximaram-se de um balcão onde Bryers inclinou-se ligeiramente sobre ele e olhou para a jovem sentada atrás de uma mesa imediatamente à sua frente. "Nós ligamos para falar com alguém sobre os horários dos ônibus," explicou para a mulher. "Agentes White e Bryers."

"Ah, sim," disse a recepcionista. "Você falará com a Sra. Percell. Ela está na garagem de ônibus. É só descer pelo corredor, pelas escadas e sair por trás."

Eles seguiram as instruções da recepcionista, indo para a parte de trás do prédio, onde Mackenzie já podia ouvir o zumbido dos motores e o barulho das máquinas. O edifício foi construído de tal forma que o barulho não era perceptível nas partes mais ocupadas e bonitas do prédio, mas aqui na parte de trás, soado quase como uma oficina de veículos.

"Quando nos encontrarmos com a senhora Percell," Bryers disse, "quero que você tome a dianteira."

"Ok", Mackenzie disse, ainda sentindo como se estivesse fazendo algum tipo de teste estranho.

Eles subiram as escadas, seguindo a placa *Garagem / Estacionamento de Ônibus*. Lá embaixo, um pequeno corredor conduzia a um pequeno escritório aberto. Um homem vestindo um macacão de mecânico estava atrás de um computador antiquado, digitando algo. Através de uma grande janela, Mackenzie conseguiu ver uma grande garagem. Vários ônibus da cidade estavam estacionados lá, passando por manutenção. Enquanto observava, uma porta na parte de trás do escritório se abriu e uma mulher obesa de aparência alegre veio da garagem.

"Vocês são o pessoal do FBI?"

"Somos nós," disse Mackenzie. Ao lado dela, Bryers mostrou seu distintivo—provavelmente porque ela não tinha um para mostrar. Percell parecia satisfeita ao ver as credenciais e começou a falar imediatamente.

"Eu entendo que vocês têm perguntas sobre os horários de ônibus e o revezamento dos motoristas," disse ela.

"Correto", respondeu Mackenzie. "Nós esperamos descobrir quais paradas um determinado ônibus fez três manhãs atrás e, se possível, conversar com o motorista."

"Claro," ela disse. Ela foi até a pequena mesa onde o mecânico estava digitando e cutucou-o brincando. "Doug, deixe-me assumir o controle, pode ser?"

"Felizmente," disse ele com um sorriso. Ele se afastou da mesa e saiu para a garagem enquanto a Sra. Percell se sentou atrás do computador. Ela apertou algumas teclas e então olhou para eles orgulhosamente, obviamente contente por estar ajudando.

"Onde fica o ponto de ônibus em questão?"

"Na esquina da Carlton com a Queen," disse Mackenzie.

"À que horas a pessoa teria subido no ônibus?"

"Oito e vinte da manhã."

A Sra. Percell digitou a informação rapidamente e analisou a tela por um momento antes de dar uma resposta. "Esse era o ônibus número 2021, dirigido por Michael Garmond. Esse ônibus faz três paradas antes de voltar para a mesma parada de ônibus às nove e trinta e cinco."

"Precisamos conversar com o Sr. Garmond," disse Mackenzie. "Podemos ter mais informações sobre ele, por favor?"

"Posso fazer melhor do que isso," disse a Sra. Percell. "Michael está na garagem agora, saindo do expediente. Deixe-me ver se consigo agarrá-lo para vocês."

"Obrigada," disse Mackenzie.

A sra. Percell correu para a porta da garagem com uma velocidade que desafiava o seu tamanho. Mackenzie e Bryers a assistiam percorrer habilmente a garagem em busca de Michael Garmond.

"Se todos estivessem tão entusiasmados para ajudar os federais," disse Bryers com um sorriso. "Confie em mim... Não se acostume com isso."

Em menos de um minuto, a Sra. Percell voltou para o pequeno escritório, seguida por um homem negro

idoso. Ele parecia cansado, mas assim como a Sra. Percell, mais do que feliz em ajudar.

"Ei pessoal," ele disse, dando um sorriso cansado. "Como posso ajudá-los?"

"Estamos procurando detalhes sobre uma mulher que acreditamos ter entrado em seu ônibus às oito e vinte na esquina da Carlton com a Queen três manhãs atrás," disse Mackenzie. "Você acha que poderia nos ajudar com isso?"

"Provavelmente," disse Michael. "Não há muitas pessoas naquela parada de manhã. Nunca consigo mais do que quatro ou cinco.

Bryers puxou seu telefone celular e o vasculhou um pouco, mostrando uma foto de Susan Kellerman. "Esta é ela," disse ele. Parece familiar?

"Ei, sim, ela sim," Michael disse, um pouco excitado demais na opinião de Mackenzie. "Doce menina. Sempre muito legal."

"Você se lembra onde ela desceu do ônibus três manhãs atrás?"

"Eu me lembro, disse Michael. "E eu achei estranho porque todas as outras manhãs por cerca de duas semanas, ela desceu em outro ponto de ônibus. Eu falei com ela um pouco uma manhã e descobri que ela andou duas quadras de sua parada habitual para trabalhar em um escritório. Mas há três dias, ela desceu na estação em vez de descer na parada. Eu a vi subir em outro ônibus. Eu meio que esperava que ela tivesse conseguido um emprego melhor ou algo assim, e que por isso ela estava fazendo um caminho diferente."

"Onde foi isso?" Perguntou Mackenzie.

"Dupont Circle."

"A que horas você diria que ela desceu do ônibus?"

"Provavelmente por volta das oito e quarenta e cinco," respondeu Michael. "Não mais do que nove horas, com certeza."

"Podemos verificar isso em nossos registros," disse a Sra. Percell.

"Isso seria ótimo," disse Bryers.

A sra. Percell voltou a trabalhar atrás da pequena escrivaninha suja quando Michael olhou para os agentes com tristeza. Ele olhou de volta para a foto no telefone de Bryers e franziu a testa. "Algo ruim aconteceu com ela?" Ele perguntou.

"Na verdade, sim," disse Mackenzie. "Então, se há alguma coisa que você possa nos dizer sobre ela naquela manhã, isso seria ótimo."

"Bem, ela estava levando uma maleta, como os vendedores externos que andam por aí. Não era uma maleta chique, mas era uma pasta brega, sabe? Ela vendia coisas para sobreviver—como suplementos de saúde e coisas assim. Eu imaginei que ela tinha um cliente e que iria visitá-lo."

"Você sabe qual ônibus ela pegou depois do seu?" Mackenzie perguntou.

"Bem, eu não me lembro o número do ônibus, mas eu lembro de ter visto Rua Black Mill no indicador de destino no pára-brisas do ônibus. Eu achei aquilo bastante superficial... Não havia nenhuma razão para que aquela mocinha linda fosse para aquela parte da cidade."

"E por quê?"

"Bem, o bairro em si está ok, eu acho. As casas não são muito ruins e penso que a maioria das pessoas são pessoas decentes. Mas é um daqueles lugares onde as pessoas não tão legais ficam fazendo suas coisas. Quando eu fui treinado para este trabalho há seis anos, encheram os nossos ouvidos com conselhos para ficarmos atentos aos possíveis perigos de certos lugares. A rua Black Mill era uma delas."

Mackenzie pensou em tudo isso e percebeu que eles tinham obtido toda a informação valiosa que poderiam obter de Michael Garmond. Ela queria parecer eficiente para o Bryers, mas ela também não queria parecer desperdiçar tempo em detalhes triviais.

"Muito obrigada, Sr. Garmond," disse Mackenzie.

De sua mesa, a Sra. Percell acrescentou: “A parada em Dupont Circle foi às oito e quarenta e oito, Agentes.”

Quando se viraram e saíram, ficaram quietos até que voltassem às escadas. Quando começaram a escalá-las, foi Bryers quem quebrou o silêncio.

"Há quanto tempo você está em Quantico?" Ele perguntou.

“Onze semanas.”

"Então você provavelmente não está familiarizada com os arredores da cidade, hein?"

"Não."

“Nunca estive na rua Black Mill?”

"Não posso dizer que já estive", disse Mackenzie.

"Você não está perdendo muito. Mas ei, talvez nós não teremos que ir tão longe. Vamos começar em Dupont Circle e dar uma olhada. Talvez possamos encontrar algo nas câmeras de segurança.”

"Agora?"

“Sim, agora,” disse Bryers. Havia uma ponta de aborrecimento em sua voz, o primeiro sinal de que ele estava começando a se cansar de levar uma novata por aí, por mais promissora que fosse. "Quando há um assassino à solta, nós não temos horário para bater ponto."

Várias respostas chegaram até a ponta da sua língua, mas ela as manteve abafadas. Ele estava certo, de qualquer maneira. Se ela tinha aprendido alguma coisa na sua provação com o Assassino Espantalho, era que quando se está perseguindo um assassino que aparentemente não tem em linha de ação, cada minuto é precioso.

CAPÍTULO CINCO

A Estação de Dupont Circle estava começando a ter uma diminuição das suas atividades às cinco horas da tarde quando Mackenzie e Bryers chegaram. A conversa ao longo do caminho foi mais uma vez superficial e repetitiva, já que o Bryers permanecia quieto e reservado. Quando saíram do carro e caminharam em direção à estação, Mackenzie realmente se sentiu incomodada pela primeira vez. Ela não achava que ele ainda se ressentia por tê-la no caso, mas ele estava inseguro sobre o esquema que ele e Ellington tinham armado.

Bryers finalmente rompeu o silêncio quando entraram na estação. Ele deu um passo ao lado da entrada e observou a multidão de pessoas atravessando o lugar.

“Você conhece esse lugar?” Ele perguntou.

“Não,” disse Mackenzie. “Eu sempre passei pela estação Union.”

Bryers encolheu os ombros. “Não importa em qual estação você está; sempre haverá um canto em algum lugar que é um pouco mais fértil do que o resto do lugar. A parte difícil é que geralmente está bem escondido.”

“Então, você está pensando que ela foi pega no seu caminho de volta para casa?” Você acha que alguém a agarrou aqui enquanto ela trocava de ônibus?”

“É uma possibilidade. O que você acha?”

“Acho que devíamos verificar a rua Black Mill. Você e o motorista disseram que o lugar era problemático.”

“E nós provavelmente vamos acabar lá,” disse Bryers. “Mas eu estou lançando um palpite. Quando se trabalha tanto tempo em uma cidade, você começa a acumular uma espécie de palpite sobre certas coisas.”

Sua conversa misteriosa era irritante, mas ela percebeu que poderia realmente aprender alguma coisa se pudesse simplesmente calar a boca e observar. Depois de mais ou menos um minuto em pé diante das portas e observando a multidão, Bryers avançou lentamente, gesticulando para que Mackenzie o seguisse. Ela ficou perto, mas não tão perto a ponto de ficar em cima dele. Ele travessou a multidão com um jeito indiferente, como se não tivesse nenhum propósito real para estar lá. Ele se misturou muito bem com a multidão; apenas alguém que realmente dedicasse tempo para observá-lo poderia suspeitar que ele era algum tipo de agente da lei.

Eles abriram caminho através do saguão principal e foram para fora, onde seis ônibus estavam parados. Os passageiros saíam de dois dos ônibus enquanto os outros estavam parados, esperando passageiros. Enquanto se dirigiam para os ônibus, Mackenzie olhou para os indicadores de destino acima do pára-brisas. Ela podia dizer que as próximas paradas para aqueles ônibus estavam todas dentro do distrito histórico de DC ou em Georgetown.

“Por aqui,” disse Bryers.

Mackenzie desviou o olhar dos ônibus e ficou atrás de Bryers enquanto ele caminhava para o saguão. Os ônibus estavam atrás deles agora, enquanto a multidão diminuía um pouco. Do nada, a cena pareceu mudar simplesmente logo na esquina à frente. Havia menos pessoas com roupas casuais ou vestuário casual de negócios. Ela viu um morador de rua sentado contra a parede e três adolescentes vestidos quase majoritariamente de preto, com brincos grandes, piercings de nariz e tatuagens por todo o corpo.

Bryers diminuiu a velocidade quando eles viraram a esquina, novamente tentando entender a cena. Mackenzie fez o mesmo, tentando observar a disposição do lugar e a combinação das pessoas que ali estavam, da mesma maneira que ele fazia. Levou apenas alguns segundos antes que ela visse algo que instantaneamente a colocasse em guarda.

Um jovem com um corte de cabelo curto e quase militar e vestido com uma camiseta e jeans simples

falava com uma garota que certamente não tinha mais de dezesseis anos. Mackenzie conhecia a expressão em seu rosto porque era fácil ler isso na maioria das garotas de sua idade: gostava da atenção que o sujeito estava lhe dando, mas também estava desconfortável ao ser abordada. Ela viu que o cara estava com uma mão no bolso. Ela tinha certeza de que ele não estava armado, mas havia muitas outras coisas que ele poderia estar escondendo.

Sem olhar por cima do ombro para falar com ela, Bryers perguntou: "Você o vê?"

"O cabeça raspada falando com a menor?" Disse ela.

"Bingo."

Ainda assim, eles não se moveram. Mackenzie sabia o porquê mesmo não gostando da forma como a cena estava se desenrolando. Bryers esperava o momento em que o cara fizesse algo desagradável, para então agir—algo que garantiria a alguém com a autoridade de Bryers se aproximar e intervir.

Eles assistiram a cena se desenrolar enquanto faziam o que podiam para se misturar no meio das pessoas. Mackenzie sentiu-se com vontade de avançar, já prevendo o deveria acontecer. O sujeito avançava cada vez mais. Ele sorria muito e tentava olhar a menina nos olhos. Ela sorria de volta, paquerando, mas olhava para o chão mais do que para ele.

Lentamente, ele estendeu a mão e tocou o ombro dela. Sua mão descansou ali por um tempo antes que a garota se afastasse desajeitadamente. A cena se arrastou seguida por uma gargalhada e depois ele deu um passo na direção dela, colocando seu braço ao redor da moça. Ele tentou puxá-la para perto, mas a garota afastou-se. Um olhar de frustração atravessou o rosto dele antes que ele desse mais um passo adiante, com um pouco de raiva desta vez. Quando ele estendeu a mão para colocar seu braço em torno dela novamente, Bryers deu um passo à frente. Mackenzie o seguiu, tentando se manter no papel de aprendiz.

"Algum problema aqui?" Bryers perguntou, entrando na frente da menina. "Este cara está te assediando?"

A menina olhou para cima, surpresa. Ela pareceu instantaneamente aliviada, mas depois olhou para o chão, talvez um pouco envergonhada.

"Eu não penso assim," a menina disse. "Alguns caras simplesmente *não* aceitam um não como resposta."

"Cale a boca, sua cadela", disse o cara da cabeça raspada. Ele então olhou diretamente para Bryers e disse: "É da sua conta?"

Bryers retirou seu distintivo tão rápido que era como assistir a um pistoleiro sacando a sua arma. "É da minha conta muito mais do que você possa imaginar," disse ele.

"Ah," disse o cara. "Bem, eu acho que—"

E então ele se virou e correu.

"Ah, inferno," disse Bryers. Ele começou correr após o rapaz, mas Mackenzie não conseguia ficar parada só olhando.

"Você fica com a garota," disse ela. "Eu vou buscá-lo."

"Você tem certeza?" Bryers perguntou. "Não sei se—"

"Tenho certeza," ela disse, já começando a correr atrás do suspeito.

Sem olhar para trás para uma confirmação de Bryers, Mackenzie foi em frente. Não havia muita multidão reunida ao longo do saguão, havia alguns poucos obstáculos para ela enfrentar. Em dois segundos, ela soube que ela conseguiria pegá-lo facilmente. Ele estava correndo em pânico e com medo, enquanto ela desenvolvia seus passos de forma equilibrada e controlada.

O idiota até parou para olhar por cima de seu ombro, dando à ela uma vantagem. Quando ele viu que ela estava em seus calcanhares, ele acelerou. Mas Mackenzie já estava muito perto. Ela deu um impulso extra, conseguiu força extra para acelerar, e conseguiu alcançá-lo. As poucas pessoas que estavam no caminho viram o que estava acontecendo e se afastaram, principalmente para sua própria segurança, mas

também para ver o que iria acontecer.

Sua mão alcançou o ombro dele e tudo o que precisou fazer foi dar um empurrão forte para baixo para e detê-lo. Os pés dele deslizaram e ele caiu na calçada de cimento de costas. Ele soltou um grito quase cômico, mas o barulho impactante de seu corpo batendo no chão não era nada engraçado.

Ela levou um momento para analisar o estado dele e quando estava confiante de que ele não tinha quebrado nada e ainda estava coerente, ela colocou um joelho no peito dele e olhou para trás em direção a Bryers. Ele estava correndo, parecendo bastante preocupado. A moça que eles talvez haviam resgatado caminhava ao seu lado. Ela parecia um pouco assustada, mas também animada. Mackenzie viu um pouco de alegria em seu rosto quando viu o possível aliciador imóvel no chão.

Ao seu redor, alguns espectadores começaram a aplaudir. Outros pareciam um pouco horrorizados com o que acabavam de testemunhar. Bryers mostrou o seu distintivo para a multidão reunida. "Vamos," disse ele. "O show acabou. Movam-se, todos."

Quando as pessoas começaram a se separar e continuar em seus respectivos caminhos, Bryers aproximou-se de Mackenzie e se ajoelhou.

"Lenvate-se, por favor," disse Bryers secamente.

Mackenzie se levantou, tentando medir a expressão em seu rosto. Ele estava com raiva, isso estava claro. Ela se perguntou se ela tinha sido um pouco áspera ao jogar o suspeito no chão. Ou talvez ela não deveria ter feito a perseguição sem ter permissão expressa para isso.

Quando ela se levantou, Bryers lentamente ajudou o suspeito a se levantar. Mackenzie viu que o sujeito sangrava por um pequeno corte ao longo do lado direito de sua cabeça. Aquele lado do rosto também estava um pouco vermelho. Ela estava certa de que ele teria uma *droga* de hematoma ali amanhã.

"Venha comigo por um segundo," disse Bryers.

"Tire suas mãos de mim, cara!"

Bryers agarrou o braço do sujeito e o puxou para perto. "Lembra-se do distintivo que eu lhe mostrei? O que te fez correr como um lunático? Esse distintivo diz que ou você me ouve ou terá um mundo de problemas. Entendeu?"

"Tanto faz, cara," disse o homem. Ele parou de lutar contra Bryers e permitiu ser levado para longe da multidão.

Bryers virou os olhos na direção de Mackenzie, mas *na verdade* não olhou para ela. Estava bem claro que ele estava chateado. "Fique com a garota enquanto eu lido com essa bagunça," disse ele.

Não era uma pergunta, não era um pedido... Era uma exigência. Ele estava pedindo que ela fosse a babá enquanto interrogava o suspeito. E talvez merecidamente... Mas ela se sentiu horrível.

Mackenzie observou-o ir quando ela se aproximou da garota. Ela tentou ignorar a reação de Bryers enquanto conduzia a menina para um banco próximo. Elas se sentaram juntas, mas estava claro que a garota queria ter ido embora há muito tempo.

"Você está bem?" Perguntou Mackenzie.

"Eu estou bem," ela disse.

"Você conhece aquele cara?" Perguntou Mackenzie.

"Não. Ele veio até mim quando eu saí do ônibus e começou a falar comigo. "

"Ele conversava sobre o quê?"

"Ah, ele não perdeu tempo. Ele disse que eu era bonita e, em seguida, perguntou quantos anos eu tinha. Quando eu lhe disse que tinha dezesseis anos, ele perguntou se eu queria fazer um dinheiro fácil."

"Você tem algum parente por aqui, em algum lugar?"

"Não aqui, não. Estou visitando meu pai. Minha mãe me enfiou em um ônibus para visitá-lo no fim de semana. Mas meu querido pai está trabalhando até tarde. Então eu ia ter que pegar um táxi daqui."

"Qual é o seu nome?" Perguntou Mackenzie.

A moça olhou desconfiada para ela, mas deu seu nome... Ou o que ela queria que eles pensassem é que

o seu nome era. “Jen,” disse ela.

“Bem, que tal chamar um táxi para você, Jen?” Perguntou Mackenzie.

Jen olhou para ela como se ela fosse estúpida. "Isso seria bom. Obrigada."

Mackenzie tirou o seu telefone e começou a ligar quando Jen a deteve.

"Aquele cara... Você acha que ele teria me machucado se vocês não tivessem aparecido?"

"Não há como saber ao certo", disse Mackenzie.

"Bem, obrigada."

Mackenzie assentiu e fez o telefonema para a companhia de táxi. Quando o telefone começou a tocar em seu ouvido, ela olhou para Bryers. Ela viu que ele colocou o suspeito algemado e o pressionou contra a parede. Bryers, por sua vez, estava no telefone para ligar.

E talvez, pensou Mackenzie, queixar-se do meu descuido com um suspeito.

E assim, Mackenzie começou a sentir essa incrível oportunidade que lhe tinha sido entregue fugindo de suas mãos.

CAPÍTULO SEIS

Quando Mackenzie finalmente chegou em seu apartamento, ela fechou a porta e simplesmente ficou ali por um momento. As últimas oito horas do seu dia tinham sido surreais— como se alguns dos sonhos que ela teve no ensino médio de se tornar uma agente do FBI tivessem finalmente sido garantidos e ela não sabia como lidar com isso. Mais do que isso, ela também sentiu a ameaça de que tudo estava sendo arrancado dela por causa de um mau julgamento feito em uma fração de segundo.

E atrás de tudo isso estava o caso. Ela poderia permanecer nisso ou não, mas ainda havia alguém lá fora que tinha matado duas mulheres e as jogou dentro de aterros públicos. Se ela fosse tirada do caso sem a chance de resolvê-lo adequadamente mesmo depois de ter *sentido o seu gostinho*, ela não sabia como reagiria a isso.

Com um suspiro estremecedor, ela entrou no apartamento. Olhou para as poucas caixas de coisas que ela ainda não havia desempacotado—foram empurradas para o canto mais distante da sala de estar onde ela imaginou que um dia colocaria uma TV—supondo que ela ficasse em Quantico após a tumultuada tarde que teve. Ela tinha planejado desembalar aquelas três caixas esta noite, mas estava muito cansada... Mas, ao mesmo tempo, muito excitada para sequer pensar em desembalar caixas de pertences contendo itens que ela já pensava a respeito como sendo *sua antiga vida*.

Com a sua destreza recuperada, ela colocou a pasta que Bryers havia lhedado na mesa de café na frente do sofá. Ele ainda estava repleto de algumas coisas que tinham sido desempacotadas, mas que ela ainda não havia arrumado. Ela imaginou que não fazia sentido *presumir* que seria tirada do caso de repente. Era melhor ser pró-ativa do que meditativa e desencorajada.

Além disso... Bryers fez o seu habitual silêncio no caminho retornando da estação. O suspeito foi detido e isso era tudo o que sabia. Se alguma informação tivesse surgido sobre ele, sua história ou o que ele planejava fazer com Jen, de dezesseis anos, ninguém se importava em informá-la.

Mackenzie começou a analisar a escassa informação sobre o corpo de Susan Kellerman e o outro corpo que havia sido descoberto três meses antes, uma jovem de dezenove anos chamada Shanda Elliot.

Mas nem sequer conseguia manter a mente concentrada o suficiente para isso. Ela olhava para os fatos na frente dela e depois tentava entender como sua vida havia mudado drasticamente na última metade do dia. Ela brincou com o café ao colocá-lo na xícara, mas eram quase nove horas naquele momento e ela queria ter certeza de que estaria bem e descansada para a manhã seguinte.

Bryers pediu para ela encontrá-lo na recepção do Edifício do FBI, que era, por si só, algo sério. O fato de que ele queria encontrá-la às oito horas para começar o dia o mais rápido possível significava algo mais... O quê, ela não sabia. Mas ela teve a sensação de que se hoje fosse um tipo de teste, amanhã sairiam os resultados do teste.

Com uma análise final do material na pasta, ela decidiu dar um tempo. Fechou a pasta, colocou-a de lado (longe dos detritos dispersos de sua vida anterior), e se levantou do sofá. Ao sair em direção ao seu pequeno quarto, que ela aprendeu a chamar de casa ao longo dos últimos meses, seu telefone celular começou a tocar. Estava em sua mão quando tocou e o toque repentino a fez pular, provando que ela realmente precisava recuperar o sono atrasado.

Ela olhou para a tela e viu que era uma chamada do Zack. Era engraçado, mas na verdade levou cerca de uns dois segundos para fazer uma conexão—e isso a fez se sentir maravilhosa.

Zack? Quem é Z-ah tá, Zack...

Eles tinham falado apenas duas vezes desde que ela se mudou: uma vez durante seu período muito breve em Dallas e uma vez cerca de três meses atrás. Ambas as conversas foram deprimentes e cheias de acusações e lástimas da parte do Zack. Ele lamentava sobre sua necessidade de seguir em frente, enquanto também falava sobre como ela tinha sido uma covarde por fugir daquele jeito. Ele não disse

tanto, mas ela decifrou o verdadeiro significado por trás de tudo isso; ela tinha ferido seu estúpido orgulho masculino, pois como uma mulher ousa alterar assim o curso de sua vida preguiçosa e sem brilho? Ele estava com o coração partido e não tinha ideia de como lidar com isso, porque ele nunca tinha ficado tão aberto e vulnerável.

Ela ignorou o telefonema e soltou um suspiro de alívio quando não ouviu o sinal sonoro para avisá-la de que havia uma nova mensagem de voz.

Ela entrou no quarto, dirigiu-se para o banheiro que era ainda menor, e se preparou para dormir. Quando ela se acomodou sob os lençóis momentos depois, pensou em Zack por um momento e sobre como era fácil escapar dos fantasmas do seu passado, desde que fosse capaz de controlar a frequência da assombração deles.

Claro, ela também sabia que havia, às vezes, fantasmas que ficavam assombrando para sempre, até parecerem como alguém preso em suas costas, puxando você para baixo e lembrando que estariam lá para sempre e sem esperança de fuga.

Mackenzie entrou no quarto de seus pais. O cheiro de sangue se agarrava ao ar e seu ser de nove anos de idade já sabia do que era aquele cheiro antes de ver o sangue espalhado nos lençóis e paredes. Ela viu seu pai na cama e seu sonho nem sequer hesitou. Ela pisou ao lado da cama, apenas dando uma olhada no pai; em sonhos anteriores ela sempre olhava para ele, então ela sabia que seria o mesmo agora. Olhos mortos e um buraco quase inacreditavelmente negro no topo de sua cabeça. A arma que ele supostamente usou para fazer para se matar ficava em algum lugar na cama, escondida entre os lençóis torcidos como uma cobra enrolada, observando.

Mackenzie passou por seu pai morto e pela janela que ficava um pouco à esquerda da cama. Ela puxou a cortina esticada para o lado e olhou lá fora. Ela podia ver algo no jardim da frente, alguma forma envolta por sombras. Um carro se aproximou, espalhando as luzes de seus faróis através da imagem. Era uma mulher, amarrada a um mastro, apenas com roupas íntimas, lutando para fugir.

O carro entrou no quintal e estacionou atrás da mulher, lançando uma sombra quase como a da crucificação de Jesus através do jardim. Outra pessoa saiu do carro e ficou em frente aos faróis. Ele parecia incrivelmente alto e de onde Mackenzie estava, parecia não ter um rosto. Ele pagou a mulher amarrada e se dirigiu diretamente para a janela. Mackenzie ficou de pé, tentando pegar mais detalhes do homem enquanto ele se aproximava da janela. Seus olhos eram negros e quando ele sorriu para ela, parecia que o seu sorriso esticava de orelha a orelha.

Mackenzie soube então que era o Assassino Espantalho. Mais do que isso, era o homem que matou Susan Kellerman e Shanda Elliot. Eles eram ambos a mesma coisa, a personificação da perversão humana que ela tinha tentado entender desde a noite em que entrou no quarto e descobriu o cadáver de seu pai.

"*Venha me pegar,*" a imagem escura disse para ela, colocando na janela uma mão enorme e cheia de cicatrizes. A casa inteira parecia chacoalhar com o simples toque. "*Estou esperando...*"

Mackenzie deu um passo para trás e colidiu com algo sólido. Ela se virou e encontrou seu pai lá. Ele estava de pé, seus olhos mortos olhando para ela. Ele abriu a boca para falar com ela e um sussurro estrangulado saiu.

"*Eu sempre estarei morto, Mac,*" ele disse, estendendo a mão para ela. "*Não importa o quanto você lute, eu sempre estarei morto.*"

Sua mão caiu em seu ombro e até mesmo através de sua camiseta, ela pôde sentir que sua carne morta

era incrivelmente fria.

"Papai..." Ela disse.

Mackenzie despertou às 4:32 e logo percebeu que não voltaria a dormir. A camisola que usava estava suada e seu coração batia forte no peito. Ela saiu da cama rapidamente, como se a própria cama tivesse criado aquele pesadelo horrível.

Ela tomou banho e preparou um café. Bebeu duas xícaras enquanto olhava as anotações dos casos de Kellerman e Elliot. Ela também tomou notas sobre o suspeito que eles haviam apreendido na Estação Dupont Circle e sobre a fibra de roupa que ela viu no aterro.

Pouco antes das seis horas, seu telefone tocou quando ela recebeu uma mensagem de texto. Ela verificou e viu que a mensagem era de Ellington:

Você receberá um e-mail nos próximos minutos que vai soar mais assustador do que é. Fique calma.

Se você precisar falar com alguém depois que tudo tiver sido feito, conte comigo.

A mensagem era enigmática demais, mas ela se conteve para não responder com perguntas. Ela não podia negar que a mensagem a deixou terrivelmente nervosa. Ela olhou para a terceira xícara de café que tinha enchido para si e decidiu derramá-la na pia. Ela se ocupou em vestir-se e arrumar os cabelos, fazendo tudo o que podia para não estressar com o modo como o dia de ontem havia terminado e com a mensagem alarmante de Ellington.

Quando abriu o e-mail em seu telefone, vinte minutos depois de receber a mensagem de Ellington, ela descobriu que tinha um novo e-mail. Era do Diretor Adjunto Justin McGrath, um homem que ela nunca tinha visto, mas tinha ouvido falar bastante. Em última análise, ele supervisionava a maior parte dos agentes ativos e suas atribuições. Pelo que ela sabia, havia apenas uma ou duas posições acima dele dentro da hierarquia do FBI.

Agora mais nervosa do que nunca, ela abriu o e-mail. Ela descobriu imediatamente que o e-mail tinha sido escrito diretamente por McGrath e não um assistente ou secretário, como a maioria dos e-mails de alguém hierarquicamente superior. A mensagem era clara, simples e aterrorizante.

Sra. White,

É de extrema importância que você me encontre em meu escritório às 7:00. Também fiz este mesmo pedido ao agente Bryers.

Ela leu o e-mail apenas uma vez. Isso foi tudo o que precisou fazer. Não havia nenhum tipo de pista. Nem um *obrigado* ou um *até breve*. Seus nervos estavam como fios elétricos e um poço de preocupação se formou em seu estômago. Se ela não tivesse ainda tomado banho, teria saído para uma corrida, só para aliviar a tensão. Mas ela então se lembrou da mensagem de Ellington, dizendo-lhe que não poderia haver nenhuma necessidade real para ficar assustada.

É mais fácil falar do que fazer, pensou enquanto se dirigia para fora, perguntando-se se este poderia ser o último dia acolhendo o sonho de se tornar uma agente.

CAPÍTULO SETE

O escritório do Diretor Adjunto McGrath estava limpo. A mesa de carvalho onde ele estava sentado brilhava ao sol da manhã que entrava através das cortinas. Quando Mackenzie entrou em seu escritório dentro do Edifício J. Edgar Hoover às 6:58, ela viu que Bryers já estava lá. Ele estava sentado em uma das duas cadeiras em uma extremidade da mesa de McGrath. Parecia um homem que sabia que logo seria conduzido à força.

Quanto a McGrath, ele se sentou atrás de sua mesa com a autoridade de um urso em uma caverna. Ele tinha a mesma idade de Bryers, mas parecia mais endurecido. Ele usava um par de óculos que o faziam quase parecer vilão—o que combinava com o olhar azedo que ele expressava em seu rosto.

"Feche a porta quando passar," McGrath ordenou enquanto ela entrava.

Mackenzie o fez e então caminhou até a outra cadeira ao lado de Bryers, onde se sentou lentamente. Antes que ela estivesse totalmente sentada, McGrath ficou de pé e olhou para os dois sentados à mesa.

"Eu preciso que um de vocês explique como todo esse cenário vai se desenrolar," ele gritou para eles com muita força. "Fui informado sobre o nosso pequeno experimento com a Sra. White e pensei que seria estúpido fazer isso. Mas, no final das contas, a decisão foi tomada de um modo que eu não entendo, e agora estou emperrado lidando com as suas *cagadas*."

Ele se concentrava unicamente em Mackenzie e, quando fazia isso, seu olhar caía sobre ela com um peso esmagador. "Não se engane, Sra. White... Eu não sou a favor de fazer as pessoas que nem sequer passaram pela Academia se sentirem especiais. Eu não me importo se eu ferir seus sentimentos. Eu acho que ter você neste caso, enquanto está no meio do caminho na Academia faz o FBI se tornar motivo de chacota. Por outro lado, eu li o seu dossiê e ouvi seus elogios a seu respeito de mais bocas do que eu gostaria de admitir. Mas isso não é uma brincadeira, Sra. White. Você entende isso?"

"Sim, senhor," disse ela.

"Não tenho certeza de que entenda," ele disse. "Se você entendesse, então o suspeito que vocês dois apreenderam na estação de ônibus na noite passada não teria arranhões em seu rosto e uma contusão em suas costas do tamanho de uma laranja. Se não fosse pelas negociações do Agente Bryers, o suspeito poderia facilmente apresentar uma queixa, uma queixa que teria parado você, enviando o seu traseiro de volta para Nebraska e fazendo com que as pessoas que tomaram a decisão de lhe dar uma chance parecessem muito burras."

McGrath então voltou sua atenção para Bryers, com o amargor e a raiva ainda presentes. "E *you* não deveria ter deixado ela lidar com uma coisa dessas. Que diabos você estava pensando quando deixou ela correr atrás do suspeito?"

"Tentei dizer-lhe para não fazer aquilo. Mas... Ela é rápida para *caralho*, senhor."

"Eu não me importo com o quão rápida ela é. Você queria um parceiro O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL e este é o que você conseguiu. Você concordou com isso. Então ela é sua responsabilidade. Entendido?"

"Sim senhor."

"Você ouviu?" Perguntou McGrath, olhando para Mackenzie. "Você é responsabilidade dele. Você não faz *nada* sem a permissão dele."

"Sim senhor."

McGrath respirou fundo e depois tirou os óculos. Ele massageou a área entre os olhos com o polegar e o indicador, como se empurrasse a dor de cabeça antes que fosse muito tarde.

"Eu tive uma conversa com os outros vice-diretores, os chefes da seção, e com o diretor ontem à noite," disse McGrath. "Fizemos uma votação e foi *muito* acirrada. Por causa do tempo que dispomos e para impedirmos mais assassinatos, você ainda está neste caso, Sra. White. No entanto, se uma prisão não for feita em quarenta e oito horas, você está fora. E se neste período, você cometer mais erros

estúpidos como o que você fez na noite passada, não só você está fora do caso, como também não fará mais parte da Academia."

Mackenzie sentiu como se tivesse sido esbofeteada no rosto. "Senhor, isso é—"

"Se você terminar essa declaração com a palavra *injusto*, eu vou cuidar para que você saia ainda *hoje*", disse ele.

Mackenzie fechou a boca e fez tudo o que pôde para manter o contato visual. Enquanto ela fazia isso, ele colocou os óculos novamente e pegou uma pasta de sua mesa. Ele a entregou a Bryers, aparentemente feliz por se livrar dela.

"Esperamos que isso ajude", disse McGrath. "Estes são os resultados da sobre a análise da cerca do aterro ontem à noite. Eu os recebi há menos de uma hora. Há uma informação bastante sólida aqui."

Bryers abriu a pasta, analisou-a e concordou. "Obrigado, senhor."

McGrath mostrou não se importar e abriu as mãos para eles, com as palmas para fora. "Não me agradeça. Minhas mãos estão amarradas nas próximas quarenta e oito horas. As suas, no entanto, não estão. Então, eu sugiro que vocês dois saiam e comecem a dar andamento nisso agora."

Bryers levantou-se imediatamente. Mackenzie seguiu o exemplo. Eles saíram sem McGrath dizer outra palavra.

Quando começaram a descer o corredor, que estava começando a se encher com o fluxo regular de trabalhadores matutinos, Bryers caminhou tão perto dela quanto pôde. "Você está bem?" Ele perguntou.

"Sim," disse ela.

"Olha... ele está certo. Eu não deveria ter deixado você correr atrás do cara."

"Esqueça isso. O que descobrimos sobre ele, afinal?"

"Nada. Ele diz que não estava tentando oferecer dinheiro à garota para fazer sexo. Mas o cara tem um registro de um pequeno roubo e sexo consensual com menores. Pensamos que ele pode ser parte de um pequeno círculo de prostituição. Ele devia estar tentando recrutar a garota ontem à noite."

"Alguma ligação com Susan Kellerman?"

"Nada óbvio," disse ele. "Mas temos uma equipe trabalhando nisso."

"E aquela pasta?" Ela perguntou, acenando com a cabeça para a pasta que McGrath tinha acabado de lhe dar.

"Vamos descobrir", disse ele.

Ela quase pediu desculpas por ter se precipitado na estação ontem à noite, mas ficou calada. McGrath tinha acabado de dar dois dias para que ela pudesse ajudar o Bryers a resolver o caso. Sua carreira no FBI—seu futuro—estavam em jogo.

Ela não estava com intuito de perder tempo com desculpas.

Mackenzie estava olhando o arquivo que McGrath lhes deu enquanto Bryers dirigia. A pista era um homem chamado Ronald Staunton, cinquenta e seis anos. Ele atualmente trabalhava como um instalador de calha para uma pequena empresa de construção, com empregos anteriores em uma variedade de outras equipes de construção. Ele tinha sido demitido de pelo menos três de seus últimos empregos, pois apareceu bêbado no trabalho. Os únicos crimes em seu registro criminal era porte de drogas, maconha, há quase quinze anos e uma acusação de abuso doméstico que não foi aceita pelo tribunal.

Enquanto olhava a pasta, Bryers falou pela primeira vez desde que tinham entrado na estrada. "Uma coisa sobre ser um agente", disse ele, "é *sempre* melhor prevenir do que remediar. Ninguém nunca vai repreendê-la por ser *muito* cuidadosa. E é por isso que eu não te culpo completamente pelo que fez na noite passada. Claro, você foi um pouco áspera, mas isso acontece de vez em quando. Se os agentes do FBI se deixarem abater a cada corte ou contusão que infligirem a suspeitos durante uma perseguição, não

seriam do FBI."

"Eu só... *Agi*", disse Mackenzie.

"Eu sei como é isso", ele disse com um sorriso. "Eu me lembro de como era ser um agente naquele primeiro ano. Eu apenas posso imaginar o que você está passando... E ainda nem saiu da Academia. De qualquer maneira, eu achei que você deveria ouvir isso. Parece que você perdeu o sono por causa disso. Você parece cansada, Mackenzie."

"Estou," disse ela.

"Às vezes, eu também não durmo bem," ele disse. "Nesta linha de trabalho, você vê coisas que, às vezes, talvez não devesse ver. Começa com a mudança no seu sono... Depois que inferno, você perceberá o mesmo no jeito como você vive."

Mackenzie quase perguntou o que ele queria dizer. O que ele tinha visto ou feito durante seu tempo como agente que o tinha afetado tão profundamente? Mas ela ficou quieto; estava claro que ele tinha parado de falar sobre o assunto, como evidenciado pelo seu olhar firme e pela maneira como ele fazia um esforço para olhar para frente, como se ela não estivesse no carro.

Dez minutos depois, assim que o relógio do painel de controle marcou 8:02, Bryers puxou o carro para o lado da estrada ao longo de uma rua residencial modesta. A maioria das pessoas ainda não tinham saído para o trabalho, então as ruas e calçadas estavam cheias de carros. Enquanto eles estacionavam, Mackenzie observou como uma esposa entrava em um carro caindo aos pedaços quatro casas abaixo. Ela estava se despedindo de seus dois filhos com beijos enquanto seu marido assistia tudo da porta da frente.

"Alguma coisa no documento se destaca para você?" Bryers perguntou. Por enquanto, ele aparentemente tinha decidido voltar para o papel de instrutor.

"Nada que se alinhe com um súbito interesse em matar mulheres," ela respondeu. "O abuso doméstico levanta uma bandeira, mas não é uma acusação infalível de assassinato. Com base no que você me disse, eu acho que o cara da estação ontem à noite é se ajusta melhor à situação."

"Está certo. É um tiro no escuro, mas—"

"Mas é melhor prevenir do que remediar", disse ela, ecoando seu sentimento anterior.

"Exatamente."

Eles saíram do carro juntos e caminharam até a calçada rachada de concreto de Ronald Staunton. Bryers assumiu a liderança, soando a campainha e certificando-se de ficar um pouco na frente de Mackenzie.

Um cão começou a latir lá dentro imediatamente. Mackenzie adivinhou que era um cão de tamanho médio, possivelmente mais velho. Não havia muita agressividade no latido. Aproximadamente dez segundos mais tarde, a porta da frente foi aberta por um homem que já tinha atingido a meia idade. Ele estava usando uma camiseta branca e um jeans cheio de bolsos. Ele estava segurando uma xícara de café enquanto o cão latia—uma mistura de labrador e beagle, parecia tagarelar atrás dele. O homem olhou curioso para Mackenzie e Bryers, contendo o cão covarde com sua perna direita.

"Está cedo," disse o homem. "Posso ajudar?"

"Sim senhor," disse Bryers. "Você é Ronald Staunton?"

"Eu sou. Novamente, posso ajudá-lo?"

Bryers puxou seu distintivo e identificação rapidamente, quase como um truque de carteador. "Eu sou o Agente Bryers, e este é o Agente White," disse ele. "Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas."

Staunton parecia genuinamente confuso e o olhar que florescia em seu rosto ao ver a identificação disse a Mackenzie tudo o que ela precisava saber: este não era o cara. Ainda assim, não deveria dizer nada ainda, então ela deixou Bryers tomar a frente. Ela não iria entrar em seu caminho novamente.

"Qual é o assunto?" Perguntou Staunton.

"Bem, gostaríamos de saber se você pode fornecer informações sobre o seu paradeiro durante o curso das últimas noites," disse Bryers.

"Serei preso ou algo assim?" Perguntou Staunton.

"Não," disse Bryers. "Nós só precisamos fazer algumas perguntas."

Staunton olhou seriamente para eles por um momento. Mackenzie viu algo muito semelhante a um desapontamento nos olhos do homem. Algo sobre a forma como ele olhou para eles era quase desolador.

"Olhe," disse Staunton. "Eu cometi alguns erros no meu passado. Eu era um idiota, eu era preguiçoso, e eu era egoísta. Mas eu mudei. Estou sóbrio por sete meses e fazendo o melhor que posso. Aquele velho eu... Era um idiota. Não sou mais assim."

"Isso é fantástico," Bryers disse genuinamente. "Mesmo assim, temos um conjunto de suas impressões digitais em uma cerca em um aterro onde dois corpos foram recentemente despejados. Mais do que isso, também temos uma fibra branca que acreditamos ser de uma camisa. Atualmente, temos testes de DNA feitos no tecido e acreditamos que eles também apontarão diretamente para você."

"Corpos?" Staunton disse, horrorizado. "Assassinato? Está falando sério? Bati na minha esposa quando estava bêbado há seis anos e isso é o suficiente para me denunciar como suspeito de homicídio?"

"Quando suas impressões são encontradas na cena de onde um corpo foi descoberto, sim, isso o torna suspeito."

"Ah, inferno," Staunton disse, batendo a mão contra o batente da porta, frustrado. "Quer saber? Certo. Sim. Escalei uma cerca no aterro há três noites. Mas tudo o que eu estava fazendo era me livrar de latas de tinta para o cara com quem eu estou trabalhando. Nós não podemos despejá-los em qualquer lugar porque os fanáticos sobre meio ambiente estão todos preocupados com a possibilidade da tinta *machucar a terra* ou algo assim. Então, sim... Eu fiz isso. Já fiz algumas vezes."

"Você tem provas?" Perguntou Bryers.

"Não. Não, a não ser que meu empregador pretenda confessar o despejo ilegal."

"Podemos entrar?," Perguntou Bryers. "Não devemos demorar muito."

"E se eu disser não?" Perguntou Staunton.

"Senhor," disse Mackenzie, sentindo-se sinceramente mal por ele, não há necessidade de tornarmos isso mais difícil do que já é. Se você disser que não, nós vamos buscar um mandado e voltarei em algumas horas e passaremos por isso novamente. Se preciso for, iremos ao seu trabalho e lhe mostraremos o mandado. Ou você poderia apenas nos convidar para entrar agora."

"Tudo bem", Staunton disse, afastando-se, chutando o cão de volta levemente. "Entre e faça suas perguntas. É uma vergonha perceber que a ideia de que alguém realmente possa mudar não vale nada, não é?"

Mackenzie e Bryers foram para dentro, em silêncio porque não havia nada que qualquer um deles pudesse dizer.

Mackenzie percebeu que não havia mais nada a fazer aqui. Um homem culpado, não importa o quão bom ator ele é, teria pelo menos um traço de medo naquele primeiro momento. Staunton parecia genuinamente chocado, no entanto.

Ela suspirou, sabendo que não era o homem deles.

O verdadeiro assassino, porém, estava lá em algum lugar.

E o tempo estava passando.

CAPÍTULO OITO

A mãe dele estava em seu quarto, assistindo a um de seus estúpidos shows matutinos. Seu quarto ficava nos fundos da casa, no canto mais distante, e o barulho enchia o resto da casa como uma explosão muda. Ela ria de vez em quando, risos que se transformavam em suas tosses fortes e secas. O som era como o de pregos riscando em um quadro negro. Toda vez que o ouvia, desejava que ela morresse. Talvez ele tivesse finalmente a coragem de matá-la quando ela dormisse— colocar um travesseiro sobre o rosto gordo e estúpido dela ou apenas segurar suas mãos fortes sobre seu nariz e boca e vê-la sufocar.

No entanto, não tinha nada a ver com falta de coragem. Ele tinha toda a coragem do mundo. O que aconteceu foi que ele a amava. Ele amava muito a mãe; ela apenas ficou irritante e extremamente inconveniente, às vezes.

Foi uma das razões pelas quais ele estava feliz por ter aquele *puxadinho* velho na parte de trás da casa. Ele próprio o construiu, levando cerca de duas semanas para criar o domicílio de dois quartos que estava ligado à passagem traseira da casa de sua mãe. Mesmo aos vinte e três anos de idade, quase duas décadas atrás, após o colégio e sem perspectivas reais de emprego, ele sabia que sua mãe precisaria dele. Alguém tinha que cuidar dela e ela com certeza não iria encontrar um homem para passar o resto da vida com ela. Tinha cento e cinquenta e quatro quilos e, simplesmente, não se importava. Ela poderia morrer amanhã, mas enquanto pudesse beber seus refrigerantes e inalar uma caixa de tortas de creme de aveia, tudo bem morrer.

Ele acabou de limpar a sala de estar, preparou-se para voltar para sua pequena habitação onde provavelmente passaria algumas horas on-line fazendo absolutamente nada, quando percebeu uma movimentação através das persianas da sala. Olhou através das tiras e viu um homem caminhando pela calçada. Ele estava carregando um grande livro debaixo do braço e estava vestido com uma camisa de manga curta abotoada e calça cáqui. Um par de óculos estava pendurado em seu nariz e nas orelhas, fazendo seu rosto parecer magro.

"Ei!", Ele gritou.

Ele não ouviu resposta, apenas o som da televisão do canto da casa. Rapidamente, ele caminhou até o corredor e deu alguns passos em direção ao seu quarto.

"Ei!"

Depois de um momento, a TV ficou em silêncio. Eles faziam esse tipo de ida e volta várias vezes ao dia. Ele sabia que ela estava tirando o som do show, provavelmente irritada. Então sua voz veio até ele através das paredes finas. Era grossa e distorcida, o som de um animal caído e preguiçoso foi pego na caçada.

“O quê?” Ela gritou.

"Você marcou um encontro com outro vendedor hoje?"

Houve um momento em que ela pensou isso, mas então ela respondeu: "É no sábado! Não estou esperando ninguém hoje!"

Sua mãe tendia a fazer compromissos com os vendedores em uma base regular. Era por isso que eles tinham mais facas de cozinha do que jamais usariam. Foi por isso que sua mãe tinha toneladas de maquiagem e produtos para perda de peso empilhados no armário que só tinham sido usados uma vez. A mulher não tinha vida e odiava sair de casa. *Não é necessário sair para o mundo quando o mundo pode vir até você*, ela tinha dito isso a ele mais de uma vez.

Ele se sentia da mesma maneira... Mas não em relação às compras.

"Ok," ele berrou de volta.

O ruído de seu programa de jogos diurno voltou com força total. Isso o fez virar as mãos em punhos. Não só estava se comendo lentamente até morrer, mas a cadela também estava aparentemente perdendo a

audição.

Vários momentos depois, o homem que ele espionara subindo a calçada bateu na porta da frente. Não querendo parecer muito entusiasmado, esperou um momento antes de atender a porta. Sentiu o batimento de seu coração crescer em seu peito, suas palmas ficando suadas, e o começo de uma ereção na frente de sua calça.

Lentamente, avançou em direção à porta da frente. Ele a abriu, mostrando seu melhor olhar de desinteresse. Era importante ter a expressão certa; ele não queria parecer muito desinteressado. Ele queria que eles pensassem que tinham a chance de vender qualquer porcaria que estivessem vendendo. Agora que o vendedor estava na porta, ele viu que não era um livro simples sob o braço do homem, mas um grande fichário. O nome da empresa ao longo da lombada do livro é O CUIDADO DE GRAMADO DA EQUIPE VERDE.

"Ei," disse o homem de óculos. "Meu nome é Trevor Simms e eu sou um dos técnicos de solo da Equipe Verde. Você já ouviu falar de nós, por acaso?"

"Na verdade, não," ele respondeu.

"Bem, o que fazemos," disse Trevor, "é nos certificar de que seu gramado tem o melhor visual possível pelo menor custo. Agora, eu notei alguns pontos sem grama lá na frente e podemos cuidar disso para você. Há também um monte de ervas daninhas ao redor e—"

"Deixe-me cortá-la, Trevor", disse ele. "Vivendo neste bairro, você realmente acha que eu posso me dar ao luxo de mandar alguém arrumar o meu jardim? Gastar dinheiro para fazer a minha grama parecer bonita não está no topo da minha lista de prioridades."

Imperturbado, Trevor continuou. "Ah, eu sei. Confie em mim, eu sei fazer isso. Mas com os nossos preços, você ficará surpreso com o que você pode fazer para tornar o seu jardim se tornar perfeitamente verde."

Ele esperou um pouco antes de responder. Ele até fez um esforço para fingir que estava olhando por cima do ombro de Trevor Simms para ver a grama morta em questão. "Ah, inferno," disse ele. "Entre... Trevor, não é?"

"Isso mesmo", Trevor disse, entrando. "Você está tomando uma grande decisão."

"Ah, eu ainda não decidi nada," disse ele.

Ouviu a televisão atravessar as paredes. Era quase tão alta quanto as vozes que às vezes ouvia à noite... As vozes que vinham de debaixo da sua cama. Ele pensou que as ouviu agora, através do barulho dos programas de televisão de sua mãe. Ele também sentiu uma dor de cabeça familiar chegando e sabia o que tinha que ser feito para fazê-la ir embora.

Então, naquele momento, ele *tomou* uma decisão, embora não tivesse nada a ver com o cuidado do gramado. Na verdade, ele já estava pensando em empurrar este imbecil de quatro olhos para a sua pequena morada na casa de sua mãe.

"Sente-se, Trevor," disse ele, fechando a porta. "Vamos conversar, você e eu."

CAPÍTULO NOVE

Naquela tarde, Mackenzie se viu andando um pouco devagar em direção a um bar chamado Red's Roost. Ela já esteve lá apenas uma vez, durante a primeira semana em Quantico, onde ela, infelizmente, cuidava de um mojito sozinha. Agora ela olhou para o lugar com um novo tipo de medo—um desconforto rastejante que ela sabia que deveria ouvir, mas ela estava contra por razões que não entendia.

Ela entrou, passou pela anfitriã com um pequeno sorriso e um aceno, e foi direto para o bar. Quando seus olhos caíram sobre Ellington, esse desconforto mudou nas suas entranhas e ela o sentiu com um peso de chumbo. Ela não deveria estar aqui. Ela não deveria estar fazendo isso. Mesmo se Ellington insistisse que não havia nada além do que interesse profissional e ela *acreditava* nisso, ainda assim havia algo de errado.

Ele acenou para ela e brincou dando palmadas nas costas do assento ao lado dele. Ela andou até ele e foi um prazer ver o bar lotado. Não havia absolutamente nenhuma chance de que isso fosse se transformar em algo íntimo ou inapropriado.

Você está criando fantasiando demais, ela pensou enquanto se sentava em frente ao Ellington. *Ele não pensa em você assim. Você é apenas a pobre menina de Nebraska que ele está tentando ajudar a se consolidar profissionalmente. Por que você está tentando arruinar tudo?*

Ela não fazia ideia. O que ela sabia, entretanto, era que ela estava nervosa em torno dele de uma forma que a fazia sentir desconfortável, mas ao mesmo tempo, como uma garota encantada do ensino médio.

"Dia difícil?" Ele perguntou.

"Eu já fiquei melhor," disse ela. "Obrigada pela informação sobre o encontro com McGrath."

"Certo. Eu ouvi sobre a porcaria do trato. Quarenta e oito horas, hein?"

"Bem, tecnicamente, estou com apenas trinta e oito agora. Então... Sem querer ofendê-lo, pode me falar por quê você me chamou aqui?"

Uma garçonete veio, interrompendo aquele ir e vir. Eles pediram suas bebidas (uma cerveja de malte para Ellington e um Martini para ela) e ela esperou para ver para onde Ellington levaria a conversa. Foi ele quem a convidou para este encontro para beber, por isso seria detestável se ela estragasse tudo forçando uma conversa fiada—especialmente quando a sua carreira estava escapando de suas mãos a cada respiração. Ela teve a sensação de que Ellington também não era fã de conversa fiada. Era uma das coisas que ela gostava nele.

"Então," ele finalmente disse, "o seu recrutamento vazou para os seus companheiros de classe de alguma forma."

"Como?" Ela perguntou.

"Não faço ideia. Mesmo no FBI, a fofoca pode ser um assassino. No entanto, ninguém sabia sobre o recrutamento além de Bryers, você, eu e os vice-diretores. O melhor que podemos imaginar, é que talvez alguém tenha ouvido alguma a conversa que tivemos no café quando nos aproximamos de você."

"Então, todos estão putos comigo agora?" Perguntou Mackenzie.

"Putos? Não. Com inveja... talvez. Mas seu passado é proclamado mesmo entre seus colegas de classe. Eu acho que eles entendem. Mas ainda assim... Por serem fofocas, o ciúme também é uma triste realidade na sua trajetória no FBI. No entanto, acho que ninguém sabe sobre o cronograma ridículo que McGrath lhe deu.

"Ah, então eu estou sendo empurrada de volta para a estrutura social do ensino médio novamente."

Ellington sorriu para ela. "É pior do que de onde você veio?"

Pensou em Porter e Nelson em Nebraska. Embora Porter tivesse chegado antes dela ter partido, toda a experiência tinha deixado um gosto ruim em sua boca. "Touché", ela disse, seguido por um gole de seu martini.

"Mas, falando de onde você veio," Ellington disse, "devo admitir, eu estou aqui apenas como um amigo."

"Hum?" Ela perguntou.

"Sim. Os diretores ainda estão tentando entender tudo. Há uma conversa sobre como pôde ter sido um erro tentar esta experiência. Eles se perguntam se você passou por uma avaliação psicológica adequada. Depois do caso do Assassino Espantalho, o seu estado é considerado de *risco* em termos de seu estado mental."

Ela recuou um sorriso. Ela *foi* a um psiquiatra durante suas duas primeiras semanas em Quantico - duas sessões rápidas que foram sugeridas por Ellington e seu diretor assistente. Mas as sessões não foram obrigatórias e ela desistiu depois de duas semanas. Ela tinha feito da Academia sua prioridade e seu bem-estar psicológico ficou de lado.

"Eu estou bem," ela disse. "Sem pensamentos sombrios. Nenhum pesadelo. "Quando ela disse a palavra *pesadelo*, seu sangue ficou frio. A imagem do Assassino Espantalho no jardim da casa em que viveu durante a infância e os braços apodrecidos de seu pai morto brilhou nos olhos de sua mente e depois desapareceu.

"Você me diria o contrário? Ele perguntou.

"Não."

"Bem, pelo menos você é honesta. Mas olha... Se acha que te jogamos no fundo sem perguntar se sabia nadar, me avise agora, e não mais tarde."

"Estou bem, Ellington. E além disso, em trinta e oito horas, tudo poderia acabar de qualquer forma."

Ele sorriu para ela e eles se encararam por um momento. Ela desviou o olhar, lembrando-se de que ele era casado e que já tinha desviado de suas investidas uma vez.

"Não o deixe saber que eu lhe disse isto," Ellington disse, "mas Bryers pensa que você é incrível. Ele falou demais sobre o seu dossiê antes mesmo de te conhecer. Ele está nervoso por causa da responsabilidade, mas está feliz em tê-la ao seu lado."

Mackenzie não sabia como responder, então simplesmente tomou outro gole da bebida. A bebida descia bem e ela não podia resistir, teve que se perguntar o que poderia acontecer ao sentar aqui com este homem interessante e ficar bem próxima da embriagues novamente. Talvez desta vez, o resultado seria diferente.

Isso não muda o fato de que ele é casado, ela pensou.

"Qual é o problema do Bryers?" Mackenzie perguntou.

"O que você quer dizer com isso?"

"Bem, ele sempre faz perguntas sobre o meu passado, o que é bom. Isso mostra que ele está interessado. Mas sempre que eu pergunto a ele a mais simples pergunta sobre o passado dele, ele se fecha em silêncio."

Bryers assentiu com a cabeça. "Sim, esse é Bryers. Eu o conheço há cerca de seis anos e ele é um livro bem fechado. Eu não bisbilhotei a vida dele, mas eu ouvi que ele estava envolvido em um caso, um tempo atrás, que mexeu muito com ele. Algo a ver com um caso de sequestro que terminou muito mal. Ele teve que dar um tempo. Então... Apenas não pergunte muito."

"Não vou."

A mesa ficou em silêncio novamente e Mackenzie estava muito consciente do modo como ele a olhava. Era muito diferente do breve período que passaram juntos em Nebraska. Era a mesma maneira que Zack certa vez a olhara quando começaram a namorar - um olhar que foi se apagando cada vez mais à medida que viviam juntos.

Harry Dougan também a olhava de vez em quando. Ela se perguntou como ele se sentiria se soubesse que estava tendo essa pequena reunião com Ellington.

"Então, como vão as coisas com você?", ela perguntou.

"Decente, eu acho. Estou dirigindo essa força-tarefa de terrorismo doméstico. É quase um trabalho de escritório, realmente. Mas é de alta velocidade, sabe? Eu tenho feito oitenta horas por semana durante o último mês."

"Isso soa excitante."

"Claro que é. E cansativo. Também tende a irritar os cônjuges."

"Tenho certeza disso."

Ela o notou deslizando o dedo indicador pela superfície de sua aliança de casamento. Ele abriu a boca para dizer algo e depois pareceu pensar melhor.

"O que é?" Perguntou ela.

"Nada que você queira ouvir," disse Ellington.

"Provavelmente não," disse Mackenzie. "Mas perguntei, não foi?"

Ele hesitou por um momento, tomando um longo gole de sua cerveja. Quando ele a pôs de volta, seu tom parecia ter mudado. "Este trabalho," disse ele. "É gratificante, divertido *pra cacete* e emocionante. Mas se você escolher cinco pessoas casadas aleatoriamente - homens ou mulheres - do FBI, posso garantir que pelo menos três têm casamentos problemáticos ou se divorciaram pelo menos uma vez. Com este trabalho, você se casa com ele. Torna-se sua vida, sabe como é?"

Ela assentiu com a cabeça. Ela tinha ouvido essas coisas antes, especialmente durante os cursos introdutórios de quando ela chegou em Quantico. Talvez por isso estivesse tão atraída; isso substituiu o fomento de qualquer tipo de relacionamento com as pessoas.

"Minha esposa está quase desistindo," disse ele. "Se não fosse pelo nosso filho, eu tenho certeza que ela já teria ido embora."

Um milhão de frases clichês passou pela cabeça de Mackenzie, mas ela acabou optando por "Sinto muito por ouvir isso."

"O problema é que se ela me *fizesse* escolher entre ela e o trabalho, ela estaria embalando suas coisas já. Me mata admitir isso, mas é a verdade."

Esse comentário deixou a mesa em silêncio novamente. As coisas de repente ficaram estranhas e ela podia dizer que Ellington sentiu que ele talvez tivesse ido longe demais. Mackenzie começou a procurar desculpas para sair, qualquer razão para se retirar de uma situação que não tinha certeza de que seria capaz de desarmar se fosse longe demais. No entanto, ela não precisou de uma desculpa. Seu telefone tocou no meio do silêncio e ela respondeu imediatamente. Ela deu um olhar de desculpas para Ellington enquanto falava ao telefone.

"Olá?" Ela perguntou.

"Ei," veio a voz de Bryers do outro lado da linha. Parecia sombrio e quieto. Ela se perguntou, de uma forma um tanto egoísta, se McGrath tinha falado com os outros diretores para cortá-la agora, em vez de daqui a dois dias.

"Nós temos um terceiro corpo."

Mackenzie sentiu seu coração batendo em seu peito quando ele lhe deu instruções para ir ao novo depósito, mal conseguia ouvi-lo. Ela sentiu ondas de culpa por não poder parar o assassino a tempo. Ela sabia que tudo estava indo muito rápido para já haver três corpos; as apostas tinham sido aumentadas drasticamente e tudo estava prestes a mudar.

Ela parou quando ela se levantou da mesa e olhou de volta para Ellington enquanto tomava sua bebida.

"Outro corpo?" Ele adivinhou.

Ela assentiu com a cabeça, compartilhando seu olhar sombrio.

"Espero que as coisas fiquem bem com a sua esposa. Nesse meio tempo, talvez você não devesse beber com uma jovem recruta que lhe paquerou em Nebraska."

Ele assentiu, sombrio, se sobre o corpo ou sobre sua declaração, ela não podia dizer.

"Sim, talvez não."

Com isso, Mackenzie se afastou dele e voltou para o lado de fora, onde a noite parecia um pouco mais escura depois de ter recebido o telefonema de Bryers.

CAPÍTULO DEZ

Quando Mackenzie chegou no aterro, uma pequena equipe de agentes já estava lá. Eles tinham bloqueado a entrada, mesmo após o horário de funcionamento. Atrás dos dois carros e um agente único que estavam bloqueando a entrada, uma multidão estava montando holofotes em miniatura para iluminar os terrenos.

Ela parou seu carro na trincheira. Um jovem agente avançou e ela abaixou o vidro da janela. Quando ele olhou para ela, ela pôde sentir imediatamente que ele era novo. Todos os agentes novos pareciam ter um certo jeito durão não muito verdadeiro, como se estivessem *forçando a barra* demais.

Deus, não me deixe tornar-me um desses tipos, ela pensou.

"Este aterro é uma área restrita agora, senhora", disse o agente.

"Eu sei," disse Mackenzie. "Eu sou Mackenzie White. O agente Bryers deve ter ligado para avisar sobre mim."

O agente assentiu e lhe deu um rápido sorriso. Além disso, ela pensou ter visto um traço de rancor no comportamento dele. "Ele certamente avisou. Posso ver seu documento?"

Ocorreu-lhe então que tudo o que ela tinha era a sua carteira de motorista e seu cartão de identificação da Academia. Ela mostrou ao agente ambos, sentindo-se como uma novata por não ser capaz de apresentar um crachá real ou, pelo menos, um cartão de identificação temporário em um cordão ou algo assim. Satisfeito, o agente permitiu que ela estacionasse o carro. Ela então saiu e caminhou até a ligeira inclinação na área plana onde os holofotes estavam sendo montados.

Assim que subiu, ela ouviu o agente atrás dela na trincheira conversar de um jeito não muito baixo em um rádio comunicador. "Mackenzie White está em cena."

Depois disso, cada pessoa à frente nas luzes e na borda do aterro se virou para vê-la. Ela se sentiu como um inseto sob um microscópio quando se aproximou dos depósitos e se perguntou se deveria ter esperado por Bryers, antes de sair do carro.

Havia cinco grandes depósitos verdes à beira de uma grande rampa pavimentada, assim como no último lixão. Era fácil olhar para o topo deles, já que os fundos estavam ao longo do pavimento apoiados no chão na rua de saída do lixão. Mackenzie olhou dentro de cada um deles, analisando.

Ela viu o corpo no terceiro depósito. Estava de lado, nu. O pêlo nas pernas deixou claro que era de fato um homem. De onde estava, não via nada que indicasse a causa da morte. Ela se virou para os homens acendendo as luzes e estava prestes a chama-los quando viu um conjunto de faróis se aproximando. Alguns outros seguiam atrás do primeiro par de luzes.

Caminhou pela pequena rampa, passando pela barricada, e observou enquanto os novos veículos estacionavam. Há três ao todo: dois sedans e uma SUV. Todos tinham placas do governo.

Bryers saiu do primeiro carro e correu até ela. "Desculpe o atraso", disse ele. "Eu tive que correr para sair do escritório e montar esta equipe." Ele passou o polegar sobre o ombro ao dizer esta última parte.

"Está tudo bem," disse ela.

"Você vê o corpo?"

"Sim. Está na lixeira central."

Bryers pensou em algo por um momento e lhe deu um olhar sincero. Atrás dele, várias pessoas saíam da SUV e dos outros carros. Eles falaram uns com os outros calmamente e eficientemente se moveram no escuro.

"Ouça," disse Bryers. "As coisas vão se agitar rapidamente durante a próxima meia hora. Eu quero você aqui, mas eu também quero que você fique um pouco atrás de tudo. Observe atentamente e tome notas mentais. Se você vir algo que alguém não percebeu, não diga nada imediatamente. Quando o corpo for retirado e a multidão se dispersar, deixe-me saber de quaisquer perguntas ou comentários que você tiver. Tudo bem para você?"

"Sim, eu posso fazer isso." Ela ficou contente por ver que qualquer raiva que ele tinha dela ontem se foi. Ele voltou a ser um parceiro - talvez até um tipo de mentor.

"Ótimo," disse ele olhando para a rampa onde os holofotes estavam agora firmes e brilhando na direção da cena do crime. "Você está pronta?"

Ela só podia assentir enquanto seguia atrás dele e caminhava de volta para as lixeiras.

O médico legista chegou dez minutos depois. Nessa altura, dois agentes haviam entrado na grande lixeira verde para inspecionar o corpo. Mackenzie fez o que Bryers havia pedido, parado atrás da agitação e observado. Ela ouviu a maioria das conversas e pegou vários pedaços de informação que ela mentalmente arquivou.

Havia uma grande contusão no centro do peito do homem, que provavelmente era um hematoma - significando que ele havia sido atingido duramente ali. Havia outros machucados e uma única ferida no estômago do homem, mas parecia haver muito pouco sangue. Várias das unhas do homem estavam rasgadas e parecia haver arranhões e marcas de desgaste ao longo da maioria de seus dedos. Ele tinha uma tatuagem na parte superior das costas, ao longo do ombro direito, que parecia ser um pequeno dragão.

O homem estava fora da lixeira momentos depois e foi colocado em uma maca. Antes que o legista movesse o corpo, Bryers deu um passo à frente. "Ei, pessoal, me dê dois minutos antes de pegar o corpo, ok?"

Os homens assentiram, parecendo muito ansiosos para sair do brilho demasiado dos pequenos holofotes. Bryers olhou para Mackenzie e acenou. Ela foi rapidamente, sem perceber até chegar lá, que ela nunca tinha visto um homem morto tão de perto em sua linha de trabalho. O Assassino Espantinho a fez ver três mulheres mortas, mas este era o primeiro corpo masculino no qual lhe tinham pedido para olhar.

"Olhe para ele," disse Bryers. "Não toque em nada. Basta dar uma única olhada geral e me conte o que você vê."

Ela se inclinou para observar melhor o corpo. Bryers lhe entregou uma pequena lanterna Maglite e deu um passo atrás, dando à ela algum espaço. O lixão ficou calmo, mas ela mal notou. Ela entrou em um estado de concentração que só havia experimentado quando profundamente absorta em seu trabalho.

"Eu suponho que houve um trauma de força contundente no peito," disse ela. "A condição de suas mãos e dedos - incluindo as unhas rasgadas - indica que ele provavelmente estava preso antes de ser morto. Há sujeira visível sob as unhas - de cor pálida. É sujeira em forma de pó, não é uma sujeira acumulada por falta de higiene. Ela se inclinou para mais perto e observou as lacerações em seus dedos. "Eu acho que havia algum tipo de superfície áspera, também. Talvez madeira."

Ela continuou olhando e ficou de joelhos. "Leves abrasões em seus joelhos, quase se parecem com leves queimaduras por fricção em um tapete ou talvez uma fricção no mesmo material que danificou suas unhas. A vermelhidão ao redor da área indica que foi recente. Não mais de um dia e meio, com certeza. Ele ficou de joelhos em algum momento nas últimas 36 horas, talvez rastejando."

Ela olhou de volta para Bryers e viu que ele estava balançando a cabeça com entusiasmo. "Continue. Continue."

Ela não pensou que houvesse qualquer outra coisa para ser notada até quase desistir. A pressão adicional de todo mundo assistindo ela trabalhar a fez se sentir como se tivesse que encontrar alguma coisa. Quando ela alcançou a cabeça do homem, ela viu algo que ela no início descartou como lixo. Ela se inclinou para frente e examinou a substância no cabelo do homem com a lanterna.

"Podem me arranjar uma caneta ou algo assim?" Ela perguntou.

Bryers imediatamente chegou, entregando-lhe uma caneta. Ela a usou para escovar suavemente o cabelo do homem. A substância em seu cabelo parecia pó no início, mas então a luz atingiu-a de uma maneira particular e revelou algo mais.

"O que é isso?" Alguém perguntou por trás dela. Aparentemente, era algo que tinham deixado escapar.

"Apenas alguma coisa do lixo", alguém respondeu com desdém.

"Não," disse Mackenzie. "É fofo. Parece... Algum tipo de isolamento. "Ela raspou com a caneta um pequeno pedaço daquilo da cabeça do homem e pegou. Ela rolou o material entre seus dedos e assentiu. "Sim ... Material de isolamento."

Ela entregou o material para Bryers e quando ele o pegou, parecia quase feliz. Estava tão juvenil quanto ela se sentia com a descoberta daquilo, Mackenzie esperava que fosse porque sua descoberta o impressionou.

Mackenzie olhou através do cabelo do homem um pouco mais e sentiu conexões começando a se formar. Ela viu mais poeira pálida no cabelo do homem, a mesma poeira que estava sob suas unhas. Mais do que isso, porém, ela viu um pequeno corte sangrento escondido sob seu cabelo. Ela empurrou o cabelo dele para trás com a caneta e se inclinou para trás para que os outros pudessem vê-lo também.

"Um pequeno corte aqui", disse ela. "Tipo uma escoriação, definitivamente muito recente, assim como as outras pequenas feridas. Com cerca de dois centímetros e meio de diâmetro, mas muito profundo. Parece acidental, não intencional."

Ela entregou a caneta de volta para Bryers, que instantaneamente a jogou no compartimento mais próximo. Quando ela se levantou, terminada a análise, o corpo foi retirado da lixeira e levado para o veículo do legista.

O grupo de agentes e consultores se separou e partiu com a mesma rapidez com que tinham chegado. Bryers, por outro lado, parecia não ter pressa. Enquanto caminhavam até seus carros, ele olhou para a rodovia, um trecho escuro de nada menos do que cerca de trezentos metros de distância da saída do despejo. Os faróis iam e vinham, tão pequenos quanto insetos a esta distância.

"Isso foi impressionante", disse Bryers. "Se você não tivesse visto aquele corte na cabeça, ele teria passado despercebido até chegar ao médico legista."

"Não tenho certeza do quanto pode ajudar um pequeno achado."

"Honestamente, por agora, esse achado sozinho provavelmente não fará nada. Mas por que você não me diz o que você acha que isso significa?"

Ela estava hesitante no começo, não querendo errar. Mas seu instinto lhe dizia que ela estava certa ou perto de estar—perto o suficiente para direcionar a busca, de alguma maneira.

"A sujeira no cabelo e joelhos ligeiramente danificados indicam que ele estava rastejando. Acrescente isso ao horrível estado de suas mãos, e não só estava rastejando, mas estava tentando escapar... Talvez de algum lugar onde sentiu que realmente tinha uma chance de escapar. Faz-me pensar que ele estava sendo mantido em algum lugar antes de ter sido levado para lá—talvez uma gaiola ao ar livre ou algo assim, como um canil."

"Ok, vamos considerar isso", disse Bryers. "Mas se for esse o caso, e o buraco acidental na cabeça?"

"Bem," ela disse, pensando em voz alta agora. "Se ele estivesse de joelhos, rastejando e tentando sair de algo, acho que a ferida de punção veio de algo sobre sua cabeça. Provavelmente um prego. Então, talvez um teto muito baixo."

"Então, você está pensando em uma gaiola?", Perguntou Bryers.

"Ou algum tipo de caixa."

O silêncio caiu entre eles quando ambos pensaram sobre isso. Eles podiam ouvir os ruídos do passar carros na estrada do outro lado do aterro sanitário.

"Talvez não uma *caixa*", disse Bryers. "Talvez nós estejamos procurando algo como uma seção cortada do assoalho. Talvez um sótão."

"Talvez," disse Mackenzie, achando que ele estava perfeitamente certo.

"Bem, a noite está longe de terminar," disse Bryers. "Nós vamos ter uma identificação do corpo dentro de uma hora. Depois disso, a família será notificada e teremos que conversar com eles. Como

você se sente sobre assumir a liderança nisso? Deixe-me sentar e apenas assistir desta vez.”

"Tudo bem," ela disse.

"Agora, dado que você está ficando sem tempo para finalizar essa coisa, o que você acha que acontecerá? Podemos voltar para a sede e fingir que podemos contribuir para a papelada, ou pegar um hambúrguer nesta incrível lanchonete pequena que está no final da rua.”

Nenhuma das duas avenidas soou muito produtiva, embora o estudo da documentação de pistas sobre a natureza do assassino soasse atraente para ela. Mas ela também sabia que tinha recebido uma oportunidade de ouro e que o tempo estava se esgotando. Ficar mais perto da cena do crime provavelmente acabaria contando pontos a seu favor.

"Eu gostaria de ficar por aqui", disse ela. "Para ver se podemos encontrar algo mais digno de se tomar nota."

"Parece bom," ele disse.

Atrás deles, os outros agentes e consultores já estavam se preparando para sair. Era um lembrete de como tudo se movia rapidamente em um caso como este. Quinze minutos atrás, esse aterro tinha sido inundado em holofotes e estava apertado com tantos funcionários do governo. Agora estava estranhamente calmo e de volta à sua escuridão natural.

Pensando nisso, Mackenzie sabia que ela também precisava agir rápido. A velocidade e precisão que ela exibiu nos próximos dias poderia muito bem garantir ou arruinar o seu futuro.

CAPÍTULO ONZE

Mackenzie mal tinha vasculhado o local por dez minutos quando Bryers recebeu um telefonema. Não só o corpo do morto foi identificado como sendo de Trevor Simms, pai de dois filhos e casado há dez anos, mas a família também já havia sido notificada. Eles obviamente ficaram desolados, mas também estavam ansiosos para falar com alguém que poderia ser capaz de descobrir o que tinha acontecido.

Eles entraram no carro de Bryers, Mackenzie pegou o volante e correram para a residência de Simms. Enquanto eles faziam a viagem quinze minutos a sul de Quantico, Bryers cuidava de vários e-mails e chamadas sobre o caso. À medida que se aproximavam da residência de Simms, receberam mais informações; pouco a pouco, Mackenzie começou a fazer conexões e foi lentamente capaz de dar forma ao acontecido apesar de todo o caos.

"Ok, então aqui estamos", disse Bryers, lendo o último e-mail que havia chegado. "Trevor Simms, 31 anos, casado e duas crianças. Ele era coproprietário de uma pequena empresa de manutenção de gramados que obteve menos de 40 mil dólares no ano passado. Cara honesto, ele parecia ser. Treinava a equipe de softball de sua filha e cortava o gramado de sua igreja nas tardes de sábado. Sua esposa é Colette, trinta e três anos, enfermeira no Hospital Stafford. Nenhum deles tem antecedentes criminais e até parece que Trevor se ofereceu para trabalhar com os bombeiros como voluntário por alguns anos."

"Então não há inimigos," disse Mackenzie.

"Não parece haver. Me faz pensar que as vítimas que esse cara está pegando são aleatórias.

"Isso torna tudo muito mais difícil, não é?", Disse Mackenzie.

"Sim. Dezenove em cada vinte casos, se você consegue achar o motivo, pode prender seu assassino em menos de uma semana. Porém, sem motivação ou razão, se torna apenas um jogo de adivinhação."

Mackenzie odiava adivinhar. Ela odiava até mesmo qualquer tipo de jogo onde a suposição estivesse envolvida. Ela precisava da lógica; precisava de fatos. Então, obter informações tão detalhadas sobre a vítima tão rapidamente fez ela pensar que eles estavam sendo mais produtivos do que Bryers pensava.

Eles chegaram à casa da família Simms oito minutos depois, às 22:18. Não havia vestígios de presença policial, fazendo Mackenzie se perguntar se eles seriam os primeiros a falar com a esposa, além do oficial ou agente que havia tido a infeliz tarefa de lhe dizer que seu marido estava morto. Ela passou por isso algumas vezes antes, enquanto trabalhava para a polícia e sabia que era emocionalmente esgotante.

Saíram do carro e foram para a pequena varanda da casa bonitinha de dois andares dos Simmses. O exterior da casa precisava de uma lavagem e a pintura na varanda estava rachando. Alguns brinquedos estavam na varanda, assim como duas cadeiras de balanço. Era rústico e encantador—o tipo de casa compartilhada por um casal que provavelmente pagava suas contas em dia e que não tinha muito para gastar depois.

Ela tocou a campainha, tomando a dianteira como Bryers tinha sugerido antes. Imediatamente, eles puderam ouvir o barulho de passos quando alguém veio correndo para a porta. Segundos depois, uma mulher loira de 30 anos apareceu. Seus olhos estavam inchados e vermelhos e ela parecia exausta—tanto física quanto emocionalmente. Mackenzie se perguntou quanto tempo havia passado entre a visita informando-a de que seu marido estava morto e aquele momento em que dois agentes apareceram à sua porta para lhe fazer perguntas. Certamente não mais de três horas.

Mackenzie deu Colette Simms todo o crédito no mundo. Ela fez o seu melhor para parecer que estava ao lado deles quando os cumprimentou. Ela se perguntou se a recente viúva realmente tinha começado a compreender a totalidade do que havia acontecido.

"Vocês são os agentes?" Perguntou ela. Sua voz estava rouca de tanto gritar e chorar.

"Sim, somos," disse Mackenzie. "Eu sou o Agente White, e este é o Agente Bryers. Nós certamente

apreciamos você ter tempo para falar conosco."

Colette assentiu e lutou contra as lágrimas. "O agente com quem falei no telefone disse que quanto mais rápido você pudesse falar comigo, mais chances teremos de descobrir algo sobre a pessoa que o ma-ma-matou."

Ela parou ali, tendo que expressar o fato de que alguém tinha matado seu marido. Ela meio que caiu contra a parede e soltou um soluço. Mackenzie não hesitou; nem sequer olhou para Bryers para qualquer tipo de aprovação. Ela simplesmente entrou pela porta da frente e colocou um braço em torno de Colette Simms, dando um abraço tranquilizador.

Ela não disse nada, deixando Colette cair em seus braços e soluçar. Mackenzie olhou para Bryers e ele acenou para ela. Ele parecia um pouco desconfortável, mas ele também entrou na casa. Ele silenciosamente fechou a porta atrás e caminhou lentamente ao redor delas, em uma pequena sala de estar.

"Eu... Sinto muito", disse Colette entre suas respirações. "Ainda não... digeri o acontecido..."

"Eu sei," disse Mackenzie. "Sinto muito."

"As crianças... Eu tive que chamar minha mãe para vir buscá-las. Elas ainda não sabem... Elas são tão jovens e—"

"Bem, Sra. Simms," Mackenzie disse, "por enquanto, vamos omitir isso delas, ok? Agora, eu realmente preciso falar com você. Assim como o outro agente disse, quanto mais cedo pudermos falar com você, melhores serão nossas chances de descobrir quem fez isso. O agente com quem você falou lhe disse que houve outros?"

Ela assentiu com a cabeça. "Garotas nas lixeiras."

"Certo. Então parece que temos um assassino em série atuando. E você poderia nos ajudar a detê-lo antes que ele mata de novo. Você poderia nos ajudar a conseguir respostas não apenas sobre Trevor, mas sobre as duas jovens mulheres que também morreram."

Colette balançou a cabeça lentamente. Ela começou a chorar novamente, mas desta vez eram lágrimas dispersas que derramavam pelos cantos de seus olhos. Ela deu alguns soluços e quando se sentou no sofá e relaxou, Mackenzie encarou aquele como sendo o melhor momento para interrogá-la.

"Você tem alguma ideia de como foi o dia de Trevor ontem?" Perguntou Mackenzie.

"Nas últimas semanas, ele e Benjamin estavam tentando fazer novos negócios."

"Quem é Benjamin?"

"O coproprietário de da empresa deles. A Equipe Verde. Eles faziam manutenção e restauração de gramados."

"E Benjamin sabe o que aconteceu?" Perguntou Mackenzie.

"Ah, Deus, não. Ainda não lhe disse. Eu nem pensei nisso—"

Ela fez uma pausa aqui e Mackenzie percebeu que haveria outro colapso. Mais uma vez, porém, Colette mostrou sua força e engoliu o sentimento, focada na tarefa que tinha em suas mãos.

"Tudo bem," Mackenzie disse quando viu que Colette tinha novamente controle da situação. "Os negócios estavam ruins ultimamente?"

ada mal, realmente. Apenas lento. Nunca foi um negócio muito bem-sucedido. Mas ele também fez alguns trabalhos de mecânica paralelamente e isso nos ajudou muito."

"Você sabe de algum inimigo que Trevor poderia ter tido?" Perguntou Mackenzie. "Algum cliente hostil?"

Colette sorriu e começou a fungar de novo. Ela pegou um lenço de papel de uma caixa próxima e enxugou os olhos inchados. "Não, não há inimigos. Na verdade, acho que nunca ouvi Trevor pronunciar uma palavra realmente má contra ninguém. Ele tinha tantos amigos... Um cara do bem, sabe? Sempre ajudando os outros e até mesmo *procurando* maneiras de ajudar as pessoas." Ela parou aqui e havia uma carranca em seu rosto enquanto pensava sobre alguma coisa.

"O que foi?" Perguntou Mackenzie.

"Bem, no ano passado, Trevor trabalhou no caminhão de um cara e acabou não sendo capaz de consertá-lo. Trevor disse que fez mais mal do que bem ao caminhão. Acabou custando ao cara cerca de quinhentos dólares a longo prazo. Trevor pagou tudo ao final, mas antes disso, o sujeito ficou furioso. Ele veio à nossa casa, entrou na nossa pequena garagem lá atrás, e o atacou. Não foi nada sério, apenas um único soco. Mas daí ele começou a jogar fora por aí alguns dos equipamentos de Trevor."

"Você se lembra do nome desse homem?"

"Lonnie Smith."

"Você o viu depois disso?" Perguntou Bryers.

"Não. Trevor passou três meses pagando o que devia e depois disso cortamos qualquer vínculo."

Mackenzie pensou nisso por um momento e depois prosseguiu. "Você disse que acha que Trevor estava tentando fazer negócios nas últimas semanas. Sabe a implicância disso?"

Ela sentiu Bryers atrás dela, analisando lentamente o cômodo. Ela sentiu como se ele estivesse monitorando-a, como se estivesse fazendo algum tipo estranho de análise da realidade. Ela não se importava, na verdade. Ela compreendeu a linha de pensamento. Mais do que isso, permitia que ela se tornasse mais consciente de todas as perguntas que saíam de sua boca.

"Eles fizeram algumas coisas diferentes, na verdade", disse Colette. "Muitas delas estavam atraindo clientes passados. Eles também gastaram algum dinheiro em anúncios segmentados on-line e publicaram campanhas no Facebook. Coisas assim. Quando as coisas começaram a ficar realmente difíceis no ano passado, eles chegaram a dirigir o caminhão da empresa por bairros diferentes, indo de porta em porta."

Mackenzie voltou a olhar para Bryers. Um momento é isso floresceu entre eles e Colette Simms mal notou. Ela parecia profundamente pensativa, olhando para a parede da cozinha em frente deles. "Eu realmente deveria contar para Benjamin," disse ela.

"Senhora. Simms," disse Mackenzie. "Você sabe se eles estavam fazendo uma abordagem porta-a-porta esta semana?"

"Não sei," disse Collette, distraída. Mackenzie percebeu que Colette parecia estar se afastando deles. Aquilo era demais para ela; Mackenzie se sentiu culpada por tê-la interrogado tão cedo.

Ela se aproximou de Bryers e se inclinou perto dele. "Precisamos mandar um oficial aqui para sentar com ela, enquanto outra pessoa organizará os negócios familiares. Ela está se desvanecendo rapidamente... E quando ela sair da fuga na qual está adentrando, será desagradável."

Bryers assentiu com a cabeça. "Claro. Você encerra as coisas com ela e eu farei algumas ligações."

"Talvez veja o que você pode fazer para encontrar mais informações sobre Lonnie Smith, também," sugeriu Mackenzie. Sentia-se incomodada dando instruções ao Bryers, mas ele não parecia se importar.

Mackenzie voltou para Colette Simms. Se sentou no sofá ao lado dela e, depois de alguma hesitação, estendeu a mão e pegou a mão da moça.

"Obrigada, Sra. Simms. Você foi de grande ajuda. Teremos alguém aqui em breve para ajudá-la com tudo."

Colette apenas assentiu com a cabeça. Ela ainda olhava para a parede da cozinha do outro lado da casa. "Não faz sentido", disse ela. Sua voz soava como se alguém estivesse falando enquanto dormiam. "Quem faria uma coisa dessas com o Trevor? Ele nunca se envolveu com nada de ruim... Nunca se envolveu em qualquer problema. Ele não merecia isso..."

Ela ficou quieta então e Mackenzie observou uma única lágrima rolar pelo lado de seu rosto. Ouviu Bryers falando ao telefone na sala de estar e se perguntou se a informação que Colette lhe proporcionou havia golpeado Bryers da mesma forma que a atingiu.

Susan Kellerman estava indo de porta em porta com seus produtos para saúde.

Havia uma chance muito boa de que Trevor Simms estivesse indo de porta em porta tentando fazer negócios com sua empresa de manutenção de gramados.

E então, havia a última coisa que Colette havia lhe dito. *Ele nunca se envolveu com nada de ruim...*

Nunca se envolveu em qualquer problema.

Talvez o assassino não tivesse que caçar suas vítimas.

Talvez as vítimas estavam indo diretamente para ele.

CAPÍTULO DOZE

Enquanto caminhavam de volta à varanda de Colette Simms, Mackenzie estava ansiosa para compartilhar sua teoria. Mais do que isso, ela tinha certeza de que haveria uma pista muito fácil para ajudá-los ao longo da investigação—uma pista que esclarecesse tudo e que poderia ajudá-los a localizar o assassino dentro de uma área de poucos quarteirões. Ela abriu a boca para compartilhar tudo isso quando o telefone de Bryers tocou.

Ela ouviu o final da conversa quando entraram no carro. Tudo o que ela ouviu foi uma série de confirmações enquanto ela ficou atrás do volante e saiu da entrada da garagem. Bryers deu um final sim para a pessoa do outro lado da linha e depois desligou. Olhou diretamente para Mackenzie e sorriu.

"Você está pronta para ouvir isso?" Perguntou Bryers.

"O quê?"

"Temos informações sobre Lonnie Smith."

"Já?" Mackenzie perguntou, genuinamente chocada com a velocidade da informação.

"Já", confirmou Bryers. "Não só ele tem um registro criminal, como nele está incluído um período de nove meses na prisão por tentativa de sequestro há cinco anos. Quer saber para onde ele foi levado?"

"Para perto de Dupont Circle Station?"

"Bingo."

A conexão era tão surpreendente que a fez sorrir. Ela podia sentir uma crescente excitação florescer entre eles, mas ela tentou suprimir isso por enquanto. A última coisa que queria era ficar muito zelosa.

"Ok, mas e a conexão porta-a-porta?" Ela perguntou. "Isso não pode ser apenas uma coincidência, certo?"

"Você pegou isso também, hein?" Bryers perguntou.

"É meio difícil não fazer essa conexão."

"Não sei," disse Bryers, pensativo. "Eu vi coincidências estranhas." Ele hesitou por um momento e então franziu a testa. Ele quase matou completamente a excitação crescente entre eles.

"O que foi?" Ela perguntou.

"Você acha que Lonnie Smith é um beco sem saída, não é?" Ele perguntou. "Já?"

"Eu não iria *tão* longe", disse ela. "Dadas as circunstâncias, acho que vale a pena investigá-lo com certeza."

"Mas você está mais convencida de que há uma conexão com a abordagem porta-a-porta?"

"Sim. E você sabe, há uma maneira fácil de descobrir."

"Ah, é? O quê?"

"Bem, Colette nos disse que levariam o caminhão da empresa para diferentes bairros, procurando novos clientes. E se Trevor foi sequestrado e não voltou para seu caminhão..."

"Então há um indício muito óbvio bem na rua nos esperando, provavelmente com um adesivo da Equipe Verde em suas portas," Bryers concluiu.

"Potencialmente. Eu acho que também seria benéfico falar com seu colega de trabalho para descobrir que bairros eles visitaram esta semana."

"Duas pistas em uma visita", disse Bryers. "Eu gosto de resultados como esse."

"Ok então," Mackenzie disse. "Onde primeiro?"

"Bem, em ambos e em nenhum. Tenho o endereço de Lonnie Smith, e podemos visitá-lo pela manhã. Potenciais suspeitos serão mais cooperativos depois de terem acordado naturalmente—não depois de terem sido acordados pouco antes da meia-noite. Ele vive a cerca de quarenta minutos da Academia, então vamos sair de manhã cedo. Não muito cedo, porém; pois amanhã é sábado. Enquanto isso, eu farei uma ligação e verei o que posso fazer para ter um agente ou o departamento local em contato com o

coproprietário da Equipe Verde e assim vermos se podemos descobrir onde Trevor estava tentando alavancar os negócios ontem. Quando tivermos um local, talvez possamos ter alguns carros para executar um circuito de cerca de cinco quilômetros ao redor da área à procura de um caminhão da Equipe Verde. E só no caso de não ser um caminhão claramente identificado, eu também pegarei o número da placa de Trevor Simms.”

“Parece bom,” disse Mackenzie.

"Sim," disse Bryers. "Mas é claro, você sabe que é melhor ficar com suas esperanças até que haja um suspeito comprovado em custódia, certo?"

"Sim, eu sei."

Ele assentiu satisfatoriamente e voltou noite a dentro. Deixando para trás, pela segunda vez em dois dias, uma casa com um cônjuge aflito.

CAPÍTULO TREZE

Na manhã seguinte, Mackenzie encontrou Bryers esperando por ela no estacionamento da Academia com uma xícara de café quente. Desta vez, ele tinha um crachá temporário para ela, um cartão de plástico anexado a uma corda que ela colocou ao redor de seu pescoço.

"Eu insisti para que eles simplesmente deixassem você ter o verdadeiro", disse ele. "Eles não fariam isso. Aparentemente, eles levam seus distintivos muito a sério."

"E qual seria o motivo? Perguntou Mackenzie. "Afinal de contas, só vou ficar por mais vinte e oito horas."

Ela podia ver que Bryers estava tentando pensar em algo reconfortante para dizer, mas não sabia o que fazer. Não dando chance de tornar a situação embaraçosa, Mackenzie entrou no carro e esperou que ele fizesse o mesmo. Isso a fez pensar sobre o que Ellington havia contado. Sobre como Bryers enfrentou algo no passado relacionado ao trabalho e que o havia mudado de alguma forma. Mesmo agora, depois de trabalhar com ele, Mackenzie ainda não tinha certeza de que tipo de personalidade ele tinha.

Eram 7:05 quando saíram do estacionamento. Eles não conseguiram escapar da hora do rush pela manhã—outra coisa que fazia ela demorar um tempo para se acostumar com a área em torno de DC. Mesmo em uma manhã de sábado, o tráfego era intimidador.

"Então estamos coordenados com Quantico e o Departamento de Polícia de Washington DC", disse Bryers. "Benjamin Worley, o outro cara da Equipe Verde, deu-nos dois locais para onde Trevor foi enviado ontem, todos dentro de um quilômetro e meio de distância um do outro. Eles têm alguns carros prospectando um bairro em particular, onde algumas atividades criminosas são geralmente relatadas. Toda a atenção está voltada para um caminhão da Equipe Verde ou um caminhão aparentemente abandonado com o número da placa de Trevor Simms. Isso deve ser resolvido até dez ou onze desta manhã."

"Ótimo."

"O que é ainda melhor é que a Diretor-Adjunto McGrath sabe que foi você que fez essa conexão," disse Bryers. "Eu me certifiquei de dizer a ele quando eu o informei ontem à noite. Eu também deixei ele saber o quão gentil e eficiente você foi com Collette Simms. Ele ainda não é o seu maior fã, mas ele parecia satisfeito."

"Ele é fã de alguém?" Ela perguntou, arrependendo-se de fazer a pergunta assim que ela saiu de sua boca. Ela certamente não queria dar a impressão de que estava falando mal de seus superiores.

Bryers soltou uma risada e encolheu os ombros, desconsiderando completamente o comentário. "Fã dele mesmo, talvez."

Eles seguiram o fluxo do tráfego da manhã à medida que o emaranhado do trajeto Quantico / DC começou a se intensificar em torno deles.

"Nós sabemos onde Lonnie Smith atualmente trabalha?" Mackenzie perguntou.

"Como assistente de encanador," respondeu Bryers. "Antes disso, ele estava trabalhando em um armazém e anteriormente, em uma fábrica de celulose. Ele nunca ficou em um emprego por mais de três anos. Acho que o breve período na prisão provavelmente não o ajudou nem um pouco."

"Algum problema desde que ele saiu?"

"Nada arquivado", disse Bryers. "Mas tenho certeza de que você sabe, que raramente o quebra-cabeças está completo."

Chegaram ao complexo de apartamentos de Lonnie Smith doze minutos depois. Era um luar mediano, não era um lugar em ruínas mas certamente também não era uma residência respeitável. Mackenzie seguiu Bryers por um único lance de escadas que serpenteava pelo interior do prédio e depois saía em uma parecida com a de um hotel de beira de estrada. Eles chegaram ao apartamento 204, onde Bryers parou.

Ele não se incomodou em bater à porta. Havia dois pedaços de papel presos à ela. Ambos eram formulários com um cabeçalho que dizia APARTMENTOS BROOKVIEW. O pequeno formulário continha o nome de Lonnie, seu número de apartamento e, em seguida, o número do senhorio. O formulário explicava que o aluguel de Lonnie estava atrasado. O segundo era idêntico ao primeiro, mas esse dizia que o aluguel estava atrasado por um período de quatro semanas. As palavras AVISO FINAL ANTES DO DESPEJO foram escritas sem nenhum capricho na parte inferior do formulário com um marcador de texto na cor preta.

"Quer ligar para este número?" Bryers perguntou, apontando para o número do senhorio.

Mackenzie assentiu, tirando o telefone do bolso e discando o número. O telefone tocou duas vezes antes de ser atendido por uma mulher irritada. Ela tinha um leve sotaque asiático e parecia muito cansada.

"Olá? É a Kim, da Apartmentos Brookview."

"Olá," disse Mackenzie. "Meu nome é Mackenzie White. Estou trabalhando como consultora no FBI em um caso local que me levou ao apartamento de um dos seus inquilinos."

"Nenhuma surpresa", disse Kim de forma amarga. "Quem é?"

"Lonnie Smith. Meu parceiro e eu estamos parados na porta dele agora e de frente para o aviso de despejo."

"Bem, se o encontrar, pegue os mil e cem dólares que ele me deve, tá?"

Ignorando a raiva da mulher, Mackenzie disse: "Quanto tempo tem que ele saiu da casa?"

"Eu sei que ele está fora há pelo menos seis semanas," disse Kim. "Ele viveu naquele apartamento por quatro anos. Seu aluguel estava sempre atrasado—às vezes um dia ou dois, às vezes, duas semanas. Mas, no mês passado, fui até lá para cobrar seu aluguel atrasado e ele não estava em casa. Ele não atendeu chamadas e nunca apareceu. Liguei para a companhia de energia elétrica e descobri que ele havia ligado e solicitado que seu fornecimento de energia fosse desligado há seis semanas."

"Entendi, disse Mackenzie. "Obrigada pelo seu tempo."

"Sim, tudo bem. Eu espero que você encontre o vagabundo."

Mackenzie terminou o telefonema e desceu as escadas com Bryers ao seu lado. "Você tem o nome e número do encanador para o qual ele estava trabalhando?" Ela perguntou.

"Sim. Vou enviá-lo para você via e-mail agora."

Ele enviou o e-mail quando chegaram ao carro. Quando ele estava atrás do volante e saindo para a rua, Mackenzie estava no telefone com o dono da Pipeworks Plumbing, empresa de serviços para encanamentos. Mais uma vez, ela se viu desfrutando da rapidez e fluidez das informações trocadas dentro no FBI. Em comparação com o que ela tinha conhecido em Nebraska, era quase como um passe de mágica.

Quando o gerente da empresa de encanamento estava no telefone, ela fez aquelas introduções novamente, disse ao proprietário a mesma coisa que tinha dito à Kim da Apartmentos Brookview, e obteve a mesma reação.

"Sim, eu não estou surpreso porque as autoridades estão procurando por ele", disse o proprietário.

"Por quê?" Perguntou Mackenzie.

"Ele sempre pareceu sombrio. Mas eu precisava de ajuda e quando ele apareceu, ele trabalhou duro. Mas sim... Ele me ligou há cerca de um mês e disse que estava desistindo do trabalho. Sem nenhuma razão, nada. Ele parecia que estava bêbado quando ligou. Não me surpreendeu... Seu histórico de trabalho era uma piada e quando liguei para os seus empregadores anteriores, eles me disseram para não esperar que ele ficasse por muito tempo."

"Bem, ele não está mais morando no apartamento dele," disse Mackenzie. "Você tem alguma ideia de onde ele poderia ter ido?"

"Ele me deu um endereço na Carolina do Sul para enviar o seu cheque de rescisão. Isso é tudo o que

sei."

"Você o tem aí?"

"Não comigo agora."

"Você poderia me enviar um e-mail? Posso lhe dar o meu."

Eles passaram pelas formalidades e em cerca de dez minutos, ela tinha o endereço para onde o proprietário tinha enviado o último cheque de Lonnie. Ela falou para o Bryers tudo o que o proprietário da Pipeworks havia lhe dito, repassando os detalhes lentamente para que ela pudesse considerá-los novamente.

"Ideias?" Bryers perguntou.

"Eu acho que isso o descarta," disse Mackenzie.

"Você não acha o seu desaparecimento súbito *muito* conveniente?"

"É digno de uma anotação, certamente," disse ela. "Mas há algumas coisas a considerar. Primeiro... Esse cara têm problemas com compromissos. Não apenas com o trabalho, mas com um lugar de residência, aparentemente. Ele não se alinha com a motivação e o foco que levaria alguém fazer sequestros, manter pessoas em cativeiro por um tempo, matá-las e depois despejá-las em um aterro após horas. Estamos falando de dois tipos de personalidade diferentes. Além disso, alguém assim estaria à procura do seu último salário antes de achar o próximo trabalho. O fato de ele ter seu último cheque entregue na Carolina do Sul me faz pensar que ele já se foi há muito tempo—que ele não esteve nem perto daqui há pelo menos um mês."

"Todas ótimas observações," disse Bryers. "E eu concordo com tudo. Ainda assim, o seu desaparecimento, especialmente com as sutis ligações com Trevor Simms, faz dele uma prioridade. Precisamos falar isso, dar toda a informação disponível, e deixá-los se movimentar. Tentarão descobrir onde ele está vivendo, talvez até mesmo falar com algumas pessoas envolvidas em sua tentativa de sequestro de anos atrás. A boa notícia para você e eu é que nunca tocaremos em nada disso a menos que haja uma ligação comprovada entre Smith e essas mortes."

"Eu não acho que exista," disse Mackenzie.

"O mesmo aqui."

"Então o que vamos fazer?" Perguntou Mackenzie.

"Ficamos parados por enquanto. Outra pista. Temos que nos prender aos arquivos do caso no escritório. Qual é a sua disponibilidade hoje?"

"Bem, é sábado. E eu planejo aproveitar ao máximo o tempo limitado que tenho. Então, provavelmente vou sentar no meu apartamento e examinar os arquivos.

"Parece decepcionada."

"Parece perda de tempo apenas ficar sentada e tentar arranjar algo nos arquivos," disse Mackenzie. "Não deveríamos estar em cena, vendo se nos esquecemos de alguma coisa?"

"Você se sente como se tivesse esquecido de alguma coisa?" Bryers perguntou.

"Não."

"Exatamente. Existem outros departamentos, de qualquer maneira, à procura de dicas vagas como fibras de cabelo e impressões digitais. Até agora não houve nada. Você e eu somos o a referência no caso... Temos que estar prontamente disponíveis. E, às vezes, isso significa sentados atrás de uma mesa, olhando fotos e folhas de papel. É parte do trabalho, receio."

"E a contagem regressiva contra a qual estou trabalhando?"

"Isso geralmente *não* é parte do trabalho," Bryers admitiu. "E eu vou tentar o meu melhor para ter certeza de que venceremos. Eu admito: você foi jogada em uma situação de *merda*. Para eles potencialmente chutá-la para fora da Academia por algo que você nem sequer tem em mãos... Está errado."

"Obrigada," disse ela.

Foi ótimo ouvir o apoio, mas isso não a ajudou muito. Ela olhou pela janela com o trânsito de sábado de manhã fluindo e se perguntou se este poderia ser o seu último fim de semana como estagiária.

E talvez mais importante, ela se perguntou onde o assassino estava e quais seriam seus planos para o fim de semana.

CAPÍTULO QUATORZE

Ele continuou pensando no caminhão—aquele maldito caminhão que ele de alguma forma não tinha sequer tido tempo para pensar a respeito quando o homem da manutenção de gramados bateu em sua porta. Ele deixou passar menos de trinta segundos antes de atacar o homem. Ele então arrastou seu corpo inconsciente de volta para o seu barraco, a trilha sonora era o som dos shows que sua mãe gostava de assistir e sua tosse miserável.

Quando o homem da manutenção de gramados foi colocado com segurança naquele espaço abaixo do piso da casa, foi o momento em que a ideia sobre o caminhão lhe ocorreu. O homem da manutenção de gramados chegou até aqui de *algum modo*. Provavelmente em um carro da empresa, porque isso era a melhor propaganda. Ele olhou para a capa da pasta que tinha caído das mãos do homem na breve discussão e leu o nome da empresa: Equipe Verde.

Ele voltou para o espaço e encontrou o homem se mexendo. Ele deu dois socos no cara, fortes e bem na cabeça, derrubando-o novamente. Ele então puxou-o parcialmente para fora do espaço e começou a apalpá-lo para achar as chaves. Ele as encontrou no bolso direito dianteiro do homem. Ele então colocou de volta o homem no espaço, certificou-se de que a porta pequena era confiável, e andou então para trás voltando para o barraco. Quando ele estava dentro da casa de sua mãe, ele lhe disse que sairia por um tempo e depois passou os próximos quarenta e cinco minutos andando pelo bairro à procura de um caminhão ou van com o mesmo logotipo da Equipe Verde que ele viu na pasta do homem da manutenção de gramados.

Quando o encontrou estacionado em duas ruas, destrancou a porta com as chaves retiradas do bolso do homem da manutenção. Ele entrou rapidamente e ligou o motor. Antes de sair, olhou ao redor da cabine. Não havia computador ou tablet ali, embora houvesse uma pequena lsita. Abriu-a até a data do dia e viu onde o homem tinha marcado abaixo suas paradas planeadas para o dia.

Ele arrancou a página, enrolou-a e enfiou-a no bolso. Ele então puxou o caminhão para longe do meio-fio e foi para o lado leste. Ele não tinha um destino claro em mente; simplesmente queria o caminhão o mais longe possível de sua casa. Ele odiava quando algo inesperado acontecia, mas ao mesmo tempo, sabia que a resolução de problemas mantinha sua mente afiada. E com aquele hobby, manter uma mente afiada era muito importante.

Ele parou a meia hora de distância, estacionando o caminhão num lugar vazio em um estacionamento do Burger King. Ele trancou as portas, levou as chaves com ele e começou a andar. Já, ele sentiu um peso enorme sair de seus ombros. Ele andou cinco minutos até a parada de ônibus mais próxima e pegou o próximo ônibus de volta para casa.

O calvário inteiro tinha levado um pouco mais de uma hora e meia. Ele voltou para casa e havia silêncio; a TV no quarto de sua mãe estava desligada e mesmo antes de começar a andar pelo corredor, ele podia ouvir seu ronco. Ela cochilava até depois das duas da tarde, deixando-o livre para lidar com o homem da manutenção de gramados que estava preso no espaço subterrâneo.

Foi assim que ele passou o resto daquela tarde. Ele se sentou ali, ouvindo as súplicas e gritos do homem. Ele sabia que sua mãe não ouviria os gritos; ele fez um isolamento acústico no espaço quando o construiu, com a certeza que ele usaria esse tipo de coisa no futuro. Era um buraco miserável ao lado do barraco, mas servia bem ao seu propósito. Ele não precisou comprar nada muito caro—o simples isolamento e uma fechadura industrial forte para a porta foi realmente tudo o que ele precisou adquirir.

Ele ouviu o homem implorar por sua vida por quase uma hora. Depois de um tempo, o barulho era quase como o zumbido de um ventilador elétrico ou o agradável chocalho do ar-condicionado no meio da noite. Logo, porém, ele se cansou do som e ficou muito animado com o que veio a seguir.

Lentamente e metodicamente, como um homem com um trabalho importante que o aguarda, ele pegou

seu bastão de beisebol de madeira debaixo de sua cama. Ele então abriu a porta do espaço, agachado entrou lá dentro, e acalmou o homem de uma vez por todas.

Isso foi há dois dias. Ele sabia disso por causa do calendário com mulheres nuas na parede do seu quarto. A mulher para o mês de setembro era uma ruiva com seios pequenos e pernas incríveis. Ele tinha colocado uma marca na quinta-feira (um pequeno *) e tinha colocado traços pequenos nos dias que se seguiram. Era a única maneira de distinguir os dias. Às vezes, esquecia que dia era aquele e o que tinha feito no dia anterior. Mas ele sabia que a marca na sexta-feira significava que ele tinha levado alguém para o espaço subterrâneo, o que significava que ele havia levado a mesma pessoa para um aterro naquela noite.

Isso significava que hoje era sábado. Ele olhou para o celular e puxou o calendário de sua mãe. Ele tinha sincronizado seus calendários há muito tempo, sem que ela soubesse, para que ele soubesse quando ela teria a visita daqueles vendedores estúpidos para vender suas porcarias inúteis. Ele viu que havia alguém programado para hoje—alguém de uma empresa chamada Natural Health Remedies.

Ele pesquisou a empresa no Google e descobriu que era uma pequena empresa—de propriedade e operada por uma única mulher que trabalhava em casa. Seu site era fofinho e ela enfatizava sobre como cada faceta de seu negócio era executada de sua sala de estar, enquanto ela tentava escrever o Um Grande Romance Americano no seu tempo livre. Ele sabia que isso significava que não haveria colegas de trabalho ou banco de dados de qualquer tipo que indicassem para onde ela iria no final do dia. Isso fez dela a candidata perfeita.

Ele apagou a informação do calendário de sua mãe e rapidamente entrou em sua parte da casa. Ele andou pelo corredor, envolto pelo rugido de algum jogo matutino que ela estava assistindo. Ele bateu em sua porta, ouviu a sua movimentação desajeitada na cama para pegar o controle remoto, e então o barulho foi silenciado.

"Sim?" Ela perguntou, sua voz rouca e grossa.

Ele abriu a porta, sem se importar em olhar para dentro. "Estou fazendo um lanche, disse ele. "Você quer algo?"

Ele sabia que ela aceitaria. Ela ia querer um daqueles copos horríveis de pudim. Tapioca. Ela comia cerca de quatro por dia e havia constantemente pelo menos uma caixa daquele lixo na despensa.

"Obrigada, querido," disse ela. "Sim, se você puder me trazer um dos meus pudins, seria bom. E um pouco de suco, também.

"Claro."

Ele fechou a porta e entrou na cozinha. Abriu um dos copos de pudim de tapioca e serviu-lhe um copo de suco de abacaxi com laranja, que ela bebia no galão. Ele então enfiou a mão em seu bolso e puxou as três cápsulas de *Sonata* que ele pegou de seu esconderijo. Ele precisou tomar *Sonata* no ano passado, quando não conseguia dormir. Ele só tinha tomado quatro delas porque não gostava do modo atordoado como se sentia pela manhã ao tomá-las. Ele guardou as cápsulas, sabendo que precisaria usá-las com sua mãe um dia.

Ele abriu cuidadosamente as cápsulas e despejou o pó branco no pudim. Ele então mexeu o pudim, para esconder o pó. Ele esperou um momento, não querendo parecer com pressa de fazer as coisas, e levou o lanche para a sua mãe. Desta vez quando ele bateu, ela não se incomodou em desligar a televisão; ela apenas gritou para ele entrar e deu um tapinha na mão dele com amor quando ele pôs o pudim e o suco sobre a mesa de cabeceira.

Ele conseguiu não olhar para ela o tempo todo em que ele estava no quarto. Ela era nojenta. Ver o que ela tinha se tornado o fez sentir mal. Lembrou-se da magra e esbelta e que ele tinha quando menino e se

perguntou o que tinha acontecido com ela. Seu pai era em parte culpado, mas de novo não foi seu pai que tinha empurrado vinte e cinco anos de comida insalubre em sua boca. Seu pai tinha sido um péssimo exemplo de ser humano e tinha feito um monte de merda, mas forçar sua mãe a ganhar mais de noventa quilos não foi uma delas.

Ele voltou para o seu barraco e sentou-se na borda de sua cama. Ele olhou para o espaço subterrâneo que estava logo ali, fora de seu quarto, instalado na parede como um estranho alçapão. Ele olhou para o relógio. Eram 10:05. O encontro com a senhora da empresa Natural Health Remedies era às 11:30.

Ele não podia fazer nada para aliviar a necessidade que estava agora consumindo-o por dentro.

Tudo o que ele podia fazer era olhar para a entrada daquele espaço subterrâneo e fantasiar sobre quem a próxima vítima poderia ser. Ela gritaria? Ela imploraria por sua vida e ofereceria sexo? Ou ela apenas se desintegraria chorando desesperadamente?

Ele não se importava de uma maneira ou de outra. Tudo o que importava era preencher o buraco—satisfazer a necessidade. O assustador foi que, por agora, ele não via a necessidade de estar plenamente satisfeito.

No passado, uma vítima tinha feito isso. Ele tinha uma pessoa e aquele comichão cessaria. Uma vítima faria aquela sensação durar por vários meses. Mas agora, desde a mulher chamada Shanda Elliot, a necessidade só tinha ficado mais forte. E ele tinha que satisfazê-la ou as vozes começariam de novo... As vozes que o lembravam do fracasso de um pai e as coisas que seu pai tinha feito com ele.

Você gostou, não é? As vozes perguntariam. Você gostou e quando ele saiu, essa era a única coisa que fez você ficar triste... Que você não seria mais o seu garotinho especial.

"Cale-se," ele disse para o quarto vazio. Até mesmo o pensamento de que aquelas vozes voltariam, faziam ele ficar inquieto e quase doente.

Ele tinha que manter as vozes afastadas. E faria qualquer coisa para isso... Mesmo que isso significasse mais mortes para satisfazer aquela fome dentro dele.

Se mantivesse as vozes longe, mataria qualquer um e todos. Ele mataria *todos*... Incendiaria o mundo inteiro apenas por um momento de paz.

Ele olhou para o relógio. Mais oitenta minutos e ela estaria aqui.

Ele podia esperar tanto tempo. A necessidade podia esperar tanto tempo.

E se não pudesse... Bem, sua mãe estava sempre por ali.

CAPÍTULO QUINZE

Mackenzie passou o sábado escondida em seu apartamento, olhando os arquivos do caso. Ela falou com Bryers apenas uma vez e tinha sido apenas para que ele pudesse atualizá-la sobre o que estava acontecendo nos bastidores. Uma pequena equipe ainda estava ativamente tentando localizar Lonnie Smith, mas nada havia acontecido até agora. Além disso, eles receberam informações do Departamento de Polícia local que o caminhão de trabalho Trevor Simms tinha sido descoberto em um estacionamento da Burger King e rebocado. Estava atualmente em um pátio de apreensão e tinha sido examinado por uma equipe forense que não havia encontrado um único vestígio de evidência. A única coisa notável se referia às entradas de registro na quinta-feira que tinham sido arrancadas do plano de Trevor.

Era o plano que Mackenzie estava pensando a respeito na tarde de sábado enquanto estava sentada à sua pequena mesa na cozinha, bebendo uma cerveja e escutando música. Ela olhou para o conteúdo dos arquivos, as fotos dos aterros e vítimas, como se fossem obras de arte para serem admiradas e estudadas.

Ela se perguntou se Bryers seria capaz de obter o plano para ela. Ter a página arrancada indicava que o assassino era lógico. Ela também assumiu que tinha sido o assassino que tinha deixado o

Ela tentou imaginar-se como um assassino que estava movendo uma evidência tão condenável. Não ter deixado nenhuma evidência significava que ele não era apenas cuidadoso, mas também calmo. Sugeriu que não sentia nenhum remorso real pelo que fez. Não demonstrou pânico, nem preguiça em sua abordagem. E para não demonstrar nenhum remorso por suas ações, ainda tem a aptidão lógica para mover o caminhão e pegar uma página do plano de ação. Também estava claro que ele estava ciente do que estava fazendo. Despejar os corpos em aterros (aterros estaduais) também indicou que ele sabia que manter os corpos com ele também poderia prejudicá-lo. A consciência dos assassinatos sem qualquer remorso indicava algum tipo de problema psicológico. Se aquele fosse o caso, havia uma possibilidade muito boa de que seu assassino estivesse matando sem nenhum motivo real, a não ser por diversão.

Olhar para as fotos da cena do crime sob esta luz de percepção a fez se sentir mais preocupada do que nunca. Um assassino de sangue frio com um intelecto desses seria complicado de ser apanhado e, ao longo do tempo, muito mais brutal e rotineiro em suas ações.

Talvez, pensou enquanto terminava a cerveja, será a rotina que nos levará até ele.

Enquanto ela continuava a examinar os arquivos, seu telefone tocou. Ela correu para ele imediatamente, pensando que seria Bryers. Mas o número na tela não era familiar. Ela respondeu cautelosamente, perguntando-se se Zack estava usando outro número para entrar em contato com ela, na esperança de enganá-la. Mas o código de área era DC, de modo que provavelmente não era esse o caso.

"Olá?"

"Oi, Mackenzie. Como você está?"

"Eu estou... Bem. Quem é?"

"É Colby Stinson."

"Oh, desculpe. Eu não reconheci a sua voz e ainda não salvei seu número no meu telefone."

"Não se preocupe. Olha, eu imaginei que você fosse do tipo que ficaria em casa no sábado à noite."

"Isso é óbvio?" Ela disse, brincando para não revelar o fato de que ela estava secretamente ajudando em um caso.

"Saia de casa e junte-se a mim para tomarmos alguma coisa," Colby disse.

"Eu não sei. Eu realmente não sinto vontade de beber." Isso, é claro, não era verdade. Mas ela tinha acabado de tomar uma cerveja e queria permanecer alerta e disponível caso Bryers ligasse.

"Beleza," disse Colby. "Venha e você pode assistir tomando uma bebida."

Mackenzie olhou para os arquivos do caso na mesa. Ela os conhecia *de cor e salteado* agora, pois passou o fim de semana cuidando deles. Ela não extrairia nada de novo deles no curso das próximas duas

horas. Além disso, alguma socialização depois das miseráveis vinte e quatro horas que ela teve poderia lhe fazer bem.

"Claro, eu posso fazer isso," disse Mackenzie. "Onde e quando?"

Eles fizeram planos e mesmo depois de Mackenzie fechar os arquivos, sua mente permanecia ligada ao conteúdo dentro deles. Abriu-se uma lista de verificação mental em sua cabeça, tentando achar uma solução válida.

Provavelmente um homem com algum tipo de problemas psicológicos, mas é muito inteligente. Ele provavelmente está segurando as vítimas em algum tipo de jaula de madeira ou caixa que tem isolamento acústico dentro dela. Pelo que parece, apenas mata para o esporte. Até agora, parece que todas as vítimas foram até ele, em vez de serem caçadas.

A imagem que esses fatos pintaram não era bonita, mas pelo menos lhe dava alguma nuance para trabalhar. E foi aquela imagem que permaneceu em sua cabeça enquanto ela saía pela porta tentando retomar à uma vida normal.

Ela encontrou Colby em um pequeno restaurante a dois quartos da Academia. O lugar era mais conhecido por seus hambúrgueres espessos e engordurados, mas Mackenzie *tinha uma queda* pelas omeletes. Ela estava desfrutando de uma quando ela e Colby se encontraram. Era um simples bate-papo, algumas partes deixavam Mackenzie um pouco invejosa. Colby saiu um fim de semana com um cara de sua turma de análise de perfis, e ambos ficaram na cama a maior parte do sábado.

Mackenzie tentou se lembrar da última vez em que teve relações sexuais. Tinha sido há mais de cinco meses, uma sessão rápida e bastante insatisfatória com Zack. Ela se perguntou se acabaria sendo uma daquelas mulheres que estavam mais interessadas em sua carreira do que nos homens. No entanto, devido a alguns dos pensamentos impuros que ela teve sobre Ellington, ela achou isso muito difícil de acontecer. Ela também sabia que Harry provavelmente estaria mais do que disposto, se ela alguma vez lhe desse essa chance.

Talvez, se meu tempo na Academia se encerrar neste caso e McGrath me expulsar, vou correr chorando para os braços de Harry, para ser consolada, ela pensou.

Ela ouviu Colby o mais cordialmente que pôde, acenando com a cabeça aqui e ali e fazendo comentários em todos os momentos certos. Mas perto do final da refeição que ela realmente começou a ouvir. Com a forma como Colby decidiu encerrar a conversa, ela não teve escolha senão prestar muita atenção.

"Escute," disse Colby. "Eu não sei como dizer isso a você, mas eu sinto que eu preciso porque eu que somos como amigas, certo?"

"Ai merda," Mackenzie disse. "Há outro abacaxi?"

"Não é um *abacaxi* desta vez."

"Mas é algum tipo de *pepino*?"

Colby encolheu os ombros, aparentemente tinha terminado a tal conversa. "Bem, quase todos em nossos cursos sabem que você tem ajudado o agente Bryers em um caso," disse. "O ciúme, é claro, virou a cabeça deles. Algumas das coisas que ouvi nos corredores são muito ruins."

"Ruins em que medida?" Perguntou Mackenzie, já sentindo a raiva subir dentro dela. Ela não se importava. Ela preferiria sentir raiva pela fofoca do que pena.

"Bem, todo mundo pensa em você como uma celebridade, em segundo plano, por causa do Assassino Espantalho. Então, há rumores de como você tem tido direitos e de como está recebendo aulas para avançar. Há também um rumor circulando de que você está dormindo com Bryers e foi por isso que conseguiu o emprego."

Mackenzie não pôde deixar de rir. “Dormindo com Bryers? Isso é hilário.”

"Bem, dormindo com *alguém*. Eu não acredito em nada disso.

“O que você acha?” Perguntou Mackenzie.

Colby levou um tempo para pensar antes de verbalizar sua resposta. "Eu acho que a habilidade que você mostrou ao pegar o Assassino Espantalho trouxe você até aqui. E também sei que o velho parceiro de Bryers está agora montando algo novo em algum lugar. Não tenho certeza do porquê disso. Sendo assim, Bryers precisava de um novo parceiro e, em vez de promover alguém lá dentro, poderia ser uma boa experiência colocá-lo com um dos recrutas mais promissores.”

"Eu gosto mais da sua teoria," disse Mackenzie.

Colby sorriu. "Sim, e faz mais sentido. Estou pensando em dormir com homens mais velhos, mas Bryers não parece ser o tipo *papa anjos*."

"Confie em mim, ele não é."

"Mas... Homens mais velhos. Sim ou não?"

Mackenzie sacudiu a cabeça. “Não tão velhos quanto Bryers. Eu tenho que delimitar as coisas."

Era bom bater um papo de garotas, embora ele fosse manchado pela notícia de que ela era um alvo de fofoca desagradável entre seus colegas. Isso a fez perceber que estava se isolando e se tornando uma espécie de eremita. O único homem com quem ela estava era o seu parceiro, que era vinte e dois anos mais velho do que ela, algo tinha que resultar disso.

Talvez ela trabalhasse nisso depois que o caso terminasse. Porque mesmo quando ela e Colby brincavam sobre suas vidas sexuais, Mackenzie ainda percorria uma lista mental de verificação no fundo de seus pensamentos, tentando achar um perfil do assassino.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Ele tinha quase uma hora e meia. Ele novamente pensou em mover o caminhão da Equipe Verde e se perguntou se ele já tinha sido rebocado. Ele quase desejou que isso tivesse acontecido. Se as autoridades ainda estavam em ação, a localização aleatória do caminhão iria tirá-las de cena. Eles eram muito mais burros do que como aparecem naqueles shows de TV cheios de glamour.

Logo, as 11 horas chegaram, e então 11:15. Ele começou a sentir a familiar ansiedade em suas entranhas, um sentimento que irradiava através dele e era quase de natureza sexual. Às 11:20, ele entrou na casa de sua mãe e na ponta dos pés desceu pelo corredor. Quando ele alcançou a porta, ele a ouviu dormindo, não exatamente roncando, mas com profundas respirações, os médicos disseram que isso acabaria por levá-la a precisar de um aparelho respiratório para ajudá-la a dormir.

Voltou para a sala, sentou-se no sofá e folheou uma das revistas de comida de sua mãe. Ele não prestou atenção às palavras ou imagens, pensando apenas na mulher que estava a caminho. Perguntou-se como soariam as súplicas daquela mulher quando ela estivesse cativa naquele espaço apertado embaixo da casa. O homem da manutenção de gramados tinha sido infantil e patético. As mulheres, por outro lado, às vezes soavam quase sensuais quando começavam a chorar por sua liberdade. Alguns haviam até oferecido para fazer sexo com ele, fazer o que ele quisesse.

Ele nunca aceitou isso. Apesar de amar a maneira como as mulheres aparentavam, especialmente as que estavam em seu calendário e nas poucas revistas antigas que seu pai havia deixado no sótão há muitos anos atrás, pensar em sexo era nojento.

Uma batida na porta o distraiu de seus pensamentos.

Ele colocou a revista para baixo e levantou-se lentamente, não querendo parecer muito ansioso. Respirou fundo e sorriu quando se aproximou da porta, tentando evitar que tremesse. Ele se compôs e abriu porta.

A mulher do outro lado era de aparência simples, mas poderia ser bonita se produzida. Ela carregava um saco de lona cheio de livros e amostras. Ela sorriu calorosamente para ele e fez uma rápida verificação do ambiente sobre o ombro dele, olhando para a casa.

“Olá,” disse a mulher. “Mary está em casa?”

“Ela está,” disse ele. “Entre e eu a chamarei para você.”

“Obrigada,” disse a mulher, ao segui-lo. Ela pensou que ele era inofensivo. A maioria das mulheres pensavam. Por causa do jeito como ele era; não parecia ameaçador, nem era bonito. Ele era simples, era comum e fácil de ignorar. Ele sabia disso desde o colegial e sempre se aproveitou disso.

Quando a mulher entrou, ele fechou a porta e começou a andar pelo corredor. Quando ele estava a meio caminho, parou e se virou para encarar a mulher.

"Sabe, eu acho que ela está dormindo agora."

"Ah. Devo voltar mais tarde?"

"Não, não, de jeito nenhum," disse ele. "Agora é o momento perfeito."

"Ah, bem, eu—"

Ele lançou sua mão direita rapidamente, socando-a diretamente no estômago. Quando ela perder o ar ofegante e se abaixou, ele agarrou seu lindo cabelo castanho, puxou-o para trás, e fez ela olhar para ele. Ela abriu a boca para gritar, mas algo em seus olhos pareceu cintilar por um momento. Então, em vez de gritar, ela trouxe jogou o seu braço esquerdo para cima dele.

Seu cotovelo o pegou diretamente entre as pernas. A dor era imensa e repugnante. Por um momento de consciência, pensou em seu pai que o chamava de “seu menino especial”, uma memória associada à uma dor similar.

A dor e a memória o deixaram atordoado e ele soltou os cabelos da mulher. Ela se levantou rapidamente e em vez de correr, ela deu um duro chute no estômago dele. O ar saiu imediatamente dos

pulmões dele e, ao cair de joelhos, viu que agora a mulher estava decidida a correr.

Sua bolsa tipo sacola caiu no chão, derramando amostras e pequenos livros estúpidos. Ele bateu neles com uma mão enquanto soltava um uivo de dor. À frente dele, a mulher chegou até a porta e estava destrancando-a.

Ele deixou a dor de lado, engolindo-a como um comprimido amargo que dá vontade de vomitar. Ele se levantou e se lançou contra a mulher. Ele pairou no ar por cerca de dois segundos e, enquanto ele voava em sua direção, ela conseguiu abrir a porta. O sol daquele sábado entrou pela porta.

Seu peso bateu nas pernas dela. Ela caiu, a sua cabeça golpeou o chão da entrada com um som desagradável na colisão. Seu braço direito fora da porta, movendo os dedos como uma garra ali na varanda. Ele a agarrou pelos ombros e a puxou de volta para dentro, jogando-a no chão. Ela estava claramente atordoada por ter batido a cabeça na entrada, mas ainda estava de pé.

Ela estava de pé na varanda, tropeçando pelas escadas de concreto.

Seus olhos se arregalaram. Medo e raiva se transformaram em um ciclone dentro dele e ele começou a correr atrás dela antes que pudesse sequer pensar em parar. Ele correu para fora e se jogou da varanda quando ela chegava ao final da escada.

Ele bateu em suas costas e ambos caíram no chão. Ele ficou em cima dela enquanto ela deslizava ao longo da velha calçada rachada que percorria seu quintal.

Ela estava soluçando, claramente com dor, e tentando se mover. Ele lançou um cotovelo na parte inferior das costas dela e depois lentamente ficou em pé. Ele olhou ao redor depressa, achando-se sortudo; ninguém estava nas ruas. Ninguém estava passeando com o cão ou passando de carro.

Ele a agarrou novamente pelo cabelo, levantando-a pelos pés. Ela gritou fracamente, mas então ele colocou a outra mão ao redor de sua garganta. Ela sentiu que não escaparia, e a luta foi se intensificando. Ele quase correu de volta para a casa com ela, com suas mãos ainda no cabelo e no pescoço dela. Lá dentro, ele bateu a porta e a deixou cair no chão, onde ela conseguiu se mover apenas um pouco. Ele então se abaixou até ela e passou uma mão quase que amorosamente por um lado de seu rosto, depois abaixo de seu pescoço, depois sobre seus seios, e então seus quadris, chegando aos joelhos.

Com um sorriso, ele a agarrou por debaixo dos braços e começou a arrastá-la até o fundo da casa de sua mãe, em direção ao seu puxadinho. O espaço embaixo da casa estava vazio novamente, e ele conseguia praticamente ouvi-lo chamando por alguém, querendo que alguém viesse ocupar seus espaços escuros.

CAPÍTULO DEZESSETE

Quando Mackenzie chegou ao aterro, eram apenas oito horas da manhã. Era o aterro onde as duas primeiras vítimas tinham sido encontradas e estava começando a parecer um pouco familiar demais para ela. Ela puxou o carro para trás de vários outros enquanto adentrava a cena agitada. Havia alguns funcionários do Estado—funcionários do aterro, sem dúvida—falando com dois agentes. Ao lado deles, ela viu Bryers falando em seu telefone celular. Quando a viu, ele a chamou para a frente acenando com a mão.

Ela saiu do carro e caminhou rapidamente até ele. Tudo o que ela pôde ouvir de sua conversa antes de terminar a chamada foi um simples *"Sim senhor. Vejo você em breve, então."*

Ele então deu a Mackenzie toda a sua atenção e disse: "Foi rápido."

"Eu já estava indo para a academia quando você ligou."

"Bem, estou feliz que você esteja aqui," disse ele.

"Outro corpo, você disse?"

"Isso mesmo", disse Bryers. "Outra mulher. Ela ainda está lá em cima se quiser dar uma olhada."

Ela foi, mas não queria parecer muito entusiasmada. Deixou Bryers levá-la pela pequena colina até às lixeiras, diretamente em direção ao mesmo local de despejo do corpo de Susan Kellerman. Sem uma única palavra compartilhada entre eles, chegaram à borda da grande lixeira verde e olharam dentro.

Mackenzie olhou para o corpo da mulher sem piscar durante cerca de cinco segundos, apenas para se certificar do que ela realmente estava vendo. Era uma perda, algo doentio, ver um corpo humano assim: sem vida e desprovido de cor, espalhado entre papéis de doces ao seu redor, também havia filtros velhos de café, papelão sujo e outros resíduos.

Havia um arranhão na parte superior de sua testa, na maior parte fresco e ainda não cicatrizado. Havia também um hematoma aparente à esquerda do centro do pescoço. Ela estava completamente nua e descoberta pelo lixo, deitada no topo da pilha.

"Vai piorar", disse Bryers.

"Como assim?" Perguntou Mackenzie.

"McGrath está a caminho. Ele está no *modo* "enlouquecido". Quase te liguei para te pedir para não vir, mas eu não soube como agir."

"O que você quer dizer?"

"Ele ficará irritado por você estar aqui," explicou Bryers. "Mas eu pensei que poderia ser pior se você *não estivesse* aqui. Ele lhe deu quarenta e oito horas, então acho que você deveria estar presente em algo assim."

"Condenada se eu estiver, condenada se eu não estiver," Mackenzie disse.

"Exatamente."

"Outra pancada contra nós," disse Bryers, apontando para o céu, "é o tempo. Essas nuvens cinzentas lá em cima me fazem pensar que teremos chuva dentro de uma hora.

"O médico legista já veio?"

"Não. Estão a uns dez minutos. Acabamos de receber a chamada há uma hora, de um dos trabalhadores que estão com os outros agentes. Tudo está indo a duzentos quilômetros por minuto neste caso. Isso rapidamente atingiu o topo da lista de prioridades do FBI."

Levou só aquele último instante para Mackenzie perceber o quão sério era o perfil da situação. E de alguma forma, ela tinha ficado presa diretamente no meio dela. Olhando para baixo para esta mulher morta—a quarta vítima do que agora parecia ser um assassino em série—ela começou a pensar que McGrath talvez tivesse razão. Talvez ela não tivesse nada a ver com tudo isso.

"Nossas mãos estão amarradas até o legista chegar aqui, certo?" Perguntou.

"Sim."

“Talvez possamos encontrar alguma coisa na cerca de correntes novamente?” Sugeriu ela.

"Pode tentar. Mas lembre-se do quanto isso funcionou da última vez."

Havia um tom de irritação em sua voz que Mackenzie decidiu ignorar. Como seu parceiro (tecnicamente), toda a situação era tão confusa para ele. Ela entendeu, mas não teve tempo de ser empática.

Ela voltou para o final da pequena colina até onde a cerca de correntes separava o despejo da estrada lateral. Ela já tinha chegado à metade do caminho quando um carro chegou acelerando. Chegou parando a poucos centímetros do carro de Mackenzie. Ela observava enquanto McGrath saiu, sem perder tempo enquanto passava pelo portão, foi direto em direção a ela.

Quando ele parou vários centímetros de distância dela, ele não parecia irritado por si só. Ele parecia um homem com muita pressão e peso sobre os seus ombros e ela estava em meio a tudo isso.

"Sra. White," disse ele, permanecendo tão calmo quanto podia, “por causa desta morte, as coisas estão ficando fora de controle neste caso. Não há nenhum cronograma aparente para esse assassino e dentro de algumas horas, uma quantidade impiedosa de recursos do FBI será derramada no caso. E quanto mais pessoas se envolverem, mais difícil será manter o silêncio sobre o seu envolvimento."

“Entendo,” disse Mackenzie. Ela sentiu que a raiva e o desapontamento tentavam aflorar, mas ela compreendeu os motivos dele. Afinal, isso não era pessoal... Tratava-se do rastreamento de um assassino. Ela estava um pouco envergonhada por ter deixado que a sua ambição encobrisse suas prioridades.

"No entanto," McGrath disse, "Eu sou um homem de palavra. Eu te dei quarenta e oito horas. E você ainda tem vinte e duas. Mas eu não posso ter você aqui, no meio de toda a comoção. Eu vou ter que encarregá-la do assunto com a família."

“Mas, senhor, posso ser bastante útil aqui e—”

"Isso não é negociável", disse ele. "Espero que você saia dessa cena dentro de dois minutos. Eu não me importo onde você vai, apenas não fique aqui. Eu cuidarei para que o agente Bryers lhe dê as informações de contato com a família no momento em que fizermos uma identificação positiva. Esse é o único favor que você receberá de mim."

Mackenzie sabia que *tinha* que fazer o que ele disse. Não só estava levantando uma *bandeira de paz*, mantendo-a sobre o caso, dada a sua natureza, mas também precisava mantê-la nas graças de todos, certificando-se de que ela ainda estava envolvida.

“Sim, senhor,” disse ela. Ela deu um breve aceno de cabeça e voltou para o portão e para o seu carro logo atrás. Ela não olhou para trás em direção aos despejos até que alcançou seu carro e abriu a porta. Ela encontrou o rosto de Bryers entre a multidão crescente. Ele estava olhando em sua direção e ela ficou emocionada ao ver que ele parecia triste e desapontado.

Ela deu um pequeno aceno quando entrou no carro. Então ela deu partida e recuou. Antes que ela alcançasse o final da estrada lateral e estivesse de volta na estrada principal, as primeiras pequenas gotas de chuva caíram e começaram a bater em seu para-brisas.

Ela certamente não voltaria para seu apartamento, e ela não queria ir para academia para começar um treino que seria interrompido. Sendo um domingo, voltar para a Academia ou para o campo de tiro também estava fora de cogitação. Sentia-se estranha—não insatisfeita, mas de alguma forma deprimida.

Ela decidiu ir para uma Starbucks, onde ela pediu uma bebida escura e simplesmente sentou-se na parte de trás da loja, percorrendo seu telefone e escutando o leve chuveiro contra a janela. Quando ela olhou através de seus contatos, começou a entender o sentimento que estava passando através dela. Odiava admiti-lo—odiava rebaixar-se ao que parecia ser o estado emocional de uma adolescente—mas

estava sozinha.

Seu dedo pairou sobre o nome de Harry por alguns momentos antes de decidir pressioná-lo. Em seguida, segurou o telefone ao ouvido e escutou o sinal de chamada, tentando se lembrar da última vez em que ligou para um homem com quem não estava trabalhando.

Harry respondeu no segundo toque. Ele soou como se estivesse cansado, mas tentando esconder isso.

"Olá?" Ele perguntou.

"Harry... É Mackenzie."

"Sim, a tela do celular mostrou que era você."

"E, aí?"

"Nada demais," disse ele. Havia uma ponta de curiosidade em sua voz. Claramente, ele estava tentando descobrir por que ela tinha ligado. "Eu imaginei que você estava no rastro de um assassino agora."

"O que?"

Harry hesitou por um momento antes de ser franco. "Todo mundo sabe que você foi aproveitada para ajudar em um caso."

"Todo mundo sabe que caso?"

"Eu não sei," ele disse. "Eu sei que *eu* não sei de nada. Então... É verdade?"

"Não posso nem confirmar nem negar", disse Mackenzie.

"E se eu conseguir fazer você beber? Você falaria, então?"

"Depende do que beberemos e do quanto beberemos", disse ela. "Mas com toda a honestidade... Muita coisa rolando neste exato momento."

"O que é?" Harry perguntou.

"Nada que eu possa falar."

"Ah. Bem, se você não pode falar sobre isso, por que ligou?"

"Eu não sei."

"Quero dizer, eu estou feliz por você ter me ligado," Harry disse.

O silêncio encheu a linha telefônica e a estranheza que caiu entre eles lembrou Mackenzie do porquê de nunca ter se incomodado em ligar para os garotos. Mesmo na adolescência, ela odiava fazer isso.

"O que você vai fazer mais tarde hoje?" Perguntou Mackenzie. A pergunta saiu de repente, quase como um arrote, aquilo foi tão inesperado.

"Quando hoje?" Ele perguntou.

"Mais tarde. Tipo à tarde."

"Nada demais. E quanto a você?"

"Eu não sei ainda. Mas se eu estiver livre, pensei que talvez pudéssemos tomar umas."

"Então, você quer que eu esteja disponível no caso de *você* estar disponível", Harry disse. "Certo?"

"Isso resume tudo, sim," ela disse com uma risada. Ouvir seu próprio riso era estranho. Ela realmente não estava nem aí.

"Acho que posso fazer isso," disse Harry.

"Bom. Eu vou te ligar."

"Se você estiver livre," Harry frisou.

"Sim. Se eu estiver livre. Tchau, Harry."

"Tchau," ele disse, com aquele fio de curiosidade ainda em sua voz.

Ela se sentiu um pouco poderosa para ter sobrevivido a chamada e foi agradavelmente surpreendida porque as coisas funcionaram e eles *poderiam* se encontrar na parte da tarde. Embora seus sentimentos por Harry estivessem longe do ser o que ele parecia sentir por ela, ela se perguntou se seria tão ruim assim beijá-lo... Ter as mãos dele sobre ela e se sentir *desejada*. Embora tivesse obviamente estado intimamente com Zack várias vezes antes de sua separação, ele não a fazia se sentir desejada há muito

tempo.

Sentindo-se como se o telefonema lhe tivesse dado algum tipo de coragem que não tinha tido há algum tempo, Mackenzie viu mais de seus contatos. Ela parou em *MÃE*.

Novamente, seu dedo pairou. Ela não falou com a sua mãe desde que se mudou para Quantico. E enquanto duvidava que sua mãe se importasse, havia um senso de responsabilidade que vinha se transformando em culpa nas últimas semanas. Mesmo que as coisas com a sua mãe e irmã fossem tensas, não havia nenhuma razão para cortá-las completamente de sua vida.

Ela quase pressionou *MÃE*, mas o telefone zumbiu em sua mão enquanto abaixava o polegar. A tela agora mostrava *BRYERS*.

Ela respondeu rapidamente, sentindo-se um pouco desajeitada por tomar um momento para organizar seus assuntos pessoais. "Ei, Bryers."

"Ei," ele disse. "Olhe... sinto muito sobre como as coisas se resolveram. McGrath tem razão, no entanto. Esta coisa está prestes a se tornar um circo."

"Eu sei. Tudo bem."

"Certo. O tom da sua voz diz o contrário."

"Eles já tiveram uma identificação positiva?" Ela perguntou.

"Sim. Eu enviarei um texto para você com um endereço. A vítima era Dana Moore, trinta e um anos, solteira. A única pessoa que contatamos até agora foi a mãe dela. Parece ser a única pessoa que ela tinha."

"Ok. Obrigada."

"Você está bem?" Bryers perguntou. Ela lembrou o olhar decepcionado que ela tinha visto em seu rosto quando ela deixou o aterro. Sua preocupação genuína significava muito para ela e, verdadeiramente, isso tornou as coisas um pouco mais próximas de estarem bem.

"Sim," ela disse. "Eu o manterei informado se encontrar qualquer coisa sobre a mãe."

"Estou ansioso para isso," disse Bryers.

Mackenzie terminou o telefonema e tomou seu café com ela enquanto saía pela porta. A chuva ainda estava caindo em gotas suaves, gotas hesitantes caindo com frequência suficiente para serem irritantes. Ela ouviu seu telefone tocar quando Bryers lhe enviou o endereço e não perdeu tempo para pegá-lo.

Ela tinha vinte horas restantes e faria cada uma delas valer a pena. Mais do que isso, ela faria um bom trabalho, independentemente de qualquer besteira com que McGrath tivesse impedindo-a. Com a chuva ainda caindo, Mackenzie voltou para atrás do volante e foi falar com o terceiro membro em luto da família nos últimos dois dias.

CAPÍTULO DEZOITO

Gloria Moore estava em estado de choque quando Mackenzie chegou lá. Mackenzie sentiu-se mal pela mulher de cinquenta e cinco anos, mas preferia lidar o choque generalizado e a descrença do que com a tristeza e os lamentos. Ela havia recebido o telefonema confirmando a morte de sua filha quarenta minutos atrás e, para Mackenzie, a *ficha* ainda não havia caído totalmente. Agora, ela simplesmente parecia cansada e terrivelmente confusa.

Ela recebeu Mackenzie imediatamente, mas andou pela casa como um zumbi. Elas ficaram em uma pequena sala de estar na casa da Gloria e se sentaram em silêncio por uns bons vinte segundos antes de Mackenzie entender seria necessário algum impulso para tirar Gloria Moore de sua letargia.

"Eu sei que pode ser difícil passar por este tipo de coisa neste momento," disse Mackenzie, "mas qualquer informação que você puder me dar agora poderia nos ajudar a encontrar o homem que fez isso."

"Sim, eu sei," disse Glória. Sua voz estava robótica e monótona.

"Você sabe se Dana tinha algum inimigo? Pessoas com as quais simplesmente não se dava bem?"

"Nenhum que eu saiba," Gloria disse. "Ela era uma garota muito calma. Ela era discreta."

Mackenzie se perguntou sobre a dinâmica familiar em jogo na casa de Moore. Gloria vivia sozinha e Mackenzie não viu fotos da família—não havia sinal de uma figura paterna. Talvez Gloria tivesse criado Dana para também ser uma solitária.

"Houve algum fato significativo em sua vida ultimamente?" Mackenzie perguntou "Qualquer coisa que pudesse fazê-la passar tempo com novas pessoas?"

Gloria levou um tempo para pensar nisso e então começou a balançar a cabeça lentamente. "Bem, ela finalmente começou a ganhar um certo impulso em seu trabalho. Ela trabalhava em casa e mal conseguia se sustentar. Mas há cerca de dois meses, as coisas começaram a crescer—algo relacionado às propagandas do Facebook."

"Que tipo de trabalho era esse?"

"Ela vendia pílulas dietéticas e suplementos vitamínicos. Ela chamava o seu negócio de Natural Health Remedies."

"Havia algum colega de trabalho?"

"Não. Era só ela. Era um trabalho de porta em porta. Havia pessoas que ligavam para marcar visitas com ela. Às vezes, eles se encontravam em cafeterias e, às vezes, as visitas eram domésticas. Nada muito emocionante... Mas ela estava feliz com esse trabalho."

Algo na mente de Mackenzie se —quase tão suave quanto uma chave entrando em uma fechadura. *De porta em porta*. Mesmo que Trevor Simms não tivesse um trabalho de porta em porta, estava indo de porta em porta como um meio para criar negócios naquele período em que morreu. E quanto à Susan Kellerman? Não há algo dito sobre seu trabalho que poderia pelo menos indicar que ela estivesse indo de porta em porta? Ela teria que rever as anotações, mas ela pensou que poderia haver algum conexão.

De repente, a teoria de porta-a-porta que ela e Bryers discutiram pareciam muito mais do que uma teoria.

"Você permitiria que eu tivesse acesso ao computador dela?"

"Isso é bom," Gloria disse, "mas eu não poderia nem começar a dizer-lhe quais são suas senhas. Mas se você quiser, acho que tenho alguns nomes de seus clientes. Ela estava sempre tentando me fazer usar o material que ela estava vendendo. Ela sempre me contava as histórias de sucesso e me convidava para ligar para alguns de seus clientes."

"Isso seria ótimo."

"Um segundo," disse Glória.

Quando a mulher se levantou, ela balançou um pouco. Mackenzie podia ver praticamente o sofrimento alcançando-a. Mackenzie não sabia ao certo quanto tempo mais duraria antes de desmoronar. De acordo

com Bryers, a parente mais próxima, a irmã de Gloria, deve chegar em breve. Isso fez Mackenzie se sentir um pouco culpada, mas ela esperava estar longe antes de ter que oferecer qualquer tipo de conforto ou simpatia.

Menos de um minuto depois, Glória voltou com duas anotações Post-it. Havia três nomes em um e dois no outro. Cada nome tinha um número de telefone abaixo dele. Um deles estava circulado e Glória apontou para o nome circundado enquanto entregava o Post-it. O nome que foi circundado era Becka Rudolph.

"Esta," disse Gloria, "é a cliente mais fiel de Dana. Acho que ela fazia pelo menos dois pedidos por mês."

Mackenzie pegou os nomes e os guardou, ansiosa para segui-los antes que McGrath pensasse em checá-los. Como se os deuses continuassem a sorrir para ela mesmo depois das instruções de McGrath no aterro, uma batida na porta de Gloria deu a ela o que precisava. Mesmo ela estando um pouco instável emocionalmente, não deixaria uma mãe de luto sozinha logo depois de ter perdido sua filha.

Ainda naquele estado de zumbi, Glória caminhou até a porta. Quando ela veio e viu outra mulher do outro lado—com uma aparência demasiadamente estranha de não ser sua irmã—Glória pareceu entrar em colapso. Ela se dobrou e depois se ajoelhou, chorando. A mulher da porta deu a Mackenzie um olhar quase apologético e então foi até sua irmã, também caindo de joelhos para abraçar Glória.

Mackenzie só pôde ficar de pé ali, desajeitadamente, por um momento. Na presença da tristeza dessas mulheres, uma raiva muito familiar e determinação se agitavam dentro de Mackenzie. Ela sentiu isso pela primeira vez quando cruzou algum tipo de linha mental ao caçar o Assassino Espantalho, agora estava acontecendo novamente. Era quase esmagador, tanto motivador quanto doloroso por dentro.

Parecia que alguém tinha chutado um ninho de zangões em suas entranhas. Loucos e zangados, aqueles zangões haviam saído do esconderijo e estavam voando em bando.

Mackenzie telefonou para Becka Rudolph antes mesmo de sair da rua de Gloria. Becka acabava de sair da igreja e parecia genuinamente triste com a notícia da morte de Dana Moore.

Meia hora depois, Mackenzie estacionou em uma cafeteria para se encontrar com ela.

Becka era mais ou menos da idade de Gloria—talvez um pouco mais jovem—e parecia extremamente desconfortável quando Mackenzie se sentou com ela. Ela bebia um café, ainda vestida com um traje ligeiramente mais arrumado do que o habitual.

"O quanto você sabe de Dana fora de seu relacionamento profissional?" Mackenzie perguntou.

"Muita coisa, eu acho. Ela era sempre gentil, sabe? Ela vinha para a minha casa, deixava a minha encomenda e, em seguida, mostrava algumas das coisas novas lançadas. Mas depois disso, ela sempre me perguntava como as coisas estavam indo. Eu não diria que éramos amigas, mas certamente tínhamos uma relação amigável, eu suponho."

"Por quanto tempo você foi sua cliente?" Mackenzie perguntou.

"Cerca de três meses. Ela sempre me dizia que eu fiz o segundo pedido que ela havia recebido. Eu não acho que ele estava neste negócio há muito mais do que três meses."

"Você sabe como ela mantinha sua clientela? Ela tinha um calendário ou algo assim?"

"Ela mantinha tudo isso em seu iPhone," disse ela. "Sempre preparava um novo pedido, ela o adicionava ao calendário em seu telefone."

"E quando você pediria de novo?"

"Daqui a duas semanas," disse Becka.

"Eu sei que é uma tentativa de baixa probabilidade, mas por acaso você conhece algum de seus outros

clientes? Talvez você tenha algum tipo de ideia de onde ela visitou nos últimos dias?"

"Não, desculpe-me. Não sei. Eu não saberia—"

"Como é mesmo?"

Becka parou para pensar, visivelmente fazendo um esforço para recuperar uma lembrança.

"Espere... Na verdade, eu me lembro dela dizendo que estava animada com um novo cliente potencial. Era uma mulher que estava em péssima saúde—uma senhora com excesso de peso. Dana disse que estava em uma parte da cidade que ela normalmente não costumava visitar. Ela achou que era uma grande oportunidade para conseguir mais negócios."

"Você sabe qual área pode ser?" Perguntou Mackenzie.

"Tudo o que sei é que estava em algum lugar no lado oeste da cidade. Rua Black Hill, talvez?"

"Você quer dizer *Black Mill*?" Mackenzie perguntou.

"Sim. Eu acho que é isso."

A sensação que Mackenzie sentiu de uma chave deslizando em uma fechadura tornou-se o giro daquela chave quando outra conexão era feita. De repente, ela ficou furiosa porque Bryers não a tinha levado a sério o suficiente para dar seguimento à pista da rua Black Mill. Ela entendeu por que ele não a levou a sério, mas ainda assim...

Preparou-se para se levantar e sair.

"Espere," disse Becka. "Isso parece meio... frio. Não há mais nada que você precise saber?"

Confusa, Mackenzie fez o possível para pensar em outras perguntas que pudessem apaziguar a mulher. Ela estava com pressa e queria se mover; ela não tinha tempo para mimar uma mulher e fazê-la se sentir importante apenas porque estava ajudando com a investigação.

"Não, senhora. Como eu disse, nós estamos com um pouco de pressa e—"

"Deixe-me ver sua identificação," disse Becka, de repente severa e defensiva.

Mackenzie havia deixado o cartão de plástico no carro. Admitindo que parecia incrivelmente inexperiente, mas dadas as circunstâncias, ela não tinha escolha. *Idiota*, pensou de si mesma.

"Eu não tenho," disse ela. "Estou trabalhando como consultora temporária para o FBI. Ainda estou na Academia e fui convidado a—"

"Chega pra mim, então," Becka disse, repentinamente de pé. Ela parecia furiosa e traída.

"Está tudo bem," disse Mackenzie, conseguindo mantê-la calma. "Realmente, eu fui autorizada a trabalhar neste caso."

"Mesmo que seja esse o caso, eu não aprecio a sua abordagem fria e profissional para a morte de uma mulher tão doce. Agora, com licença."

Mackenzie observou Becka Rudolph sair furiosa da cafeteria e depois soltou um trêmulo: "*Merda.*"

Ainda assim, a conexão com a rua Black Mill foi, de repente, muito promissora. Susan Kellerman tinha estado lá antes de morrer e agora havia uma ligação com a Dana Moore também. Encontrar um endereço de alguém que estivesse com uma má saúde poderia ser mais difícil, e ela precisaria de recursos do FBI para conseguir isso. Certamente, McGrath permitiria que ela fizesse isso.

E se ele não permitisse?

Ela não podia esperar para descobrir isso.

Sentindo um novo sentimento de urgência através dela, Mackenzie voltou para o seu carro e buscou as direções no GPS para chegar na rua Black Mill.

CAPÍTULO DEZENOVE

Era uma pista sólida, Mackenzie pesou suas opções. Podia continuar e segui-la sozinha—o que ela queria fazer—e possivelmente fazer o McGrath ficar ainda mais irritado com ela. Ou ela poderia avisar o Bryers agora e esperar que McGrath e todos abaixo dele tivessem o bom senso de seguir a pista.

Ela decidiu que, dada a natureza tumultuada de sua situação atual, a melhor coisa a fazer seria chamar Bryers. Ela fez isso. Mas quando ela revelou o que descobriu em conversas com Gloria Moore e Becka Rudolph, ele não estava tão satisfeito quanto ela imaginou.

"Olhe, Mackenzie," disse ele. "Vou ser o mais honesto e direto com você, posso?" Disse Bryers. "Ok."

"Se McGrath lhe disse para falar com a família, isso é *tudo* o que ele quis dizer. Questionar alguém que não estava diretamente envolvido com a vítima estava fora das permissões que ele lhe deu. Se houver o menor problema com esta senhora Becka Rudolph, tudo pode ficar muito ruim para o seu lado."

"Tudo bem, eu entendo," disse Mackenzie. "Eu fui longe demais. Eu vou parar. Mas você pode, por favor, passar as informações sobre Black Mill Street? Não pode ser coincidência, pode?"

Bryers suspirou pelo telefone e foi quase ensurdecador. "Olhe, eu vou passar isso para McGrath, mas se ele perguntar como você obteve a informação, eu tenho que dizer a verdade. Você pode ser punida por falar com Becka Rudolph."

"Bom. Apenas... o que mais posso fazer?"

"Pois agora, eu apenas esperaria. Eu sou o intermediário agora, o intermediário entre você e McGrath. Claro, ele só quer que você fique completamente fora disso e—"

O telefone de Mackenzie tocou, sinalizando uma ligação que chegava. Ela verificou a tela e não reconheceu o número. "Bryers, posso retornar para você? Tenho outra ligação."

"Certo. Tchau, por enquanto."

Mackenzie mudou a chamada. "Mackenzie White falando," disse ela.

"White", a voz de um homem disse. "O que diabos você acha que está fazendo?"

A voz estava cheia de fúria, tornando mais fácil descobrir quem era. McGrath estava do outro lado e ele estava mais do que irritado.

"Fazendo o que pediu, senhor. Falei com a mãe."

"E depois?"

"Ela me deu uma pista promissora que eu utilizei."

"Eu sei disso. Uma mulher chamada Dana Moore. Você sabe *como* eu fiquei sabendo? Porque ela ligou para o escritório central do FBI e apresentou uma queixa formal contra você. Você não tinha identificação e ainda por cima ela disse que você foi muito rude. Imagine como eu me senti recebendo um telefonema assim no escritório principal."

"Eu não fui rude. Eu apenas fui direto ao ponto e—"

"Eu não me importo com a *maneira* como você reagiu. Você não tinha o direito de falar com ela! Você não foi autorizada."

"Desculpe, senhor. Mas eu tive que seguir aquela pista—"

"Não. Aquelas dezenove ou vinte horas restantes que você tinha estão revogadas. Agora você está oficialmente fora deste caso. Conversarei com o diretor para ver se consigo convencê-lo a deixá-la na Academia."

"Mas há uma pista. Uma vantagem muito promissora, e pode—"

"Quieta, White," ele estalou. "Caso encerrado para você e espero não falar com você novamente até que se forme na Academia. Entendeu?"

Exasperada e furiosa, Mackenzie teve que morder o lábio para não revidar. Finalmente, com os dentes cerrados, ela quase sussurrando disse: "Sim, senhor."

"Bom."

Sem um adeus ou algo semelhante, McGrath terminou a chamada. Mackenzie podia sentir-se tremendo de raiva quando, de tanta frustração, jogou com força seu telefone através do carro. Ela bateu uma mão contra o volante e soltou um palavrão bem alto, percebendo que estava muito perto de ter um colapso mental em plena rodovia.

Ela respirou profundamente várias vezes para se acalmar e, embora odiasse sentir como se estivesse recuando, dirigiu-se para o seu apartamento. Ela não conseguia se lembrar de se sentir tão derrotada e sozinha. Mesmo depois de descobrir o corpo de seu pai, morto na cama todos aqueles anos atrás, ela podia contar com a polícia e com a sua mãe catatônica para consolá-la preguiçosamente. Mas agora estava sozinha, em uma cidade que mal conhecia, sabendo que havia um assassino à solta que ela não conseguiu pegar.

E talvez, nunca conseguiria.

CAPÍTULO VINTE

Mackenzie voltou para o apartamento dela e soube que deveria esquecer aquilo. Mas não podia. Em vez de se lamentar pelos cantos, ela pegou os arquivos do caso. Ela nunca tinha sido do tipo que cede à derrota. E ela não cederia agora.

Mackenzie sabia que tinha se debruçado sobre eles e que não tinha deixado nada passar, mas era a única coisa produtiva que ela poderia pensar em fazer. Talvez, se os arquivos do caso lhe apresentassem alguma coisa, ela poderia pelo menos fazer algo através de Bryers—se McGrath já não tivesse ordenado que ele se afastasse dela.

Quando ela estava colocando os arquivos nas pastas, seu telefone celular tocou. Seu coração saltou no peito, como se ela tivesse certeza de que seria Bryers ou McGrath, dizendo-lhe que algo novo tinha surgido e eles tinham decidido que precisariam dela. Era uma esperança infantil, mas ela não conseguia negá-la.

Quando viu o número de Zack, o sentimento crescente em seu coração se transformou em um peso e ela ficou irracionalmente louca. Qualquer outro momento, ela poderia simplesmente ter ignorado a chamada e deixá-lo conversar com o correio de voz. Mas ela estava louca, cansada, e em algum lugar entre a frustração e a fúria... E ela precisava aliviar esses sentimentos de alguma forma.

Ela atendeu o telefone no terceiro sinal e nem fingiu ser legal. "O que é agora, Zack?" Ela perguntou.

O tom de sua voz deve ter surpreendido ele; ele hesitou um momento antes de responder. "Bem, é legal ouvir sua voz também," disse Zack. Ele estava tentando soar machucado mas tinha o tom de alguém que estava querendo começar uma briga.

"Você me ligou," enfatizou Mackenzie. "O que você quer?"

"Eu queria ter certeza de que você ainda estava feliz aí."

"Eu estou," ela disse, percebendo o quão grande era aquela mentira naquele momento.

"Então eu deveria acreditar que você não sente falta de mim?"

"Acredite," disse ela. "Eu tenho um apartamento limpo sem ninguém para fazer bagunça para eu limpar depois que eu chegar em casa."

"Por que você tem que ser tão mesquinha sobre esse assunto?" Ele perguntou.

"Porque, às vezes, eu acho que é a única maneira de você entender."

Novamente, ele hesitou. Ela podia sentir uma mudança no silêncio agora, como se ele estivesse talvez formatando outro método de ataque.

"Foi tão ruim assim?" Ele perguntou, de repente soando como uma vítima.

Ela mordeu a primeira resposta que saltou para sua língua e desta vez foi ela que hesitou. "Não foi no início," disse ela. "Mas, honestamente, nada disso importa agora. Nada disso. Eu não quero, Zack. Acabou. Não deu certo."

"Eu só queria ter certeza de que você ainda se sentia assim," disse ele. "Porque a partir de agora, depois que essa conversa acabar, eu estou desistindo. Eu quero você de volta... Bem, eu acho que sim, mas você está deixando claro como você se sente. Estou cansado, também. Então, se as coisas não funcionarem para você como imagina, pode esquecer de mim. Eu não estarei aqui esperando por você quando tudo desmoronar abaixo de você."

Uma ligeira onda de alívio percorreu-a, mas dada a maneira como seu dia tinha sido, uma retirada para Nebraska, de repente, não parecia ser um resultado tão impossível.

"Bom saber," foi tudo o que ela disse, no entanto. "Olha, Zack, desculpe-me, mas eu tenho que ir."

"Ah, a ocupada," ele disse debochando. "Eu quase esqueci. Vá em frente, Mac. Vá e pegue aqueles bandidos."

O comentário a atingiu e ela foi incapaz de permanecer gentil. "*Vai se foder*," ela disse, e então desligou o telefone.

Ela cerrou os punhos e depois os soltou, quase jogando o telefone no chão pela segunda vez naquela tarde. Ela respirou profundamente, tentando se acalmar. Nada parecia funcionar.

Então, agindo apenas por impulso, ela simplesmente ficou tensa e zangada enquanto folheava os contatos em seu telefone celular e chamava Harry.

Ele respondeu rapidamente e quando o fez, Mackenzie foi breve e direta.

"Você ainda está disponível para as bebidas hoje à noite?" Perguntou ela.

Trinta minutos depois, ela estava no chuveiro. A água quente lentamente começou a acalmá-la, e como a raiva e frustração diminuíram, ela seriamente considerou ligar para o Harry para cancelar os planos da noite. A única razão que a fez manter o compromisso foi porque ela tinha dado um enorme passo ao chamá-lo mais cedo naquele dia. Ela estava fazendo progressos em todas as áreas de sua vida e enquanto sua vida social não parecia particularmente importante agora, ainda era uma forma de crescimento. Ela não deixaria uma conversa venenosa com Zack mudar a situação.

Quarenta e cinco minutos depois, ela estava vestida e pronta para sair. Antes de sair pela porta, ela verificou seu e-mail no telefone uma última vez. Interiormente, ela ainda estava esperando que alguém dentro circuito de comando percebesse algo em que ela poderia ser útil e a convidasse de volta para o caso.

Ela não obteve tal confirmação quando olhou para o telefone. Além de algum lixo eletrônico, não havia nada de novo para se ver. Com as sobrancelhas franzidas de um jeito que a fez se sentir como uma criança amuada, ela saiu de seu apartamento, determinada a não se importar com o que ocorreria à noite. Ela teve uma oportunidade incrível e era sua culpa não ter funcionado. Ela não tinha ninguém para culpar além de si mesma, ela estava perfeitamente bem com essa situação.

Ela caminhou até o bar que eles tinham combinado, como ela não queria passar pela dificuldade de ter Harry tentando levá-la para casa se ela bebesse muito. Ela escolheu um bar que estava a apenas uma caminhada de quatro blocos de distância, e no percurso ela tentou direcionar a sua mente para o clima de namoro. O último cara com quem ela namorou seriamente foi Zack e o lado cortejador do seu relacionamento não durou muito tempo. Eles estavam vivendo juntos cinco meses depois de se conhecerem—uma decisão que Mackenzie lembrou com profundo arrependimento. Ela se perguntou se ainda *sabia* namorar. Ela nunca tinha sido boa para conversar com os homens, muito menos flertando... Não que ela precisasse flertar com Harry. Ela sabia que ele estava interessado nela e isso fez o encontro daquela noite ser um pouco menos intimidante.

Quando ela chegou, era pouco depois das seis e ele já estava sentado em um pequeno banco lá atrás com uma cerveja na frente dele. Quando ele a viu através da pequena multidão em direção a ele, ele lhe lançou um sorriso tímido.

"Você chegou cedo," disse Mackenzie, sentando-se diante dele.

"Cheguei," Harry disse. "Fazer o quê? Eu estava animado."

"Então, como você está, Harry?" Perguntou Mackenzie.

Ele parecia perplexo com a pergunta, mas o sorriso permaneceu em seu rosto. "Eu? Estou bem," disse ele. "Esta última etapa da Academia é uma espécie de filtro—gotejando lentamente, sabe? Mas estou gostando. Não tanto quanto você, aparentemente. Como vai o caso? Ou... Você não pode me dizer?"

Ela encolheu os ombros e quase começou a contar-lhe tudo o que tinha acontecido no decurso daquele dia. Mas em vez de desanimá-lo, ela achou que era mais sábio manter a resposta vaga. "É um processo de aprendizagem, com certeza," disse ela. "Altos e baixos na minha vida de uma só vez em apenas alguns dias."

"Você não estava pronta para isso?" Harry perguntou.

“Não sei,” disse ela.

"Eu pensei que a coisa do Assassino Espantalho teria sido uma experiência de aprendizado muito boa."

Ela revirou os olhos. "Foi. Mas eu estou começando a perceber que um estúpido caso está rapidamente começando a me definir."

"Ah," ele disse, claramente envergonhado.

"Não, está tudo bem. Acho que a maioria das pessoas normais ficariam encantadas com esse tipo de atenção."

“Você não é normal?”

"Longe disso."

Eles compartilharam um riso estranho quando a garçonete veio para pegar os pedidos de bebida. Mackenzie aproveitou o momento para dar uma rápida olhada em Harry. Ele era bonito, mas de uma maneira muito sutil. Mas ela já sabia disso passando tanto tempo com ele na Academia. Ela tinha certeza de que ele tinha sido a criança mais bonita da pré-escola, e que depois se tornou um adolescente estranho que não desenvolveu o menor *sex appeal* até o meio da faculdade. Pensar em atração sexual e Harry ao mesmo tempo era um pouco estranho, e foi então que Mackenzie ficou relativamente certa de que não haveria romance entre eles. Ela esperava que ele sentisse isso também, então ela não teria que explicar isso em detalhes.

A conversa entre eles era bastante agradável. Ela aprendeu que Harry cresceu em Michigan e recusou uma bolsa de beisebol na MSU para perseguir com seu sonho de ser um agente do FBI. Seus pais haviam se mudado para a Califórnia quando se formou na escola e ele tinha um cachorro. Por sua vez, Mackenzie não tinha muito o que falar sobre si mesma. Ela deu o mínimo de informações sobre sua infância, recusando-se a se aventurar para qualquer conversa próxima do fato de ter tido um pai que morreu suspeitosamente. Vagamente, ela se perguntou se estava sendo tão vaga quanto Bryers foi com ela e, se sim, como isso fez Harry se sentir.

Ela respeitava Harry por não a atormentar com perguntas sobre o Assassino Espantalho ou sobre o seu período muito breve ao lado de Bryers. Isso a fez pensar que ele estava genuinamente interessado nela e talvez até mesmo apaixonado, como Colby brincou a respeito. Ele certamente olhava para ela de uma maneira que indicava que ele tinha mais em mente do que apenas uma amizade.

"Então o que fará depois da Academia?" Harry perguntou.

"Eu gostaria de trabalhar com Análise de Perfis," disse ela.

“Ah, então você deve *amar* a aula do McClarren.”

"Amo. Aliás, minha última aula naquela classe será amanhã."

"Então, ainda parece real para você?"

"O que parece real?"

"O fato de que estamos quase lá... Quase terminado a etapa da Academia."

Realmente *parecia* real para Mackenzie, principalmente por causa de como ela tinha passado os últimos dois dias. Ela ainda estava cansada e chateada sobre como McGrath a tinha dispensado mais cedo, então era muito difícil separar a vida da Academia do pouco que tinha visto nesses dois dias. Ainda assim, ela não queria levar Harry a essa discussão.

"Não," ela mentiu. "Mas eu estou chegando lá."

O silêncio caiu sobre a mesa e ela fez o possível para retribuir o olhar de Harry sem parecer muito desconfortável. Havia três copos vazios na frente dela—o terceiro tinha acabado de ser esvaziado, havia rum e Coca-Cola. Ela estava se sentindo alegre, mas não estava nem perto de se sentir bêbada. E isso era bom... Se ela bebesse mais alguma coisa, não poderia prever o que acabaria contando para o Harry.

“Outra? Perguntou ele.

- Não, desculpe-me,” disse ela. "Três é o meu limite. Na verdade, geralmente são duas. Fiz uma

exceção especial para você.

"Mesmo?"

"Sim. Eu chamei e você veio."

"É claro que sim. Você está bem para dirigir?"

"Eu vim andando," disse ela.

"Bem, podemos pagar e eu te levo em casa?"

Ela passou alguns segundos tentando pensar em uma forma educada de recusar o gesto, mas não conseguiu nada. Ela deu um sorriso amarelo e concordou. "Tudo bem," disse ela.

Depois de um pouco de briga amigável, Harry a convenceu a deixá-lo pagar por suas bebidas. Ela só desistiu quando ele disse que provavelmente um dia deveria isso a ela, com base na forma como o treinamento com ela em Hogan's Alley estava indo, ele um dia deveria a sua vida a ela. Então bebidas como um tipo de hipoteca para o futuro era uma negociação decente, ele brincou.

Do lado de fora, a noite tinha caído e a cidade está em sua maior parte quieta. O ar estava quase frio e o zumbido ligeiro do vento estava fazendo Mackenzie se sentir bem. No entanto, isso não a distraiu. Ela notou imediatamente que Harry estava andando incrivelmente perto dela; a cada poucos passos, seus braços se roçavam.

"Você me perguntou mais cedo como eu estava," disse Harry. "Mas vamos ser honestos... Como *you* está? E por favor, não me enrole. Você pode confiar em mim. Não vou espalhar rumores ou fofocas.

Ela ficou tão surpresa que quase parou de andar e se virou para olhar para ele. Mas queria que a caminhada para casa fosse a mais rápida e indolor possível. Ela já tinha certeza de que teria que explicar que não queria nada além de uma amizade com ele. Então ela continuou andando, já tendo passado por dois quarteirões. Dada a brusca abordagem da questão, ela o recompensou com o máximo de honestidade que ela demonstrou durante toda a noite.

"Estou confusa e um pouco deslocada," ela admitiu. "As coisas que estamos aprendendo na Academia se aplicam a tudo o que eu vi nos últimos dias, mas... Eu não sei. Não há nada que realmente prepare você para tudo isso."

"O que você quer dizer?"

"É tudo muito mecânico. Claro, encontrar uma solução é o final do processo, mas tudo o que acontece antes disso é mais rígido do que eu pensava. Claro, isso pode ser porque eu nem deveria estar no maldito caso, de qualquer maneira."

Ela sentiu que ela havia dito demais, palavras impulsionadas por uma língua afrouxada pelo álcool. Mas ainda assim, sentiu-se bem por soltar aquele pouco de frustração.

"Você se arrepende?" Ele perguntou.

"Não," disse ela imediatamente, surpreendendo-se com a resposta.

"Bem, acho que isso é o importante."

Eles caíram em silêncio enquanto atravessavam o último quarteirão. Harry ainda andava muito perto dela, fazendo com que se sentisse confortada e claustrofóbica ao mesmo tempo. Quando seu apartamento surgiu, Mackenzie parou e acenou com a cabeça.

"Esta sou eu," ela disse.

Harry olhou para o edifício com um ligeiro interesse. Ele parecia nervoso e um pouco inseguro. Enquanto Mackenzie caminhava até a porta, Harry a seguiu—agora com uma pequena distância entre eles.

"Obrigado por me ligar e me convidar para sair," disse Harry, quase tão tímido quanto um garoto da escola primária.

"Eu pensei que era hora de nos vermos fora dos cenários simulados da vida real, onde nossas vidas ficam por um fio," ela brincou, tentando mantê-lo leve.

"Você acha que nós poderíamos fazer isso de novo?" Harry perguntou.

A pergunta pendia no ar de uma maneira que Mackenzie sentia como se pudesse talvez estender a mão

e apanhá-la em um só movimento. “Talvez,” disse ela.

Mal a resposta saiu de sua boca, Harry estava inclinado para frente. Seus olhos estavam se fechando e sua mão estava de repente em seu quadril. Ela congelou por um momento, sem saber como evitar que o beijo acontecesse sem parecer hostil. Mas de repente, era tarde demais. Seus lábios estavam sobre os dela e sua mão a puxava para a frente.

Chame isso de instinto ou a simples necessidade de se sentir conectada a alguém, mas Mackenzie permitiu que isso acontecesse. Ela até colocou a mão em seu ombro e o puxou para mais perto dela, acrescentando uma sensação de urgência ao beijo. Seus lábios eram firmes e sua mão em seu quadril era suave, mas impaciente. Ele estava hesitante, um verdadeiro cavalheiro, ela supôs, por isso foi ela quem adiantou as coisas, separando seus lábios e tocando a língua dele com a dela.

Ela não sabia ao certo quanto tempo durou o beijo, mas tudo o que sabia era que, se ela se sentia atraída por ele ou não, não podia deixar que as coisas continuassem pelo impulso de convidá-lo para o seu apartamento. O beijo foi bom, apesar da falta de uma forte atração e ela temia que o seu o terror não realizado de solidão a levasse a muito mais do que apenas um beijo.

Então, finalmente, ela interrompeu o beijo e deu um passo para trás. “Boa noite,” ela disse abruptamente.

“O que foi... você está bem?” Harry perguntou.

“Estou bem. Só... eu preciso me reerguer. Mas eu ligo para você mais tarde.”

“Ok,” Harry disse, claramente querendo fazer mais perguntas ou estender a conversa.

Mas Mackenzie não permitiu que isso acontecesse. Ela se virou para a porta, sem olhar para Harry uma única vez. Ela não diminuiu seu ritmo até que estivesse dentro do prédio e subindo as escadas para seu apartamento.

Que raio foi aquilo?

Foi uma boa pergunta. Por que permitiu que Harry a beijasse? Além disso, por que ela tinha cedido tão facilmente e deixado ele comprar as bebidas?

Ela estava *tão* desesperada assim por companhia? Ela estava precisando *tanto* de algum tipo de aceitação depois de ser chutada por McGrath?

Ela lentamente voltou para seu apartamento, sentindo como se não tivesse certeza. Ela tinha falhado na tarefa definida por Bryers e Ellington (embora uma tarefa impossível) e agora aparentemente tinha se esquecido de como era interagir com os homens que se sentiam atraídos por ela.

Pior do que tudo isso, uma parte muito distante de seu cérebro podia ouvir os fantasmas de Nebraska lhe chamando de volta para casa, atraindo-a com os gemidos e gritos de momentos que não só definiram seu passado, mas pareciam estar arruinando seu futuro também.

CAPÍTULO VINTE E UM

Mackenzie teve uma noite de sono agitada adentrando com dificuldade no curso de McClarren na manhã seguinte com olhos inchados e baixa disposição. Ela tinha tomado três xícaras de café até agora, mas tudo o que parecia fazer era deixa-la de estômago virado. Mais cafeína e ela em breve *daria um piti*. Então ela fez o seu melhor para prestar atenção, um pouco triste por não ser capaz de absorver completamente a palestra.

Ao tomar notas, ela se perguntou que tipo de coisas alguém como McClarren tinha suportado ao longo de sua carreira. Ela o observava distraidamente enquanto fazia suas anotações, perguntando-se como alguém que tinha visto tanto em sua carreira poderia parecer tão normal e lógico. Claro, sua idade mostrou o porquê disso (ele tinha apenas sessenta e seis anos, mas parecia mais perto dos oitenta), mas o homem era brilhante e, ao mesmo tempo, parecia não ser diferente de qualquer outra pessoa.

Ela só tinha sentido o mais breve gostinho do que era mergulhar nas partes mais escuras da psique humana enquanto perseguia o Assassino Espantalho e só aquilo já tinha sido um pouco perto demais da escuridão com a qual ela nunca imaginou se aproximar um dia. McClarren, por outro lado, tinha estado lá muitas vezes—tinha, de fato, estudado, analisado e tentado o seu melhor para simpatizar e compreender alguns dos assassinos mais frios da história americana. E, no entanto, ali estava parado diante de uma sala de aula, ganhando um salário e pagando impostos como qualquer outra pessoa.

Ela passou a maior parte da aula nessa estupidez analítica, tão fascinada e sobrecarregada disso que ficou genuinamente surpresa quando McClarren terminou a explanação e os dispensou. Mackenzie até verificou seu relógio para ver se ele os tinha liberado mais cedo, mas viu que era na verdade onze horas, o horário habitual de término da aula.

Ela recolheu suas coisas lentamente, odiando admitir que a melhor coisa para ela não seria a sua ida habitual para o campo de tiro ou para academia, mas voltar ao seu apartamento para dormir. Mas quando ela se dirigiu para as portas, ela ouviu seu nome falado em voz alta sobre a ligeira comoção dos estudantes da Academia.

"Senhora. White?"

Ela parou e virou-se de frente para a sala. Na sala de aula, McClarren estava olhando diretamente para ela.

Ela deu alguns passos para dentro da sala e disse: "Sim, senhor?"

"Você poderia ficar por aqui um pouco?" Ele perguntou.

"Claro," ela disse, andando até o seu púlpito. Ele não tinha mesa, apenas um pequeno pódio em que raramente ficava por trás, já que ele preferia caminhar pela sala.

Quando o último dos alunos saiu da sala, McClarren observou-os, certificando-se de que não havia retardatários. Quando ele parecia satisfeito de que ninguém estava atrasado para sair ou ficando para trás, ele olhou para Mackenzie com um olhar contemplativo.

"Você se consideraria confiável?" Ele perguntou.

Confusa, ela reprimiu um sorriso assustado. "Suponho que sim," respondeu ela.

"Bom. Porque eu vou contar com você para manter os próximos cinco minutos em segredo. Não quero que ninguém saiba que já tivemos a conversa que estamos prestes a ter. Você me entende, Sra. White?"

"Sim, senhor," disse ela. Era intimidante ficar de pé tão perto dele e tê-lo olhando diretamente para ela. Saber os tipos de homens com os quais ele havia trabalhado e as maneiras pelas quais os havia descoberto a fazia sentir como se ele conseguisse acessar diretamente a sua mente e escolher cada um de seus pensamentos.

"De vez em quando, eu ainda ouço coisas", disse McClarren. "Homens insensatos do FBI ainda me consideram um confidente, suponho. E uma das coisas que eu estou ouvindo ultimamente é que você foi inserida no que se tornou um dilema bastante desagradável. É isso mesmo?"

Mackenzie não sabia como responder. Isso era um teste? Estava ele talvez provocando ela a pedido de McGrath ou de um dos homens que trabalhavam para ele?

“Não sei se tenho a liberdade de dizer isso,” disse ela.

“Ah, a resposta esperada de alguém que foi puxado de lá para cá pelas autoridades,” disse ele com um sorriso satisfeito. “Bem, deixe-me ver se essa história lhe parece familiar. Digamos que uma jovem e promissora senhora chega na Academia—tão boa e com um histórico tão impressionante que alguns dos diretores e chefões FBI tomam conhecimento. E vamos também dizer que eles precisam preencher um espaço de repente deixado por um parceiro experiente do agente. “Ele parou, sorriu para ela, e acrescentou: “Isso está começando a soar familiar?”

“Eu posso ter ouvido falar uma coisa assim,” disse Mackenzie.

McClarren matou a charada como um ator que troca facilmente de personagens. “Ouça,” disse ele. “Eu sei o que foi pedido a você e eu sei que você foi afastada do caso ontem. Eu entendo o pensamento por trás da ideia, mas francamente, eu sinto que a maneira como você foi descartada foi uma farsa. Se eles colocaram você no jogo, eles precisam deixá-la lá até o jogo terminar. Mas isso é apenas o meu sentimento a respeito.”

“Obrigada, senhor. Agradeço.”

“E eu aprecio a sua situação,” disse McClarren. “É por isso que eu gostaria de ajudar, se puder. Sem que os outros saibam, é claro.

“Claro,” repetiu Mackenzie.

“Agora, eu sei o suficiente sobre o caso para oferecer o mínimo de *insights*. Mas do que eu posso deduzir, o suspeito é provavelmente um homem. Ele está descartando as vítimas como lixo, mas porque as vítimas são tanto homens quanto mulheres, há elementos que devem ser considerados que não seriam considerados em um caso típico envolvendo um motivo sexual. Então, por agora, eu digo para você nem sequer considerar o motivo. Eu sugiro que você se concentre no tipo de homem que essas pessoas podem conhecer. Você vê, mais frequentemente, que uma cena repetida de crime indica um tipo de familiaridade. Eu acredito que o assassino ou conhece essas pessoas ou há algo sobre essas pessoas que lhe parece familiar. Talvez haja uma ligação entre as pessoas que ele matou e não entre as vítimas e o assassino. Já pensou nisso?”

“Sim,” ela disse. “Mas não há nenhum link óbvio. Há alguém no FBI analisando aspectos genealógicos, mas—”

“Ah, não é algo familiar”, McClarren interrompeu. “Se fosse, teria sido muito mais demonstrado pelo assassino. Há uma intenção, a necessidade de que outros membros da família para vejam o que ele tem feito. Não... Acredito que você está lidando com um homem metódico... Um homem que planeja seus assassinatos.”

“E esse insight é baseado no fato de que ele despeja os corpos nos mesmos locais? Perguntou ela.

“Sim. Se eu fosse você, eu ignoraria o homem por enquanto. Basta estudar as vítimas.”

“Bem, como mesmo você disse... Fui removida do caso.”

“E?” Ele disse. “Se você acabou tiver uma ideia boa demais para ser ignorada, é responsabilidade dos homens que atualmente estão ignorando você. Posso garantir que eles iriam ouvi-la, porque se você sugerir algo que eles ignoram, mas que é algo correto... As coisas podem ficar muito ruins para eles. Claro, eu nunca sugeri isso para você, porque como conversamos anteriormente, não estamos tendo essa conversa.”

“Sim senhor.”

“Outra coisa que eu achei interessante... Nas notas que eu vi, eu li onde você aparentemente sugeri que as pessoas estavam sendo mantidas ou contidas em algum tipo de jaula ou cativeiro com base nas feridas e arranhões ao longo do topo da cabeça delas. Isso me fez pensar em animais perdidos... Gatos e cães que famílias simpaticistas aceitam.”

Ele parou de falar aqui, dando a ela a chance de ligar os pontos. Ela fez isso, uma teoria que lentamente criou vida.

“Perdidos,” disse ela, pensando em voz alta. "Animais que vagueiam e se dirigem voluntariamente a estranhos, esperando refúgio."

Ele sorriu. "Certamente."

"Então, talvez o assassino não vá para até as vítimas... Talvez ... Ai, meu Deus."

"Sim? O que é? " Perguntou McClarren, ainda sorrindo.

"Eu sustentei a teoria de que as vítimas estavam indo até ele de alguma forma," Mackenzie disse, quase em um atordoamento.

Ele assentiu.

"Vender, por que—" ela começou, mas foi interrompida por uma sacudida de cabeça de McClarren.

Porta-a-porta, ela pensou, a ideia estava agora ganhando espaço firmemente. Ela soube imediatamente que aquela era a resposta, sem sombra de dúvida.

"Sinto muito, Sra. White, mas não vejo alunos depois das aulas, a menos que seja com um horário marcado." Dito isso, ele deu uma piscadinha para ela.

Ela ofereceu-lhe um sorriso rápido em troca e, em seguida, saiu rapidamente da sala. Quando ela chegou ao corredor, ela era quase uma corredora. Com a pista sobre a abordagem de porta em porta, seria impossível negligenciar essa informação, ela sentiu como se o caso inteiro estivesse começando a se revelar diante dela e ficou com medo de que se ela não voltasse para o seu apartamento e se debruçasse nos arquivos do caso, perderia aquela chance.

Com essa sensação de urgência empurrando-a, Mackenzie saiu com pressa. Quando ela chegou à rua, estava quase correndo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ela estava tão certa do seu palpite quando chegou ao apartamento que ela não perdeu tempo. Jogou sua mochila no chão em frente à porta e correu para a mesa de café onde seu laptop e arquivos sobre o caso ainda estavam acomodados desde ontem à tarde. Ela agarrou a pasta de arquivos e despejou o conteúdo, espalhando-os sobre a mesa de café e no sofá.

Ela pegou as informações de Trevor Simms, possivelmente as mais fáceis de se identificar. Tudo tinha sido confirmado, ele tinha passado o dia em que morreu nas ruas tentando conseguir clientes para o seu negócio. Ela então tirou as informações de Dana Moore. Eles tinham a confirmação concreta sobre uma situação de atendimento de porta em porta, sua mãe tinha indicado que grande parte dos negócios eram conduzidos para as casas de seus potenciais clientes.

Susan Kellerman não era uma certeza para a teoria de porta-a-porta, mas uma pesquisa rápida no Google poderia responder a essa pergunta. Ela ligou seu laptop e enquanto esperava que viesse a tela inicial, verificou rapidamente a escassa informação sobre Shanda Elliot—a primeira vítima e a que eles sabiam menos a respeito.

Ela olhou as informações sobre parentes no arquivo do caso e viu que seu marido foi listado. Descobrir se havia uma conexão de porta em porta seria bastante fácil, mas ela teria que assumir um risco.

"Para o inferno com isso," ela disse, agarrando seu celular.

Lentamente, deliberadamente, ela deu discou o número do marido. Ela ouviu o tocar do telefone, rezando para não cair no correio de voz. Ela já estava se arriscando; deixar uma mensagem de voz para chamá-la de volta poderia ser algo usado como evidência física contra ela mai

Felizmente, não chegou a esse ponto. Tony Elliott respondeu no terceiro toque. "Olá?"

"Oi, você é Tony Elliot?" Ela perguntou.

"Isto é. Quem é?"

"Sr. Elliot, meu nome é Mackenzie White. Sou uma consultora do FBI e me pediram para dar seguimento a algumas perguntas sobre sua esposa. Temos o que parece ser uma pista promissora sobre a captura do suspeito, mas gostaria de ter a sua ajuda. Você tem um algum tempo para mim?"

"Sim, eu tenho alguns minutos," disse ele. "Com o quê posso ajudá-la?"

"Bem, basicamente, boa parte é sobre coisas que já podem ter sido perguntadas para você. Mas estamos verificando tudo isso agora."

"É algo ruim?" Ele perguntou sombriamente.

"De modo nenhum. Só precisamos ser muito eficientes antes de decidirmos seguir em certa direção com a investigação."

"Bom, bom," disse Tony Elliot.

"Sr. Elliot, em que a sua mulher trabalhava?"

"Ela era garçonete no Ruby Tuesday's."

Assim, a teoria de Mackenzie se desintegrou e a esperança desinflou em seu peito. Ela se esforçou para fazer mais algumas perguntas para que a ligação não parecesse equivocada.

"E... Como era o relacionamento dela com os funcionários?"

"Eu não sei," ele disse. "Ela nunca falou sobre eles. As pessoas sobre quem ela *falou* foram algumas pessoas estranhas que ela conheceu enquanto trabalhava no que ela chamava de segundo emprego."

"Um segundo emprego?"

Tony suspirou. "Sim. Se você pode chamá-lo assim. Acho que ela calculou em média cerca de sessenta dólares por mês com isso."

"E qual *era* o seu segundo emprego?"

“Avon, disse ele. "Ela tentou vender produtos da Avon paralelamente, na esperança de ajudar a pagar algumas contas."

O coração de Mackenzie batia forte.

De porta em porta.

"E ela saía visitando clientes de porta em porta?"

"Às vezes. Ela, na verdade, nunca me dizia quando saía para fazer isso. Isso sempre causava brigas entre nós. Ela teve que gastar dinheiro para obter as coisas e nunca vendia. Acho que ela até... "

Ele parou aqui, como se tivesse sido atingido por alguma coisa.

“O que é, Sr. Elliot?”

“Espere um segundo, tudo bem?”

"Claro," disse ela, curiosa.

Enquanto esperava ele voltar, agarrou seu laptop e começou a fazer múltiplas coisas. Com o telefone entre o queixo e o ombro, ela puxou o navegador da web em seu laptop e digitou o nome do negócio de Dana Moore: Natural Health Remedies. Com um nome tão genérico, surgiram inúmeras entradas, de modo que ela o estreitou com a localização geográfica e o nome de Dana.

Um site bem feito surgiu, com uma bela imagem de Dana Moore. Mackenzie percorreu a página *Contato* e leu o breve texto. Lá, localizadas na parte inferior da página, havia duas frases: *Se você tiver dúvidas sobre meus produtos ou serviços, sinta-se à vontade para ligar e solicitar uma consulta pessoal absolutamente grátis! Eu irei diretamente até você!*

Mackenzie leu as frases várias vezes, sentindo que sua teoria se tornava um pouco mais forte. Enquanto lia as frases pela terceira vez, a voz de Tony Elliot preencheu a sua orelha outra vez.

"Senhora White, ainda está aí?" Ele perguntou.

"Eu estou."

"Eu me sinto tão burro," disse ele. "Eu nunca pensei em olhar isso antes."

“Olhar o quê?”

"Bem... Shanda manteve seu kit Avon no armário do quarto. Ela só o tirava de lá quando saía para as vendas. Em qualquer outro momento, ele ficou bem ali.’

“E onde está agora?” Perguntou Mackenzie.

"Bem, pois é. Não está mais aqui. Ela deve ter feito algo para a Avon no dia em que foi morta."

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Eram 2:05 quando Mackenzie puxou seu carro para a garagem do prédio J. Edgar Hoover. Ela dirigiu até o nível mais baixo e estacionou na parte traseira do local. Havia já outro carro ali, estacionado à sombra. Ela podia ver Bryers através do pára-brisa. Ele parecia irritado e um pouco preocupado.

Mackenzie rapidamente saiu de seu carro, trazendo seus arquivos do caso com ela. Ela então caminhou até o carro em que Bryers estava sentado e entrou no banco do passageiro. Ele olhou para ela da mesma forma que um pai desapontado olharia para uma filha que tivesse ficado em apuros na escola.

"Obrigada por me encontrar," disse Mackenzie. "Eu sei que você está se arriscando muito."

"Você está certa, estou." Disse ele. "Então, diga-me sobre a sua descoberta capaz de mudar o jogo."

"Bem, eu me sinto burro porque eu tinha bruscamente mencionado esta possibilidade depois que nos encontramos com Caleb Kellerman. Eu deveria ter pressionado mais, mas eu não queria irritar ninguém. Mas agora tenho quase 100% de certeza de que nosso assassino não caçou suas vítimas. Tenho certeza de que elas foram diretamente até ele."

"E por que fariam isso?" Perguntou Bryers. "Você ainda está com esta coisa de porta-a-porta?"

"Sim eu estou. Foram até ele porque foram chamadas lá. Elas foram por vontade própria. Se você observar bem os detalhes pessoais, todas as vítimas trabalhavam de porta em porta."

"Vá em frente," disse Bryers. Ele não estava sendo condescendente. Ela sabia que ele tinha acreditado na conexão porta-a-porta quando ela mencionou isso pela primeira vez. Agora que ela tinha um pouco mais para continuar neste caminho, ele aparentemente estava disposto a considerar isso mais uma vez.

Ela abriu o seu arquivo e passou por ele página por página, entregando cada folha para Bryers enquanto ela seguia através delas.

"Nós sabemos como fato que Trevor Simms estava fazendo visitas de porta em porta no dia em que desapareceu. Isso é fato. O problema nisso é que seu plano de visitas para aquele dia foi arrancado de seu planejador, então não temos ideia de onde ele estava."

"Então, há Susan Kellerman." Enquanto seu trabalho principal era geralmente trabalhar atrás de uma mesa e atender telefonemas para a New You University, seu marido nos disse que ela, às vezes, saía para atender chamadas de vendas. Ele nunca foi específico sobre a natureza das chamadas, mas algumas pesquisas muito rápidas me mostraram que cerca de metade dessas chamadas eram para fazer visitas porta-a-porta.

"Em seguida, Dana Moore." Embora não tenhamos nenhuma prova absoluta de que ela estava visitando uma cliente para uma visita no dia em que foi assassinada, o fato é que uma grande parte de sua clientela era proveniente das suas visitas de porta em porta.

"E então o último, que foi totalmente ignorado: Shanda Elliot."

"Ela não foi esquecida," Bryers disse um pouco defensivamente. "Ela era uma garçonete, certo?"

"Sim ela era. Mas eu falei com o marido dela e—"

"Quando?"

"Há cerca de uma hora e meia."

"Droga, White! Você está *querendo* ser expulsa?"

"Não. Estou *tentando* resolver este caso e evitar que mais pessoas sejam mortas."

Bryers bateu a mão no painel do carro e lançou para ela um olhar que realmente a machucou um pouco. Ele parecia desapontado e irritado, mas, no fundo, curioso. Para confirmar a curiosidade, ele agarrou a borda do painel e suspirou.

"O que o marido disse?"

"Que Shanda também vendia Avon. Ela quase não fazia ganhava dinheiro com isso e tal situação era

um ponto de discórdia no casamento. Ele disse que ela tinha um kit que guardava no armário, e que só o tirava de lá quando ela tinha que visitar alguém que a chamou."

"Deixe-me adivinhar," Bryers disse, a raiva estava rapidamente desaparecendo. "O kit não está lá, está?"

"Não. E ele tem certeza de que estava lá no dia anterior ao desaparecimento de Shanda."

Bryers esfregou nervosamente a ponta do nariz e lhe lançou outro olhar perplexo. "Isso sim é um bom trabalho," disse ele. "Não é hermética ou à prova de balas, mas é a melhor pista que temos até agora.

Mas aqui está a questão... Eu preciso apresentar isso para o McGrath... E ele vai querer saber como eu fiz esta conexão. *Não* posso lhe dizer que você ligou para o marido de Elliot."

Mackenzie sorriu nervosamente e olhou para cima. "Seu escritório está bem acima das nossas cabeças, certo?" Ela perguntou. "Façamos uma visita."

"Pode não ser a melhor ideia para você."

"Bem, a última ideia que eu tive que não era boa para mim nos deu esta pista. Então eu estou disposta a arriscar."

Bryers encolheu os ombros. "O que você quiser, White. É o seu funeral."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Os olhos de McGrath estavam estreitos e apertados, como um homem que aperta os olhos de dor por causa de uma dor de cabeça incrivelmente ruim. Ele sentou-se em silêncio, olhando em sua mesa para Mackenzie e Bryers. Eles tinham acabado de apresentar as descobertas de Mackenzie e, nos quinze segundos passados, McGrath não disse uma única palavra.

Em um movimento repentino, McGrath empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé. Ele realmente não parecia atormentado, mas certamente não estava feliz.

"Você compreende," disse finalmente, olhando para Mackenzie," que isso é motivo de punição severa. O castigo mais simples seria simplesmente expulsá-la da Academia. Você não só foi diretamente contra as minhas ordens, mas basicamente também assumiu a identidade de uma consultora do FBI—um título revogado desde quando eu tirei você do caso.

"E você," disse ele, agora balançando como um pêndulo na direção de Bryers, "deveria ter feito melhor do que isso, em vez de apoiá-la. Você sabia que ela tinha sido retirada do caso e a coisa mais inteligente que você poderia ter feito seria ignorá-la."

"Com todo o respeito, senhor," disse Bryers, "eu respondi a chamada porque ela é inteligente e eu valorizo a opinião dela. Mais do que isso, também estou muito consciente de que ela foi levada para uma situação quase impossível e, apesar disso, tudo correu bem—embora haja um pouco como uma ansiosa... O que ela é."

"Cuidado com o seu tom, agente Bryers," disse McGrath.

Bryers assentiu, mas continuou. "Além disso, eu poderia acrescentar que, *porque* eu recebi sua chamada, agora temos a pista mais forte neste caso—"

"Eu sei o quão boa é a porra da pista," disse McGrath, preso em algum lugar entre a derrota resignada e a frustração absoluta. "E é por isso que, contra o meu melhor julgamento, eu decidi colocá-la de volta no caso."

"O quê?" Perguntou Mackenzie, em total descrença.

McGrath se inclinou sobre sua mesa e olhou-a fixamente. Ela podia sentir sua fúria vindo em ondas, mas ela também sentiu ali uma espécie de esperança vacilante também.

"Desta vez, você faz tudo o que lhe disserem", ele zombou. "Você joga dentro das regras e trabalha o mais silenciosamente e despercebidamente possível. Você é um fantasma, entendeu? Ninguém mais fora deste cômodo sabe sobre esta decisão. E isso *significa* que se você resolver o caso, não será reconhecida. O mérito será passado para o Bryers ou qualquer outro agente que possa estar mais próximo de você, se acontecer uma captura. Entendido?"

"Sim senhor."

"Bom. Agora... Como você está oficialmente de volta neste caso, diga-me onde você iria a partir daqui, sentindo-se confiante de que esse homem está matando pessoas que vão de porta em porta."

"Existem algumas possibilidades, disse ela. "Mas acho que as duas melhores pistas virão de Dana Moore e Trevor Simms. Com Dana Moore, precisamos de acesso ao seu e-mail e computadores, procurando ligações programadas ou visitas. Com Trevor Simms, poderíamos conversar com o seu colega de trabalho para descobrir quais bairros eles haviam escolhido como possíveis alvos para clientes. Eu também acho que devemos considerar a área de Black Mill Street, uma vez que temos a confirmação do motorista de ônibus sobre Susan Kellerman no dia em que ela desapareceu. Becka Rudolph também disse que tinha certeza de que Dana Moore planejava visitar essa área."

McGrath considerou isso por um momento e suspirou. "Tudo bem para mim se você falar com os amigos e a família de Trevor Simms. Mas fique longe de Becka Rudolph. Essa mulher odiou você, aparentemente. Quanto à Black Mill Street, mandarei alguém para pesquisar a área. Quando você esgotar seus recursos para Trevor Simms, eu mandarei você e Bryers para liderarem as coisas na Black Mill e

assim vocês contribuirão na pesquisa.”

"Sim, senhor. E... obrigada.

“Não se atreva a me agradecer ainda,” disse McGrath. "Basta ir lá e provar para mim que eu não sou um completo idiota, dando a você essa segunda chance."

Mackenzie assentiu rapidamente e saiu do escritório. Depois de alguns momentos, ela ouviu Bryers seguindo-a. Quando estavam a salvo do escritório de McGrath e apressando-se pelo corredor para o elevador, Mackenzie percebeu que de alguma forma tinha sido sugada de volta para o centro do turbilhão.

Enquanto esperavam pelo elevador no final do corredor, Mackenzie desenvolveu tanta coragem quanto antes de falar com Bryers. Ela sempre achou difícil ser genuinamente aberta e agradecida; isso a fez se sentir constrangida e em dívida com alguém.

"Obrigada pelo que você fez lá," disse ela. "Você não tinha que me defender assim."

"Não precisa me agradecer," disse Bryers. “E não se acostume. Não comum que alguém a defenda assim. Eu achei que você merecia, dada a situação absolutamente lamentável em que você se encontrava."

Ela queria acrescentar que ninguém a tinha defendido assim—não como uma detetive em Nebraska, nem em sua família durante a infância, nem mesmo no ensino médio, quando confiava fortemente em seus amigos para obter algum incentivo e apoio que ela não conseguia em casa.

Mas ela manteve aquela calma. Não fazia sentido abrir esse tipo de ferida e convite à dor. Então, em vez disso, ela esperou em silêncio com ele até que o elevador chegou com um *plim* que parecia convidá-la de volta para a caça de um assassino, que de alguma forma, atraia suas vítimas diretamente até a porta de entrada da casa dele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Lauren Wickline não gostava de falar na frente das pessoas. Na verdade, sempre que ela estava em uma multidão de amigos o que para ela significava um número maior do que dez, ela normalmente ficava quieta. No ano passado, durante o segundo ano do ensino médio, ela teve que falar na frente de toda a classe de calouros para dar as boas-vindas à escola e ela quase vomitou por todo lado. Falar com grandes grupos de pessoas simplesmente não era coisa algo para ela. Uma ou duas pessoas, no entanto—era o ideal para ela realmente brilhar. É por isso que ser uma representante para a equipe de atletismo das meninas parecia ser perfeito para ela.

Ela estava vendendo folhetos de desconto para as empresas locais, tentando levantar dinheiro para a equipe para que elas pudessem finalmente obter alguns uniformes decentes. Até agora, a abordagem porta-a-porta tinha funcionado maravilhosamente bem. Ela sabia que tinha um sorriso encantador e, para os homens velhos tarados que atendiam a porta, uma tortura que nem mesmo as meninas da faculdade aguentariam, muito menos suas amigas no ensino médio. Então, quando era preciso, Lauren sabia as maneiras certas de agir para fazer uma venda.

Ela estava caminhando até a rua Estes, um quarteirão de uma parte da cidade que seus treinadores lhes disseram para evitar. A Black Mill Street tinha uma má reputação; era tão ruim que até mesmo os drogados e viciados em maconha da escola tinham parado de comprar drogas daquela área. E mesmo que Lauren soubesse que poderia ser um lugar perigoso, ela também sabia que já estava no meio da tarde e que, se ela fizesse tudo direito (e usasse seu decote direitinho, é claro) ela poderia ganhar mais dinheiro que qualquer outra pessoa na equipe. E, finalmente, seria reconhecida como um contribuinte real, em vez de a menina bonita que todos os caras se interessam por suas reuniões para *comê-la com os olhos*.

Ela ainda tinha quatro casas e, depois de ir de porta em porta em mais de vinte casas, tinha vendido sete folhetos—não é uma *bolada*, mas mais do que ela esperava neste bairro. Ela também estava na rua por um bom tempo. Ela tinha deixado a escola cedo e sabia que se ela pudesse resolver as coisas dentro da próxima meia hora, ela seria capaz voltar para o treino com este bocado inesperado de dinheiro.

Aproximou-se do calçadão seguinte e começou a sentir aquele formigamento em seu estômago, as velhas e familiares dores de nervosismo. Ela tinha isso algumas vezes ao vender os livretos, mas sempre conseguia engolir esse sentimento. Não se tratava tanto de falar com estranhos, mas do constrangimento de vender algo em que eles não tinham real interesse.

Faltavam apenas quatro casas, pensou para si mesma. Basta se superar e fazer o que deve ser feito. Terminar a tempo para voltar para o treino, entregar o dinheiro e orgulhar-se dos elogios do treinador e dos outros corredores.

Esse pensamento acelerou o seu passo. Ela caminhou até a calçada e bateu na porta da frente com confiança. De repente, de algum lugar de lá de dentro, ela ouviu um homem dizer em voz alta: "*Você fica, mamãe! Entendi.*"

A voz do homem soou um pouco rude... Talvez animado ou nervoso. Teria ele espiado ela subindo na calçada com seus shorts atléticos e camiseta apertada? Ela realmente não se importava com isso. Uma venda era uma venda.

Segundos depois, a porta da frente foi aberta. Um homem que parecia ter uns quarenta anos ou mais, olhou para ela. Seu olhar era primeiramente curioso e, em seguida, tornou-se algo como um olhar maravilhado. Isso confundiu Lauren, porém, ele não estava olhando para ela como a maioria dos homens daquela idade. Havia algo mais em seu olhar—algo que Lauren não gostava.

"Olá?" O homem disse em uma voz quase ofegante.

Tô fora, pensou, segurando os livretos firmemente em sua mão. Esse cara é muito esquisito. Cheira a problema e nenhuma venda aqui valerá a pena. Caia fora, Lauren.

"Desculpe-me," ela disse. "Casa errada."

“Está tudo bem,” disse o homem. “Você está perdida?”

“Não,” Lauren disse, balançando a cabeça. “Desculpe-me por incomodá-lo.”

Ela se virou rapidamente e caminhou em direção às escadas.

Foi quando ela sentiu o homem agarrá-la pelo tufo de cabelo desarrumado na parte de trás da cabeça dela. Ela sentiu a sua cabeça rapidamente ser chicoteada para trás e então um braço pesado caiu em torno de seu peito. Ela tentou soltar um grito de socorro, mas então uma mão suada fechou firmemente sua boca.

Lauren chutava o ar loucamente, tentando se livrar enquanto se sentia puxada pela porta da frente e para dentro da casa. O mundo girava quando ela foi jogada no chão e então o homem estava lá, suas mãos sobre ela de uma forma que não era sexual, mas de um jeito muito, *muito* pior.

Quando sua mão saiu de sua boca, ela tentou gritar de novo, mas então sua outra mão apareceu do nada. Golpeou-a com força na lateral da cabeça.

E trouxe consigo uma camada de escuridão.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Como ocorrido, falar com o colega e coproprietário da Equipe Verde não demorou muito. Benjamin Worley já havia falado com a polícia e com o FBI muito brevemente após a descoberta do corpo de Trevor. Em seus registros, havia notas sobre os bairros que Trevor tinha mencionado no dia em que ele desapareceu. Quando Mackenzie o chamou, ele confirmou esses locais e se tornou prontamente disponível para responder mais perguntas ou ajudar da maneira que pudesse.

Incapaz de fazer-se voltar ao seu apartamento, Mackenzie tinha feito o telefonema de seu carro, ainda estacionado na garagem de estacionamento sob o edifício J. Edgar Hoover. Com os bairros escritos, Mackenzie então puxou um mapa da área em seu telefone. Após alguns momentos de procura ao redor do mapa, ela obteve a confirmação que precisava.

Uma das ruas que Trevor Simms planejava visitar era a Estes. A rua Estes estava a duas ruas da Black Mill. As ruas eram muito próximas para ser apenas uma coincidência. De acordo com o que ela sabia, cada pista deste caso estava apontando para a rua Black Mill.

Ela ligou seu carro e chamou Bryers fora da garagem do estacionamento. Ele respondeu imediatamente, soando tão animado quanto Mackenzie.

"Conseguiu alguma coisa?" Ele perguntou.

"Sim. Um dos lugares que Trevor Simms tinha programado visitar era a rua Estes. Está a duas quadras da Black Mills."

"Em quanto tempo você consegue estar lá?" Perguntou Bryers.

"Já estou a caminho."

"Apenas lembre-se do que McGrath disse. Você tem que ficar invisível nisso, ok?"

"Eu sei," disse Mackenzie, começando de repente a ressentir-se.

"Por que você não me encontra na esquina da Black Mill com Sawyer? Podemos começar a partir dali. Eu não sei quando o McGrath mandará outros para lá."

"Parece bom," ela disse. "Vejo você, então."

Mackenzie terminou a chamada e centrou-se no tráfego. Era quase quatro horas da tarde. Logo, o trânsito da tarde bloquearia as estradas principais. Quando ele se saiu das estradas centrais em direção à rodovia, Mackenzie percebeu que uma sensação que ela sentiu cerca de três meses atrás, enquanto perseguia o Assassino Espantalho, estava se espalhando pelo o seu corpo.

Era a sensação de que ela estava, de repente, correndo contra o relógio, não muito certa de qual seria o momento final.

Ela puxou seu carro ao longo do meio-fio a vários metros de distância da interseção da Black Mill com a Sawyer vinte e cinco minutos depois. Aparentemente, Bryers também sentiu como se estivessem correndo contra o relógio porque ele já estava lá, esperando por ela. Ele piscou suas luzes de freio para ela, sinalizando para ela se juntar a ele. Ela fez isso rapidamente, trancando seu carro e, mais uma vez, pulando no banco de passageiros.

"Você já fez isso antes?" Perguntou Bryers. Ele parecia ansioso e um pouco nervoso. Mais do que isso, ele parecia cansado e talvez emocionalmente doente.

"Algumas vezes," disse ela. "Fui de porta em porta à procura de uma criança desaparecida e, novamente, na esperança de encontrar um traficante de cocaína."

"Então... Você sabe que a qualquer momento, nós podemos bater em uma porta e sermos confrontados?"

"Sim," disse ela.

Rapidamente, Bryers estendeu a mão e abriu a caixa de luvas. Quando ela abriu, Mackenzie viu um espaço bem organizado com mapas, identificador de veículos, uma pequena caixa de ferramentas e uma Glock 26—uma pequena arma que ela ouviu alguns estudantes na Academia chamarem de Baby Glock. Era aproximadamente metade do tamanho de uma Glock padrão, fácil de esconder, e um pouco parecida com um brinquedo, mas ainda assim útil.

"Pegue," disse Bryers. "McGrath não precisa saber disso. Mas eu me condenarei se deixar você entrar nisso sem proteção."

"Você tem certeza?" Ela perguntou, já estendendo o braço para pegar a arma.

"Não. Então, pegue-a rapidamente. E, em seguida, verifique o gatilho, que eu estou prestes a disparar *acidentalmente* por causa deste pequeno suporte para as costas."

Sem olhar para longe dela, ele abaixou à sua esquerda, preparando a arma. Ela saiu do carro, foi para o porta-malas e encontrou o suporte traseiro guardado em um pequeno kit com alguns outros itens relacionados. Ela então virou as costas para o carro, tentando parecer imperceptível para qualquer um que pudesse passar, com a arma, em seguida, anexou o suporte na cintura de sua calça jeans. Ela nunca tinha usado um suporte pequeno para as costas; ela arqueou as costas um pouco para se acostumar com a forma dele.

Bryers se juntou a ela na parte de trás do carro e olhou para a rua. "Eu digo que nós começamos aqui, na Black Mill," disse ele. "Talvez apenas cobrir alguns blocos. Depois disso, se não encontrarmos nada, acho que devemos ir para a Estes, uma vez que é uma das ruas que Trevor Simms especificamente mencionou. Vamos juntos, nunca separados. Eu odeio fazê-la se sentir como se tivesse uma babá, mas—"

"Está tudo bem," disse ela. "Entendi."

Um breve aceno de cabeça de Bryers disse-lhe que não o mencionaria de novo. Com isso, ele começou a caminhar para a frente, para além do cruzamento e para as casas espalhadas à frente. As ruas estavam vazias em sua maior parte. Enquanto avançavam, Mackenzie viu um corredor vespertino correndo em uma intersecção mais adiante, mas isso era tudo.

Eles chegaram à sua primeira casa, uma casa de aparência triste com antenas balançando no telhado. A grama claramente não tinha sido cortada por cerca de um mês e o revestimento de vinil da casa estava precisando desesperadamente de uma lavagem à pressão. Enquanto ela e Bryers subiam a calçada rachada até a porta da frente, Mackenzie preparou-se ver como essa tarefa se desenrolaria. Como ela disse ao Bryers, já tinha feito isso antes; sabia que a próxima hora consistiria em ter portas atendidas por pessoas mal-humoradas ou até mesmo ninguém atenderia, sempre com cães assustados e barulhentos durante esse período.

Aproximaram-se da primeira casa e Bryers bateu na porta. O som tornou-se abrupto e oco no silêncio do bairro. Esperaram, trocando um olhar familiar, e então Bryers tentou novamente. Enquanto esperavam, Mackenzie olhou para a janela pela porta da frente, procurando sinais de movimento. Mas ninguém estava espionando-os através das cortinas sujas.

"Ninguém está em casa," disse Bryers depois de mais trinta segundos de espera. "Vamos continuar."

Eles saíram da casa e caminharam apenas alguns metros antes de chegar e obter o mesmo resultado. Na terceira, no entanto, alguém estava em casa. Quando Bryers bateu, a porta foi atendida por um homem que estava doente ou bêbado. Mackenzie demorou menos de dez segundos para perceber que este homem não era um suspeito, e nem teria absolutamente nenhuma maneira de ajudá-los em um interrogatório. Depois de uma desajeitada conversa, em que a metade das palavras do homem era murmurada e incompreensível, dirigiram-se para a casa seguinte.

Depois de mais duas casas vazias, chegaram à uma pequena casa que parecia relativamente arrumada do lado de fora. Enquanto caminhavam pela calçada, Mackenzie avistou uma televisão pela janela da frente. A TV estava virada, mas ela podia ver que um programa de entrevistas estava passando na tela. Quem quer que estivesse assistindo, aparentemente, estava sentado longe da janela.

Aproximaram-se da porta da frente mostrando os primeiros sinais de cansaço e decepção do que começava a parecer uma tarefa inútil. Bryers bateu como de costume e eles podiam ouvir movimento atrás da porta em questão de segundos.

Finalmente, uma esquelética mulher mais velha veio à porta. Seu cabelo era quase inteiramente cinzento e sua pele era flácida e enrugada. Mackenzie supôs que a mulher tinha mais de setenta anos. Ela olhou para os dois com um par de óculos grossos que ela empurrou por cima de seu nariz.

"Sim? Posso ajudar?"

"Desculpe-me por incomodá-la, senhora," disse Bryers, mostrando seu distintivo. "Eu sou o agente Bryers do FBI. Nós estamos checando o bairro, procurando um determinado indivíduo ou alguém que possa fornecer informações."

A velha senhora assentiu solenemente, como se estivesse esperando sua visita, mas demoraram muito para chegar lá. "Bem, finalmente," disse ela.

"O que a senhora quer dizer com isso?" Perguntou Bryers.

A idosa deu um passo para fora e olhou para a direita dela, na direção em que Mackenzie e Bryers tinham estado todo esse tempo. Ela estendeu um dedo ossudo, apontando para uma casa dois metros abaixo.

"Há um homem muito ruim que mora ali." Liguei para a polícia duas vezes, mas eles nunca fizeram nada a respeito."

"Que tipo de homem ruim, senhora?" Perguntou Bryers.

"Pessoas entram e saem dessa casa o tempo todo," disse ela. "Principalmente tarde da noite. Muitas vezes, há menininhas."

"Menininhas?"

"Bem, não *tão* pequenas. Treze ou quatorze anos, eu acho. E o homem que mora lá... Bem, não há motivo para ele ter garotas dessa idade na casa dele.

"Talvez sejam suas filhas?" Sugeriu Mackenzie.

"Claro que não são," a mulher cuspiu. "Não, a não ser que tenha muitas filhas. E essas garotas... Parecem ser levadas para lá—"

"Você conhece a rotina desse homem?" Perguntou Bryers. "Ele está em casa agora?"

"Ele mantém o carro estacionado ao lado da casa," disse a senhora. "Se o carro estiver lá, ele também estará. Sei que parece uma velha intrometida, mas eu *sei* que algo ruim acontece lá."

"Obrigado, senhora," disse Bryers, olhando em direção à casa. "Vamos verificá-la."

"Ótimo," disse a idosa.

Bryers e Mackenzie voltaram para a calçada e dirigiram-se para a casa que a idosa indicou. "Você acredita nela?" Perguntou Mackenzie.

"Eu não sei. Mas certamente vale a pena conferir. Não acha?"

Mackenzie assentiu com a cabeça mesmo que algo sobre a situação não estivesse bem. Se esse cara era culpado de qualquer coisa que envolvesse jovens, havia uma chance de que fosse puramente sexual. Ilegal e mórbido, é claro, mas não era o modo como operava o homem que ela acreditava estar procurando.

Ainda assim, depois de bater na porta da casa ao lado e não encontrar ninguém, eles se aventuraram para a casa em questão. Como a velha senhora havia indicado, havia um carro estacionado ao lado da casa, parcialmente fora da entrada pavimentada. Ambos apenas trocaram um olhar enquanto caminhavam pelo jardim e pela varanda da frente. A varanda era um pequeno quadrado sujo feito de madeira e sombras, cheio de pontas de cigarro, insetos mortos e sujeira.

"Pronta?" Bryers perguntou.

Ela assentiu com a cabeça. De repente, ela estava muito consciente da Glock atrás dela.

Bryers levantou a mão e bateu. Esperaram um momento, ouvindo os sons de movimento. Mackenzie

ouviu um ligeiro barulho, mas estava bastante certa de que não estava vindo de dentro.

Lá fora. E se suas orelhas estivessem escolhendo o barulho corretamente, ela tinha certeza de que o som estava vindo dos fundos.

“Você ouviu isso?” Ela perguntou.

“Não,” disse Bryers. "O quê?"

Mackenzie esperou um momento, certificando-se de que ainda conseguia ouvir o som. Quando ela continuou a ouvi-lo, não perdeu tempo e correu para os degraus da varanda.

“Por trás,” disse ela. "Alguém está correndo."

CAPÍTULO VINTE E SETE

Enquanto corria pelo jardim lateral e pelo pequeno quintal, lembrou-se da ordem de McGrath de ser como um fantasma. Seja invisível. Esteja nos bastidores e fora do caminho. Ela sabia que perseguir alguém como se tentasse escapar pela porta dos fundos era diretamente desobedecer essa ordem, mas no momento, ela não sabia o que fazer além disso.

Assim que ouviu Bryers atrás dela, ela avistou dois homens na beira do quintal. O pátio dava passagem para um campo pequeno e apertado que percorria o local um pouco antes de começar o quintal de outra propriedade. Enquanto os olhos de Mackenzie focavam sobre os dois homens, eles corriam pelo pequeno campo, indo para o oeste. Um deles a avistou enquanto ela rodeava o canto da casa para chegar ao quintal e isso pareceu fazê-lo acelerar.

Mackenzie sabia que era rápida e tinha uma resistência melhor do que a média. Ela estava confiante de que poderia alcançar os homens. Mas e depois? Ela tinha a Glock de Bryers logo atrás dela, mas se ela fizesse isso, McGrath acabaria com ela.

Voltou-se rapidamente para Bryers, desesperada por algum tipo de confirmação ou aprovação. "Você pode alcançá-los?" Ela perguntou.

Ele franziu a testa, observando os dois homens se afastarem cada vez mais. Vendo-o em um estado letárgico, ela poderia dizer que ele estava lutando para conseguir.

"Duvido," disse ele.

Mackenzie olhou de volta para os homens e deu um grunhido de frustração.

"White?" Perguntou Bryers. "Nem pense em—"

Mas ela já estava se movendo. Suas pernas instantaneamente encontraram a velocidade refinada que haviam acumulado ao longo das últimas seis semanas enquanto percorria caminhos de obstáculos e trilhas arborizadas. A única coisa diferente agora era que seus músculos estavam praticamente embebidos em adrenalina quando ela atravessava o quintal para chegar ao campo. Atrás dela, ela mal ouviu Bryers soltar um palavrão. Sem se preocupar em olhar por cima do ombro, Mackenzie sabia que ele estava seguindo-a, tentando acompanhá-la.

Ao se aproximar do campo e das silhuetas apressadas dos dois homens à sua frente, sentiu seu futuro desmoronar. Ela sabia que esta era uma situação que daria errado de qualquer jeito e por um momento, ela desprezou os homens que haviam organizado reuniões sigilosas para colocá-la naquela situação. Se ela tivesse visto os dois homens fugirem e *não* os tivesse perseguido, ela seria vista como um fracasso. Por outro lado, persegui-los ia contra tudo o que McGrath tinha lhe instruído a fazer.

Ela pensou que organizaria tudo isso quando tudo terminasse. Por enquanto, ela tinha um homem que potencialmente matou pelo menos quatro pessoas em fuga. E ela estaria condenada se o deixasse escapar.

Ela estava correndo com tanta fúria que quase tropeçou quando seus pés se afastaram da grama suave do quintal para a confusão de emaranhados grossos do campo com vegetação morta. Ela recuperou o equilíbrio rapidamente, e olhou para frente para ver os dois homens chegando ao fim do campo e atravessando o quintal de outra pessoa. Eles eram mais rápidos do que ela tinha imaginado e ela ficaria para trás se tropeçasse novamente.

Ela finalmente teve a chance de pegar um vislumbre de Bryers como ela fez isso no campo. Ele estava a cerca de vinte metros atrás dela, correndo com propósito, mas obviamente não era acostumado com esse esforço. Ela então se concentrou nos homens à frente dela e novamente escorregou para a zona que achava mais confortável, pois se acostumou com o rigoroso treinamento da Academia. Ela correu muito, as pernas não ficavam cansadas, os pulmões trabalhando como uma máquina perfeita.

Ela perdeu de vista os dois homens por um momento, mas manteve os olhos no quintal em que haviam escapado. Estava à sua direita, um pedaço seco de grama atrás de uma casa desmanchada. Um velho varal e um conjunto de balanços enferrujados estavam no quintal. Enquanto examinava o lugar, tentando

examinar tudo ao mesmo tempo enquanto ainda corria, ela mal avistou a onda de movimento vinda do lado mais distante da casa.

Um dos dois homens parou, escondido atrás da casa. Ele agora estava correndo na direção dela, seus ombros estavam baixos e a cabeça abaixada, quase como um jogador de futebol americano. Ela parou em seu caminho, seus pés pararam de deslizar. Quando ela se reposicionou e virou para a esquerda, sabia que não teria tempo para puxar a arma de Bryers. Em vez disso, ela juntou as mãos, levantou os braços e os abaixou como um porrete.

Ela fez contato assim que o grosso ombro do homem colidiu com seu estômago. O vento correu para fora dela quando ela caiu no chão. Ainda assim, ela tinha conseguido um golpe sólido logo abaixo do pescoço do homem e quando eles caíram no chão, ele estava grunhindo de dor e instantaneamente tentando se levantar.

Mackenzie se pôs de pé, lutando para respirar fundo. Ela era muito mais rápida do que ele e enquanto ela já estava de pé, ele mal tinha feito uma posição de agachamento. Ela lançou-se contra ele jogando-o no chão de um jeito que o rosto dele bateu no solo primeiro. Sem desperdiçar tempo, ela jogou o joelho com força na parte inferior de suas costas e, em seguida, pressionou seu antebraço na parte de trás de seu pescoço do jeito mais forte que conseguiu.

Quando ele tentou combatê-la, ela pressionou seu joelho mais fortemente em suas costas e seu antebraço de forma mais forte em seu pescoço. Era uma simples e eficaz imobilização—uma das primeiras que aprendeu. Qualquer tentativa de se libertar resultaria em severas dores nas costas ou arranhões e abrasões no rosto.

“Onde está o outro? Perguntou Mackenzie enquanto o outro lutava debaixo dela. "Onde está o seu amigo?"

"Foda-se," veio a resposta.

Ela colocou mais peso em seu joelho como resposta. Ele grunhiu de dor abaixo e tentou usar seus braços para se levantar. Mackenzie estendeu a mão e pegou seu braço esquerdo, puxando-o para trás. Ele bateu no chão enquanto ela dobrava seu braço para cima ao longo de suas costas. O homem soltou outro grito estrangulado que foi afogado principalmente pelo som de Bryers correndo para o seu lado. Ele estava sem fôlego e vermelho quando abaixou-se de joelhos ao lado dela.

"Eu o peguei," ele disse enquanto puxava um par de algemas do cinto.

Quando colocou as algemas nos pulsos do homem, ele pareceu prestar muito pouca atenção em Mackenzie. Ele até trombou nela enquanto trabalhava, quase a derrubando e jogando-a no chão. Sentindo que estava claramente irritado, Mackenzie afastou-se e levantou-se quando Bryers levantou o homem.

“Quer que eu vá atrás do outro?” Perguntou Mackenzie.

"Não," Bryers soltou, claramente chateado. Ele então sacudiu o homem algemado e pegou seu rosto. “Para onde foi o outro?”

O homem só balançou os ombros. A expressão em seu rosto era de preocupação, mas também era evidente que ele seria teimoso.

"Era a sua casa ou a dele?" Bryers perguntou, balançando a cabeça na direção de onde eles tinham vindo.

Novamente, o homem não disse nada. Ele simplesmente olhou de Bryers para Mackenzie e depois de volta para Bryers.

"Então, vamos deixá-lo ir?" Perguntou Mackenzie.

O homem algemado sorriu. Ele lançou a Mackenzie um olhar de desprezo. Ele foi recompensado com Bryers pegando o seu rosto novamente e devolvendo o sorriso.

"Algo engraçado? Parece-me que você ficaria um pouco assustado se uma mulher acabasse com a sua raça.”

Isso limpou o sorriso do rosto do homem. Ele simplesmente olhou para o chão quando Bryers o guiou

de volta para o campo. Mackenzie o seguiu, sentindo uma onda pesada de incerteza cair sobre ela enquanto Bryers estava claramente organizando seus próprios pensamentos.

"Você tem aí o seu telefone?" Ele perguntou para ela de repente.

"Sim."

“Avise o McGrath. Diga que eu peguei o suspeito e que temos outro solto. Então diga a ele que precisamos de um mandado para a casa deste cidadão aqui.”

"Essa não é a minha casa, cara," disse o homem algemado.

"Finalmente, isso resolveu falar," Bryers disse.

Mackenzie tirou o telefone e pressionou o número de McGrath enquanto caminhavam de volta pelo campo de vegetação morta e voltavam para a casa em questão. Mesmo antes que o telefone começasse a tocar, Mackenzie começou a se sentir segura de duas coisas. Primeira: a observação instantânea do homem algemado de *que não era a casa dele* significava que havia algo lá que causaria um monte de problemas para *alguém*. Segunda: nenhum desses homens era o assassino que procuravam.

O assassino parecia metódico e quase previsível. Alguém assim teria um plano para uma fuga fácil e infalível se os policiais viessem alguma vez; ela não pensou que ele seria do tipo que simplesmente sairia pela porta dos fundos e correria.

Claro, ela manteria essas coisas para si mesma até que eles viessem ver o interior da casa. Se ela fosse verbalizar sobre seu instinto e estivesse errada, não havia como imaginar como isso poderia mudar a maneira como McGrath e Bryers pensavam sobre ela.

Por agora, ela simplesmente relatou os recentes acontecimentos para McGrath enquanto marchava de volta ao campo com Bryers e o suspeito algemado. E mesmo que tivessem tecnicamente um suspeito sob custódia, Mackenzie ainda não conseguia afastar a sensação de que havia um relógio em contagem regressiva empurrando-a por trás.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A última coisa que ela esperava era que McGrath lhe desse acesso à casa assim que a autorização fosse dada. Ela também foi novamente surpreendida com a rapidez com que tudo se moveu. Menos de uma hora se passou entre ela fazer a chamada e uma pequena equipe chegar à casa em na rua Black Mill. Ela tinha a sensação de que Bryers tinha pressionado por sua inclusão na busca, mas não perguntou. Ela simplesmente fez como foi dito e se juntou à equipe de quatro agentes na pequena varanda da última casa que visitaram na busca do bairro.

Ficou perto de Bryers quando a porta foi derrubada por um pequeno atirador. A porta caiu facilmente, ficou pendurada na teimosa dobradiça superior. Mackenzie recuou quando dois agentes assumiram a liderança, armados com Glocks simples. Eles levaram um momento para vasculhar o lugar, certificando-se de que ninguém estava espreitando nos cantos com armas, esperando para emboscá-los.

"Limpo!" Um deles gritou.

Bryers acenou com a cabeça para Mackenzie e ela seguiu ele, sendo a última da fila. Ela não tinha arma agora, Bryers tinha tirado a Baby Glock dela depois que da chamada para McGrath. Ela já tinha desobedecido ao comando de ser um fantasma e Bryers não estava disposto a a brincar com sua sorte, permitindo que ela permanecesse armada em um caso no qual ela supostamente nem fazia parte.

Na traseira do pequeno grupo, Mackenzie examinou a casa como qualquer o visitante faria. A porta da frente conduzia a uma espaçosa sala de estar, cujo centro era decorado por uma enorme TV de tela plana na parede. A TV foi deixada para trás durante a fuga, a tela mostrando um menu Netflix com filmes de ação. Uma garrafa de cerveja quase cheia estava em uma pequena mesa de café na frente do sofá.

Atravessaram a sala e entraram numa cozinha adjacente. Alguns pratos foram empilhados na pia. Um saco de batatas fritas estava aberto no balcão. Uma garrafa de vodka estava junto à pia com alguns copos para doses espalhados aqui e ali.

Da cozinha, eles se aventuraram no corredor onde o banheiro e dois quartos da casa começaram a dar os primeiros indicadores de que alguma coisa desprezível tinha realmente acontecido dentro dessas paredes.

No banheiro, os primeiros sinais de autenticidade para as afirmações do velho vizinho curioso apresentaram-se. Uma caixa vazia de preservativos estava na lata de lixo junto com frascos de narcóticos e várias caixas do sedativo Ambien. Havia também algumas latas de cerveja vazias no lixo que por si só não significavam nada, mas em conjunto com o narcótico e o Ambien não sugeriam uma boa coisa.

No primeiro quarto—o principal, parecia— que a cama estava desfeita, os lençóis estavam amontoados ao pé da cama. Na mesa de cabeceira havia outro frasco de comprimidos e algemas de veludo. No chão, uma pilha de roupas, que no início, nem pareciam ser dignas de observação até que Mackenzie percebeu uma borda rosa em torno da manga de uma camisa.

Ela chutou a pilha, não querendo colocar suas impressões em nada. Um par de jeans caiu da pilha, revelando uma camisa branca com uma estrela cheia de purpurina na parte da frente. Uma série de linhas cor-de-rosa atravessavam as mangas. Sem ver a etiqueta dentro do colarinho, Mackenzie sabia que a camisa pertencia a uma menina—com doze ou treze anos, no máximo.

“Bryers,” disse ela.

Ele se virou e ela apontou para aquilo. O rosto dele ficou inativo por um momento antes de lhe dar um aceno de cabeça e voltar para o resto da busca. A pequena equipe de quatro pessoas voltou para o hall onde eles verificaram o segundo quarto. O quarto estava essencialmente vazio, com exceção de uma pequena penteadeira e um espelho que estava pendurado na parede. Um dos agentes na frente do grupo abriu um pequeno closet ao longo da parte de trás da sala e disse: "Ah, merda."

Um a um, eles entraram no closet. O que parecia, na verdade, um pequeno armário do lado de fora, na

verdade, abriu-se em um pequeno cômodo que tinha cerca de três metros de comprimento por 1.70 de largura. Todos os quatro ficaram dentro dele ombro a ombro, quase ocupando todo o espaço. Um dos agentes puxou um cordão pendurado no teto, acendendo uma única lâmpada. Era uma lâmpada fraca, iluminando uma cena semelhante àquela que Mackenzie já tinha ouvido falar antes, mas que nunca tinha visto.

Um pequeno colchão estava no chão. Outro conjunto de algemas de veludo estava no chão ao lado. Um pequeno espelho foi afixado na parede em frente ao colchão. Um cobertor do Meu Pequeno Pônei estava no canto ao lado de alguns copos de papel descartados. Um dos agentes pegou um dos copos e cheirou-o.

“Álcool,” disse ele.

Todos os quatro estavam quietos. Mackenzie podia praticamente sentir seus pensamentos girando coletivamente. Claro, ainda não havia nenhuma prova *concreta* de que o vizinho tinha razão, mas tudo o que eles estavam vendo enunciava isso para eles.

O agente principal virou-se para Bryers. Mackenzie ficou impressionada com a inexpressividade de seu rosto. Ele não mostrou nenhuma expressão—nem piedade, nem raiva, *nem nada*. “Nós vamos chamar uma equipe para vasculhar o local em busca de impressões e qualquer outra coisa que possamos encontrar. Tudo bem para você ficar aqui?”

“Sim. Eu acho que sim.”

O agente principal e seu companheiro assentiram e lentamente se afastaram do closet. Enquanto Bryers os seguia, Mackenzie continuava a olhar para o closet. Bryers estava de pé perto da porta, esperando por ela.

“Não faça isso com você mesma,” disse ele. “Agora precisamos nos concentrar em pegar o cara que escapou.”

“Sim,” disse Mackenzie. Ela começou a se afastar, mas quando ela fez isso, viu algo que chamou sua atenção. Ela entrou no closet ficou em uma posição encurvada logo na frente do colchão pequeno.

“O que foi?” Perguntou Bryers.

“Olhe,” disse ela, estendendo a mão e quase tocando o pequeno espelho na parede.

No canto inferior esquerdo, o vidro estava quebrado, revelando o suporte de metal fino. A extremidade espiralada de um pequeno parafuso se estendia cerca de um quarto de polegada.

“O que você acha?”, Perguntou Bryers.

Mackenzie odiava dizer o que estava em sua mente porque ia contra sua forte sensação de que não era o assassino. Era um indivíduo perturbado, claro... Mas não o cara que estava matando pessoas que trabalhavam de porta em porta e depois jogava seus corpos no lixo.

“O arranhão no topo da cabeça de Trevor Simms,” ela começou.

“Ah,” disse Bryers. Então, depois de alguns momentos, ele disse de novo, em um tom derrotado. “Ah. Você não acha que este é o nosso assassino, não é?”

“Esse cara estava atrás de meninas”, disse Mackenzie. “E pelo que vimos, ele não as matou. Ele só... Bem, você sabe. Nosso cara, entretanto... Ele não é exigente. E suas vítimas eram adultas.”

“Mas o bairro é um indicativo. E se esse cara for *doente assim*,” disse ele, apontando para o closet, “não há como dizer do que mais ele é capaz.”

“Sim, mas—”

“Temos que usar o que temos”, interrompeu Bryers. “E agora mesmo, este lugar é quase uma tacada certa. Relaxe, White. Parece que temos o nosso cara.”

Mackenzie olhou de volta para o closet, olhando para o parafuso, e sabia, sem dúvidas, que ele estava errado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Às 5:30 da tarde, o segundo homem que fugiu de Mackenzie e Bryers foi preso. A casa pertencia a ele e estava ficando cada vez mais claro que a história da vizinha era bastante precisa. Com apenas um pouco de pressão e questionamento seu amigo cedeu sob a pressão, revelando que eles trabalhavam juntos para pegar pré-adolescentes e adolescentes para fazer sexo. Às vezes, os pais os vendiam, alugando suas filhas por preços que variam de quatrocentos a mil dólares. Mas, na maioria das vezes, as crianças chegavam lá vontade própria, rebelando-se contra os pais ou procurando algum tipo de proteção.

Nenhum dos homens, no entanto, confessou as mortes de Shanda Elliot, Susan Kellerman, Trevor Simms ou Dana Moore.

Menos de noventa minutos depois de descobrir o sórdido closet, o suspeito que tinha fugido foi localizado, oficialmente preso, e levado para julgamento. Mackenzie sentou-se nos degraus da casa, observando o carro da polícia se afastar, um pouco espantada com a rapidez e eficiência com que tudo se passou.

Bryers estava na calçada, ansioso para voltar para seus carros. "Você ainda não se sente bem com isso, estou certo?" Ele perguntou.

"Estou contente por termos pegado um monstro que abusa de garotas," disse ela. "Isso é um adicional, pelo que sei. Mas esse cara não é o nosso assassino do aterro."

Bryers suspirou e assentiu com a cabeça. "Você pode estar certa. Mas até que eu receba uma ordem de McGrath para continuar procurando um suspeito, temos que usar o que temos. E o que temos é um cara tão louco que eu não duvidaria que ele fizesse *algo* assim."

"Então, mesmo se você tem dúvida... Você simplesmente esquece?" Perguntou Mackenzie.

Bryers fechou os olhos por um momento e Mackenzie percebeu que estava tentando ser diplomático. Quando falou, suas palavras foram lentas e deliberadas.

"Com o risco de sair como um bastardo... Isso não é um bobagem qualquer de um Departamento de Polícia de Nebraska. Se você sair do FBI, há sempre consequências. Nós trabalhamos de forma segura e efetiva, há regras a serem seguidas. Você entende isso, certo?"

"Eu entendo," disse ela. "Nós ficamos parados esperando McGrath descubra que o nosso assassino ainda está lá fora."

"É isso, em poucas palavras," disse Bryers. "Eu suspeito que ele já saiba disso. Mas ele precisa ter 100% de certeza. Espero que tenhamos coisas para fazer esta noite. Mas, por enquanto, não podemos fazer nada além de sair daqui. Você se saiu muito bem hoje, White. Deixe isso por agora. Vamos. Vamos."

Sem esperar que ela respondesse, Bryers começou a descer a calçada, de volta para onde seus carros estavam estacionados e esperando por eles. Foi uma luta, mas Mackenzie fez o mesmo. Ela seguiu Bryers e olhou para a casa da qual eles acabaram de sair, e perguntou pela primeira vez se tinha cometido um erro ao pegar a dica de Ellington e deixar Nebraska.

Quando ela estava atrás do volante do carro observando Bryers puxar seu próprio carro para a rua, Mackenzie descobriu que não podia fazer isso. Ela não podia deixar uma pergunta tão ampla sem resposta. Ela não seria capaz de manter a cabeça erguida se soubesse que tinha potencialmente deixado um assassino à solta quando seu lugar de residência poderia estar dentro de uma milha de onde ela atualmente estava sentada.

Ela ligou o carro e se assegurou de não se afastar do meio-fio antes que Bryers já tivesse atravessado a intersecção à frente. Outro quarteirão à frente e ele viraria à esquerda para uma rua que levava a um

desvio que o levaria de volta a Quantico. Mackenzie não tinha intenção de segui-lo.

Ela se arrastou para o cruzamento que ele tinha passado, esperando que ele a visse se movendo em sua retaguarda. Ela ficou lá por um momento até que seu carro estivesse fora do alcance de sua visão.

E então ela virou à direita.

A rua Estes estava a uma quadra; ela viu o semáforo verde mesmo quando virou. Foi a última rua conhecida que Trevor Simms mencionou e parecia insano para ela simplesmente ignorá-la só porque tinham feito uma impressionante prisão há vinte minutos.

Ela correu pela rua, observando sua geografia. Correu ao longo de oito blocos antes de terminar em uma parte que tinha uma rotatória decrépita em uma das extremidades, e se transformava em uma avenida mais movimentada, a Parks, na outra ponta. Ela voltou para a Estes e estacionou na intersecção de Estes com Sawyer, começando no mesmo ponto em que ela e Bryers tinham investigado na rua Black Mill.

O bairro era quase idêntico ao que tinham visto na Black Mill. Algumas das casas eram melhor conservadas e com mais gramados em bom estado. Mesmo assim, sentia-se quase nua sem uma arma. Era mais do que fato que o bairro parecia sombrio e perigoso; era sabido—o instinto inegável—que lhe dizia que o assassino do aterro vivia em uma das casas que a esperavam ao longo da Rua Estes.

Enquanto caminhava pela primeira calçada, sentiu novamente que estava se equilibrando sobre uma borda que continha o seu futuro. Ela estava ciente de que poderia cair a qualquer momento e que havia um número de supervisores e diretores que podiam lhe dar o empurrão que a faria cair a qualquer momento. Sentiu o peso disto sobre ela como uma carga de tijolos nas costas, mas ela persistiu.

Eram cinco e meia da tarde quando ela bateu na primeira porta. Foi atendida em poucos segundos por um senhor negro de meia-idade. Ele estava vestido com um uniforme de mecânico e parecia cansado. Ele, como a maioria dos outros ao longo da rua Estes, tinha acabado de sair do trabalho, provavelmente chegou em casa e viu uma comoção envolvendo carros da polícia na rua Black Mill.

"Sim?" O homem perguntou cansadamente.

"Desculpe-me por incomodá-lo," disse Mackenzie, trabalhando com astúcia. "Sou consultora do FBI. Eu não sei se você notou a situação da Black Mill, mas estamos procurando por um homem em fuga nos quarteirões ao redor. Você viu alguém desconhecido correndo pelos jardins ou pelas ruas próximas?"

O homem sacudiu a cabeça. "Não. Cheguei em casa, abri uma cerveja e quase adormeci no sofá. Eu não vi nada."

Mackenzie assentiu, examinando rapidamente a casa atrás dele. Ela viu uma sala de estar e um corredor. A casa estava limpa e escura, havia uma televisão murmurando em algum lugar lá dentro.

"Obrigada, senhor," disse ela.

Ele apenas acenou com a cabeça e fechou a porta. Mackenzie desceu dos degraus da frente e seguiu para a rua. Ela se perguntou quanto tempo levaria para que Bryers percebesse que ela ficou para trás. Uma pequena parte dela (talvez a parte que sabia que essa desobediência poderia muito bem lhe custar um futuro no FBI) queria colocar seu telefone celular no silencioso para que ela convenientemente não ouvisse o telefone, se ele ligasse para perguntar *que diabos* ela estava fazendo. Mas claro, isso seria imaturo e ela não fugiria do problema que conscientemente estava criando para si.

Então ela continuou indo de porta em porta. Das cinco primeiras portas que ela bateu, três foram atendidas. Uma foi atendida por uma jovem, certamente com não mais do que doze anos. Imediatamente, Mackenzie podia ouvir os sons dos pais da garota discutindo alto em outra sala. A moça parecia irritada e Mackenzie sentia-se constrangida por toda a situação. Foi uma estranheza que ela carregou até a sexta casa ao longo da rua, começando a pensar que tudo isso tinha sido uma ideia terrível.

Na sexta casa em sua busca mal aconselhada, ela bateu na porta. Ouviu o movimento do outro lado e ouviu a voz de uma mulher gritando. "*Um minuto!*"

Mackenzie esperou cerca de vinte segundos antes que a porta fosse atendida. Uma mulher mais velha com excesso de peso apareceu. Ela parecia cansada e exausta por simplesmente ter ido atender a porta.

"Posso ajudá-la?" Perguntou a mulher com um tom cansado e alegre.

Muito rapidamente, Mackenzie usou com a mulher a mesma introdução que tinha usado com os outros dois adultos com quem falou nos últimos dez minutos. A mulher parecia preocupada quando Mackenzie a informou, mas balançou a cabeça.

"Não. Eu não vi nada assim," disse ela. "Então, outra vez, eu geralmente fico em meu quarto. Estou de cama por algumas semanas. Eu não tenho me sentido bem ultimamente, então fico escondida lá atrás."

"Lamento," disse Mackenzie. Então, lembrando-se de como a muito sensível Becka Rudolph queixou-se de que ela foi fria e distante, ela acrescentou: "Espero que os problemas de saúde não sejam muito graves."

"Não muito," disse a mulher. "Nada que uma comida saudável e um estilo de vida melhor não resolva. Eu só preciso realmente perder um pouco desse peso. "A senhora disse isso de uma forma que deixou claro que ela nunca faria tal coisa.

"Bem, desejo-lhe o melhor," disse Mackenzie. "Obrigada pelo seu tempo."

"Sim," disse a mulher. "Eu espero que você pegue o homem que está procurando."

Igualmente, Mackenzie disse enquanto ela se afastou da mulher e começou a voltar para a rua.

Quando ela deu seus primeiros passos, pensou que havia ouvido algo... Talvez nada mais do que um barulho adicional já que a idosa deu na porta um empurrão final para fechá-la. Era um barulho silenciado, mal se podia ouvi-lo.

Você está pulando de susto com o menor ruído, ela disse a si mesma. *Não se faça de idiota.*

Ainda assim, Mackenzie ficou lá, imóvel por um momento. Ela olhou para a casa, esperando ouvir o som novamente, mas não voltou a acontecer.

O que ela *ouviu* foi o seu telefone tocando no bolso. Ela o agarrou e viu que era Bryers.

"Merda," ela disse.

Ela respirou fundo, deu uma olhada final na casa, e então respondeu à chamada.

Lauren Wickline abriu os olhos e viu apenas a escuridão. Ela piscou rapidamente, afastando o pânico ao perceber que a escuridão era natural—apenas a ausência de luz e não a cegueira. A última coisa que ela lembrou foi um punho vindo rápido em direção a ela. E agora aqui estava ela, na escuridão.

Ela tentou chorar, mas não conseguiu. Ela tentou abrir a boca, mas havia algo pressionado contra ela. Ela empurrou experimentalmente a língua para a frente e sentiu uma espécie de tecido pressionado firmemente seus lábios. Ela sentiu algo duro sob suas costas e percebeu que estava deitada. Ela se virou e ficou de joelhos, então se empurrou para cima em uma tentativa de ficar de pé. Ela fez isso quando o topo de sua cabeça atingiu algo duro. Isso a fez cair de volta e ela protegeu seu rosto jogando seu braço para fora no último minuto.

Fui raptada, pensou quase distraída. *Eu sabia que não deveria ter ficado nesta parte da cidade... Porra, Lauren, o que você estava pensando?*

Ela mal conseguia se lembrar do rosto do homem na porta, mas ela podia se lembrar de se sentir desconfortável quando ele falou com ela. Ele a tinha atacado e agora ela estava aqui, capturada e em algum cárcere escuro que cheirava a poeira e sujeira.

Ela disse a si mesma para não entrar em pânico, para não começar a chorar, mas as lágrimas já estavam lá. Quando chegaram, outro pensamento veio a ela.

Ele deve ter me nocauteado. E se for esse o caso, algo deve ter me alertado longe desta escuridão. Devo ter ouvido alguma coisa. Eu devo ter—

E então ouviu a voz de uma mulher. Lauren não conseguiu distinguir nenhuma palavra, apenas murmuravam ligeiramente. E então ela se lembrou... Foi como sair de um pesadelo profundo e tentar se

agarrar aos últimos resquícios de um sonho. Isso a alertou. Era uma voz de mulher. Uma voz frágil.

"Um minuto..."

Isso é o que ela tinha ouvido. Alguém gritou aquilo. Alguém por perto.

No escuro, Lauren começou a lamentar-se. Através do pano que estava amarrado ao redor de seu rosto, soava quase como o ar escapando de um balão. Ela tentou afrouxar a mordaça, mas estava muito apertada em sua boca, e o nó era pequeno e apertado, ela não conseguia fazer seus dedos arrancarem aquela mordaça. Ela olhou através da escuridão, seus gritos cada vez mais altos como se ela fizesse o seu melhor para não se render ao pânico que estava crescendo interiormente. Diante dela, pôde ver o pequeno feixe de luz. Ela rastejou em direção a ele, choramingando através da mordaça. Ao engatinhar, ela começou a entender melhor o piso debaixo dela. Parecia uma madeira não polida. Aqui e ali ela também sentia rastros de sujeira. Isso a fez pensar que estava dentro de uma espécie de estrutura inacabada. Mas, sentindo a sujeira, imaginou-se em um porão onde havia aranhas e cobras pelos cantos, talvez se aproximando mais e mais dela.

Ela alcançou o fio de luz e viu que não era nada mais do que uma pequena quantidade de luz sendo revelada através de uma pequena porta. Ela analisou a porta, procurando por uma maçaneta, mas não havia nenhuma.

Ela bateu as mãos contra a porta, sentindo o mesmo tipo de superfície de madeira que estava sob seus joelhos. Ela gritou o máximo que pôde contra a mordaça em sua boca. Seus próprios gritos abafados ecoavam em sua cabeça, mas mesmo na escuridão, ela sabia que não soaria muito alto para ninguém do outro lado da porta.

Ela fez uma pausa e ouviu, novamente ouvindo o som abafado de uma mulher falando. Ainda estava abafada, mas então uma segunda mulher respondeu. Esta mulher estava mais perto, sua voz mais clara e decifrável.

"Então, repetirei, eu fico geralmente em meu quarto. Já estou acamada há algumas semanas."

Lauren pensou que podia imaginar o que estava acontecendo. Alguém tinha batido na porta da frente. A mulher próxima a ela tinha dito *Um minuto!* Agora aquela mulher estava falando com outra mulher. E talvez, Lauren se atreveu a ter esperanças, a outra mulher estava aqui, procurando por ela. Talvez ela pudesse ajudá-la.

Lauren bateu na porta até que suas mãos ardessem. Ela sentiu um de seus nódulos se abrir, o sangue jorrou imediatamente. Ela parou de bater quando percebeu que não dava resultado. Ela recuou e se virou colocando a sola dos seus pés contra a pequena porta. Ela então puxou os pés e começou a chutar a porta como se estivesse andando de bicicleta—um pé após o outro, continuamente.

Não havia rachaduras na porta e ela mal conseguia perceber qualquer alteração na estrutura da porta. Ela tentou gritar novamente com um chute final que fez seu joelho doer.

Quando terminou, ela ouviu a conversa das duas mulheres.

Mas ela caiu no desespero quando percebeu que elas tinham se calado.

CAPÍTULO TRINTA

"Você está *tentando* ser expulsa do FBI?" Bryers gritou ao telefone.

Mackenzie não tinha ouvido Bryers tão zangado antes. De alguma forma, era pior do que ouvir a voz de raiva de McGrath. Talvez fosse porque Bryers tinha defendido ela como ninguém e ela sentiu como se o tivesse decepcionado.

"Você mesmo disse," Mackenzie argumentou, "que eu tinha sido colocada em uma situação impossível. Estou apenas tentando torná-la um pouco mais gerenciável."

"Eu não sou seu chefe." Bryers disse, "mas eu vou dizer-lhe aqui e agora que se você não colocar a sua *bunda* dentro de casa em uma hora, você terá um mundo de problemas. Que diabos você esperava fazer, afinal? Caçar o cara por conta própria?"

"Não, eu—"

"Todo esse tempo eu pensei que os elogios sobre o Assassino Espantalho tinham sido *levados numa boa, sem pretensões da sua parte*. Mas parece que tudo isso subiu à sua cabeça, não é? Você não é invencível, White. E talvez você não seja tão boa quanto todo mundo continua dizendo para você... Você certamente não é tão *esperta* quanto eu pensava que era."

"Você está cansado, Bryers?"

Ele deu uma risada exasperada. "Não, eu estou bem. Temo que seja você quem não esteja, White. E eu odeio fazer isso, mas se você não me der a sua palavra agora de que está indo para casa, entregarei você."

"Tudo bem," disse Mackenzie, sem se importar que soasse como uma criança mimada. "Eu vou para o carro agora e se o assassino está aqui e nós lhe damos mais algumas horas para desovar outra vítima, fazemos o quê?"

"Você não tem que se preocupar com isso," disse Bryers.

Mackenzie estava tão frustrada com a resposta que ela desligou o telefone na cara dele. Ela guardou no bolso seu telefone e, embora a enervasse, ela se virou para voltar para o carro. Ela discordou com a mentalidade de Bryers, mas ela sabia que ele estava certo. Ela não estava apenas se colocando em perigo potencial, estava basicamente desobedecendo um supervisor que estava fazendo o que podia para ter certeza de que ela não seria expulsa.

Ela voltou para Estes Street. Quando ela estava prestes a atravessar para a Sawyer, que a levaria para o seu carro na Black Mill Street, ela parou para deixar passar um caminhão. O motorista deu-lhe uma olhada superficial, uma olhada que estava à beira de ser uma forma sexual de examiná-la. Ela revirou os olhos para ele, viu o caminhão passar e depois atravessou a rua.

Quando o fez, uma percepção a atingiu como uma bala. Algo que ela tinha perdido momentos atrás... Logo antes de pensar ter ouvido o barulho adicional quando a velha fechou a porta.

Ela pensou na mulher velha e na conversa muito breve que tinham tido. A mulher alegou ter uma má saúde—bem, não com uma saúde *precária*, mas deve pelo menos ficar muito tempo na cama. Ela também foi mais longe, disse que uma dieta e estilo de vida mais saudáveis fariam bem para ela. E que ela estava com excesso de peso... Bem acima do peso.

Não é preciso fazer muito esforço para pensar que ela poderia ter chamado Dana Moore Natural Health Remedies para obter alguma assistência. E se ela não estivesse se sentindo bem, também poderia fazer sentido ela ter chamado a Avon... Se não fosse para se sentir melhor com a ajuda, frequentemente terapêutica, da maquiagem, seria apenas uma forma de evitar sair de casa. Será que Becka Rudolph não havia dito algo sobre Dana planejando visitar uma mulher acima do peso nesta área?

De repente, aquele golpe extra que ela pensou ter ouvido parecia um pouco mais importante.

Acabada, Mackenzie voltou a encontrar-se literalmente em uma encruzilhada enquanto esperava

naquele cruzamento.

Ela olhou para a casa onde a velha senhora tinha atendido a porta. Embora ela certamente não parecesse uma assassina, poderia facilmente significar muito mais para a situação do que ela poderia entender depois de ter falado com a mulher durante um minuto.

Ela já estava aqui... E a casa estava quase à vista de onde ela estava. Isso realmente faria as coisas se tornarem muito pior se ela adiasse os conselhos de Bryers por mais cinco minutos?

Ela ficou na encruzilhada, despedaçada, olhando para a casa. Seu futuro, ela sabia, estava em jogo. Podia dar um passo à frente, para ficar a salvo.

Ou recuar, para ser demitida. Para ser enviada de volta para Nebraska.

Mackenzie respirou fundo e se silenciou ao telefone.

Ela se virou e voltou.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Quando Mackenzie chegou ao jardim, ela parou e examinou a lateral da casa. Do lado direito, ela não viu nada interessante. Apenas um jardim quase morto e alguns pedaços esquecidos de madeira serrada. Caminhou o mais desinteressadamente possível ao longo da rua até chegar ao lado esquerdo da casa. Lá, ela viu o que parecia ser um *barracão* que tinha sido construído como uma ideia secundária. Era feito de madeira compensada e tinha um revestimento de vinil de aparência barata cobrindo a maior parte dele.

Pelo que ela podia dizer, não havia janelas no barracão. Uma única porta estava na parede à esquerda. Havia um lance de escadas tortuosas de concreto no chão abaixo dele. Embora a estrutura não lhe desse nenhum motivo real de preocupação, ela achou estranho e inadequado. Ela também notou que no fundo do barraco havia uma série de tábuas e que parecia algum tipo de selante barato que tinha sido pintado com tinta preta.

Ela pensou em chamar Bryers para relatar isso, mas sabia que isso só o convidaria a ficar mais irritado com ela. Ela já estava entrando na fogueira. Não fazia sentido ajudar Bryers e McGrath a acender as brasas.

Mackenzie desviou o olhar da desagradável visão do barraco e da porta da casa. Ela supôs que ela poderia bater novamente e pedir para entrar para que ela pudesse fazer mais algumas perguntas. Mas se houvesse alguma coisa acontecendo ali, bater arruinaria o elemento surpresa. A infeliz situação na casa da rua Black Mill era prova disso.

Mais consciente do que nunca de que estava completamente desarmada, Mackenzie elevou a coragem e entrou no jardim. Ela manteve os olhos na casa, certificando-se de que ninguém estava olhando para ela pelas janelas ou saindo pela porta da frente. Ela correu em direção ao quintal, seus olhos fixos no lado de trás da casa, onde o barracão feio parecia chamá-la.

A mãe estava fora do quarto. Ele supôs que ela apenas estava com fome. Era hora do jantar e a única vez que ela voluntariamente saía de sua masmorra era para enfiar mais comida em sua cara. Ela estava sentada no sofá quando ele entrou, dando-lhe uma olhada pensativa.

"Você começar o jantar em um segundo", disse ele. Ele entrou na cozinha e colocou a sacola que tinha trazido do caminhão sobre a mesa. Quando ele colocou a adolescente no espaço subterrâneo, percebeu que a mordança que usava estava se desgastando. Então ele foi para o Wal-Mart e pegou alguns cachecóis baratos.

"Você não é meu escravo, Jim," disse ela. "Eu posso fazer o meu próprio jantar."

"A última vez que você tentou fazer o jantar, você queimou tudo e os alarmes de fumaça dispararam," disse Jim. "Tudo bem. Eu vou fazê-lo."

"Ok," ela disse distraidamente.

Esta era a relação que eles tinham. Em algum momento durante a perda de saúde de sua mãe e a percepção dele de que uma vida de amor, casamento e socialização com outras pessoas não era para ele, seus papéis tinham mudado. Ela era agora muito mais filha e Jim era o pai ressentido que desejava que as coisas pudessem ser diferentes.

Quando ele puxou uma caixa de espaguete do armário, ela o chamou na sala de estar. "Você viu algum carro da polícia?" Ela perguntou.

"Não," ele disse, seu coração instantaneamente disparando um alarme que parecia pulsar na sua cabeça. "Por quê?"

"Uma senhora veio, disse que era do FBI," disse a mãe. "Ela disse que eles estavam procurando um fugitivo ou algo assim."

Ele deixou cair a caixa fechada de macarrão no balcão e entrou rapidamente na sala de estar. "Há quanto tempo foi isso?" Perguntou ele.

Ela encolheu os ombros, como se realmente não se importasse. "Cinco minutos atrás?" Ela disse. "Talvez dez?"

Jim pensou na mulher que ele vira na rua quando se afastou da Sawyer e seguiu para a rua Estes. Ele pensou que ela parecia deslocada ali, quase como se estivesse perdida. Ele até sorriu para si mesmo quando se perguntou se ela poderia estar tentando vender algo de porta em porta.

"Alguma coisa errada?" A mãe perguntou a ele.

Ele correu para o sofá e abriu as cortinas. O jardim estava vazio, assim como a rua em frente à casa (com exceção de seu caminhão). Não havia sinal da mulher por quem ele havia passado—ou quaisquer outras pessoas.

Paranóico, pensou. Esta é uma parte ruim da cidade. Há cerca de mil razões para o FBI estar nesta área.

Ele queria acreditar nisso, mas algo estava... Errado.

Ele tentou ignorar a situação. Ele entrou na cozinha e começou a ferver água para fazer espaguete. Mas antes que a primeira bolha começasse a subir, um buraco de preocupação começou a se formar em seu estômago. Ficou imóvel, segurando uma frigideira retirada do armário.

Ele olhou para a sala. Sua mãe estava olhando uma revista, distraída.

"Já volto," disse ele, segurando a frigideira.

Ele se sentiu enjoado de repente. Mas no ferver das suas tripas e na pressão em sua cabeça, havia também uma sensação de excitação. Era semelhante ao modo como ele se sentia quando estrangulava as pessoas que capturava. Era esse sentimento que o empurrava para os fundos da casa de sua mãe e para o seu pequeno barraco.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Mackenzie aproximou-se da porta e não se surpreendeu ao vê-la trancada. A porta em si era frágil, feita de madeira muito barata e oca. Quando ela chacoalhou a maçaneta, a porta tremeu ligeiramente. Ela pensou por bastante tempo sobre simplesmente chutar a porta e derrubá-la. Um ou dois chutes rápidos fariam o trabalho.

Se ela tivesse uma arma, ela poderia ter feito isso. Afastou-se da porta e olhou ao redor do lugar. Ela foi até o fundo da casa e viu mais madeira serrada. A maioria estava mofada e podre, tendo sido descartada desde que o barraco tinha sido feito. Ela silenciosamente procurou em meio a madeira e encontrou uma parte sólida próxima ao fundo. Quando ela fez isso, o topo da pilha deslizou e bateu contra a parte de trás da construção.

O barulho estridente que a madeira fazia contra a parede exterior era estranhamente familiar.

Mackenzie ficou de joelhos e bateu ligeiramente nas tábuas. Enquanto fazia isso, pensou no arranhão que tinham visto na cabeça de Trevor Simms e na discussão sobre uma jaula ou algum tipo cárcere.

Ou talvez algum tipo de espaço subterrâneo, Mackenzie pensou, olhando para a construção desleixada ao longo do fundo da casa. Com o selante e a forma como tinha sido pintada, era quase como se alguém estivesse tentando fazer a parte inferior da casa mais segura do que o resto.

Ela bateu mais forte desta vez, o som das pancadas era silenciado contra o selante pintado e as placas. O som era abafado e não fazia barulho.

Mas ela conseguiu uma resposta desta vez—um barulho que deu sacudida elétrica através de seu coração.

Era um grito estrangulado—uma mulher, de acordo com o som.

Agarrando a madeira, Mackenzie levantou-se e virou para a direita, tomando a decisão de derrubar a porta.

E então ela viu o homem de pé lá—apenas por um segundo já era tarde demais.

*

Ela não tinha certeza do que ele tinha em sua mão, mas o que quer que fosse aquilo, estava vindo na direção da sua cabeça, guiado por seu punho. Fez um barulho alto de *clang* quando acertou o seu rosto.

Uma frigideira, ela pensou vagamente enquanto uma dor aguda abraçava o lado direito de sua cabeça. Será que ele realmente me bateu com uma frigideira?—

Por um momento, Mackenzie viu uma cortina preta cair sobre a sua visão ao cair no chão. Ela rapidamente tentou se levantar, mas o homem já estava sobre ela, prendendo-a no chão.

Seu rosto era familiar. Era o homem do caminhão. E ele era grande— indicativo das grandes mãos que estavam agora envolvendo sua garganta e apertando com uma pressão mortal.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Em apenas alguns segundos, Mackenzie ficou menos preocupada com morrer estrangulada e mais preocupada em ter o pescoço quebrado. A cortina preta que tinha brilhado em sua visão momentos atrás tinha se transformado agora em chamas escuras que pareciam explodir como fogos de artifício. O rosto do homem acima dela estava ficando embaçado e seus pulmões estavam lutando para respirar fundo.

Ela agarrou freneticamente o chão, procurando por qualquer coisa que pudesse ajudá-la a resistir. Ao tentar agarrar algo, a unha em seu dedo anelar se curvou para trás, mas a dor era minúscula em comparação com o aperto horrível que o homem fazia em seu pescoço. Ela lutou debaixo dele, mas não muito; ela sabia que ela gastaria toda a sua energia fazendo isso—energia que ela precisaria para colocar ataca-lo quando a oportunidade certa surgisse.

Suas mãos ainda em busca de uma arma, ela sentiu a borda da tábua de dois por quatro que ela sido vista antes de ser atacada. Ela puxou-a, agarrou-a firmemente, e então lançou-a com toda a força restante de seu corpo. Ela movimentou o pedaço de madeira com o máximo de força possível, sentindo-se abençoada por ter encontrado aquilo com a mão direita, pois sua esquerda era muito mais fraca.

A tábua acertou o homem na lateral da cabeça dele. Ele pareceu mais surpreso do que ferido, mas tudo bem. O aperto no pescoço dela aliviou-se e sua perplexidade durou cerca de dois segundos—tempo suficiente para ela levantar a tábua novamente. Desta vez ela fez isso em um ângulo e quebrou sua bochecha e nariz. Ela tinha certeza de que o barulho ouvido era o nariz dele quebrando, não a tábua.

Ele cambaleou, tentando manter o equilíbrio. Mackenzie agarrou seus braços e empurrou-o com força. Isso tirou seu equilíbrio e ele caiu esparramado contra a lateral da construção. Mackenzie tentou se pôr de pé, mas suas pernas pareciam de borracha. Ela estava tossindo enquanto tentava tomar ar, seu pescoço parecia que já estava inchando por dentro e pontos negros de dor e pânico piscavam dentro e fora de seus olhos.

Ela levantou-se com a ajuda da tábua e sentiu uma picada nas palmas das mãos. Ela olhou para baixo e estava vagamente consciente de que havia dois pregos enferrujados saindo da madeira. Tinham cortado a carne da palma de sua mão, causando pintas de sangue. Ela virou a Tábua e foi até o homem. Ele estava ficando lentamente de pé, com a mão cobrindo o nariz enquanto o sangue corria. O sangue estava escorrendo pelo seu rosto. Seus olhos pareciam magoados e furiosos.

Antes de pôr-se de pé, Mackenzie deu um passo em direção a ele. Ela levou seu joelho direito para cima, batendo solidamente debaixo do queixo dele. Ouviu-se um baralho quando seus dentes se bateram. Seus olhos brilharam sonhadoramente quando ele se inclinou lentamente para trás e caiu no chão sobre uma pilha de *cacarecos*.

Ela tinha certeza de que ela o tinha derrubado, mas não queria perder tempo para descobrir isso. Suas pernas ainda estavam recuperando a força, Mackenzie correu para os degraus de concreto do barraco. Ela puxou sua perna direita para trás e chutou o mais forte que pôde. Ela não acertou a maçaneta por cerca de 7 centímetro, mas a porta barata ainda estava fechada por dentro. Uma dobradiça e uma fechadura de baixa qualidade ainda a mantinham no lugar. Ainda tossindo para levar ar até o seu pescoço dolorido, ela se ergueu e jogou o ombro sobre a porta.

A porta foi navegando para dentro com o estralar das dobradiças. Mackenzie acompanhou o movimento, derrapando através do chão de uma maneira quase cômica ao longo da parte superior da porta. Enquanto ela se levantava, fez uma análise do lugar.

Ela estava em uma área central muito pequena. Havia um quarto desarrumado na frente dela, do tamanho de um dormitório universitário. À sua direita uma coleção de caixas velhas de leite cheias de revistas e papéis. À sua esquerda, uma pequena porta. Tinha aproximadamente noventa centímetros de altura e dois pés de largura. Era feita de algum tipo de metal, muito mais forte do que as paredes de

madeira compensada em torno dela. Uma alça simples em forma de U servia como maçaneta.

A porta estava trancada do lado de fora por um simples mecanismo de engate, mas ele era grande—não o tipo pequeno que muitas vezes podia ser encontrado nas portas de tela, mas era o tipo grande industrial, usado nas portas traseiras dos caminhões de trabalho. Foi enganchado em uma chapa de aço de aparência robusta na moldura da pequena porta.

Percebendo que ela ainda tinha a tábua em sua mão, deixou cair ao chão. Ela ficou de joelhos, a mão segurando o grande gancho de ferro. Demandou um pouco de força, mas ela foi capaz de retirar aquilo da tranca. Ela então abriu a porta, fazendo o seu melhor para se preparar para o que ela poderia ver do outro lado.

No início, ela viu apenas a escuridão. Mas no primeiro segundo, ela podia sentir algo se movendo lá dentro, movendo-se ao redor do ar quente e poeirento que se revelava quando a porta foi aberta. Ela viu imediatamente que estava em uma parte subterrânea da casa. Partes de um piso de madeira mal feito cobriam a maior parte do local, mas havia seções onde também havia chão de terra.

Mackenzie olhou para dentro, molhando sua língua e tentando empurrar a palavra *Olá* através de seu pescoço dolorido.

Foi quando um rosto fantasmagórico de repente pareceu sair da escuridão. Naturalmente, Mackenzie recuou em choque, ela percebeu que era uma pessoa—uma menina—rastejando em direção à ela, saindo dos cantos mais distantes da escuridão.

A menina tinha uma mordaca ao redor da boca e uma contusão no lado esquerdo da cabeça. Seus olhos estavam paralisados e cheios de medo. Ela murmurou alguma coisa através da mordaca e Mackenzie pôde ver que a garota estava apenas a apenas um passo de cair em um pânico total e incontrollável.

"Tudo bem", disse Mackenzie, as palavras saindo da garganta com dificuldade. "Estou aqui para ajudar. Você consegue rastejar aqui para fora?"

A garota assentiu, com os olhos ainda arregalados e aterrorizados. Mackenzie alcançou sua mão na escuridão. Seus dedos se tocaram e Mackenzie os pegou.

Algo rangeu atrás dela.

Ela soltou os dedos da menina e se virou. O homem estava vindo em sua direção, lançando-se através da porta quebrada. Ele tropeçava um pouco, ainda tremendo, então ele estava lento e desajeitado quando se lançou contra ela. Mackenzie aproveitou-se disso, pensando que teria tempo *suficiente* para contra-atacar.

Ela agarrou a tábua e ficou de joelhos. Ela agarrou a beirada do objeto, havia dois pregos enferrujados saindo do topo da tábua. Ela bateu com a tábua em um ângulo firme de cima para baixo. Desta vez, a madeira quebrou *mesmo* quando bateu na lateral do rosto dele. Uma pequena explosão de pedaços de madeira brotava em seu rosto enquanto ela caía contra a parede com a força do movimento.

A resposta do homem foi instantânea. Ele caiu, uivando de dor. Seus pés chutavam loucamente, em uma tentativa fraca de retaliação ou em resposta à dor, Mackenzie não tinha certeza. Ela viu que um pedaço de madeira, com cerca de seis centímetros de comprimento, ficou enfiado ao longo do lado de sua mandíbula, mantido ali pelos pregos que entraram através de sua carne.

Mackenzie rapidamente se virou para a porta aberta e estendeu a mão para a garota. Ela estava hesitante no início, mas depois veio rapidamente. Quando ela estava perto o suficiente, Mackenzie envolveu a menina em seus braços e a puxou para fora.

Atrás deles, o homem continuava a chorar, suas mãos apalpando o pedaço de madeira enfiado em seu rosto.

Mackenzie pegou a cabeça da menina em suas mãos e olhou-a nos olhos. "Ouça," disse ela. "Há escadas de concreto logo após aquela porta. Sente-se nelas e *fique firme*. Eu estarei com você em breve."

A garota acenou com a cabeça e, quando o fez, Mackenzie desfez a mordaca. O lenço desgastado caiu no chão e a garota soltou um grito sufocado.

“Vá,” disse Mackenzie.

A moça fez o que lhe mandaram, tropeçando pela porta e deixando Mackenzie a sós com o assassino. Porque ele ainda estava no chão, Mackenzie não teve muitos problemas para prendê-lo. Ela puxou os dois braços dele atrás das costas, sem se importar se deslocava um dos ombros dele.

Ele realmente parecia ter cedido, ficando mole ao ter seus pulsos presos atrás das costas com o conjunto reserva de algemas de plástico de Mackenzie.

"Você faz o que eu digo," ela disse a ele. "Se você reagir, eu vou pegar aquela madeira saindo de seu rosto e arrancá-la muito rápido. Você está me entendendo?"

Ele não disse nada, então ela aplicou mais pressão em seus pulsos. Seus ombros se ergueram um pouco mais do que um corpo humano deveria suportar. Ele soltou um grito e concordou.

Ela puxou-o pelos pés, girou-o, e empurrou-o cerca de dois passos para em direção ao espaço ainda aberto. “De joelhos,” disse ela.

Ele sacudiu a cabeça furiosamente e tentou recuar. Quando o fez, Mackenzie deu-lhe um leve empurrão e ele tropeçou. Ele caiu para frente e ela o pegou pelo ombro quando ele caiu de joelhos. Ela então colocou a mão no pedaço de madeira que ainda mal se pendurava em seu rosto. O sangue estava escorrendo, mas não tanto quanto ela imaginava para uma lesão tão terrível assim.

"Entre," ela disse.

O homem choramingou e começou a entrar. Quando estava a meio caminho, Mackenzie afastou o pé e lançou um chute nas costas dele. Ele foi caído esparramado na escuridão e Mackenzie não perdeu tempo batendo logo que ele entrou. Em seguida, amarrou o gancho ao fecho no batente da porta, sem perceber que ele tinha caído no lugar em que ela tinha começado a chorar em algum dos momentos ocorridos.

Sacudiu as lágrimas e respirou profundamente várias vezes. Ela procurou em seu bolso o seu telefone celular, saiu em direção à escada com a menina. Ela sentou-se com a menina e colocou um braço tranquilizador ao redor dela. Atrás deles, Mackenzie ouviu o homem começar a gritar no espaço subterrâneo.

“Você está bem?” Perguntou Mackenzie.

A moça não disse nada. Ela simplesmente balançou a cabeça e também começou a chorar. Mackenzie puxou a garota para mais perto dela e usou sua mão livre para ligar para o Bryers. Quando ela colocou o telefone em sua orelha e ele começou a tocar, ela de repente não estava com medo das repercussões.

Na verdade, ela não tinha medo de muita coisa naquele momento.

Então por que você está prestes a chorar de novo?

Ela não sabia a resposta.

Mas quando Bryers atendeu o telefone, essa não era uma pergunta que parecia importante. Na verdade, quando o telefonema tinha mais de quarenta e cinco segundos, ela jogou seu telefone na grama, colocou a cabeça no ombro da menina, e chorou junto dela—não precisando de uma resposta.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Quatro dias mais depois

Mackenzie finalmente conseguiu comer o que quisesse. Nos três dias seguintes ao resgate de Lauren Wickline, o médico lhe disse que só podia comer alimentos suaves como sopa, iogurte e vitaminas. Enquanto ela estava contente porque seu pescoço estava quase totalmente curado (apenas algumas contusões e uma ligeira tensão ao longo do lado esquerdo), ela realmente não se preocupava com os alimentos sólidos. Ela não tinha muito apetite desde que bateu com aquela tábua no rosto do assassino.

O nome do assassino era Jim Parkerson. Sem dramas, admitiu a morte de Shanda Elliot, Susan Kellerman, Trevor Simms e Dana Moore em uma hora após ter sido preso. Ele mesmo disse que havia mais dois que ninguém jamais descobriu, mas se recusou a dar seus nomes ou a dizer quando ele os tinha assassinado.

Mackenzie só sabia essas coisas porque Bryers tinha ligado para ela. Ele ligou para ela várias vezes, na verdade. Na maior parte do tempo, ele só queria ter certeza de que ela estava bem. Ele não apareceria para dizer isso, mas ele se sentia culpado por deixá-la a sós na rua Estes. Ele deveria ter ficado e garantido que ela deixasse local logo depois dele. Novamente, ele nunca disse nada disso, mas Mackenzie podia sentir.

Ela estava verificando seus e-mails, lendo sobre as atualizações no caso de Jim Parkerson, quando alguém bateu em sua porta. *É isso*, pensou ela, afastando-se do laptop. *Bryers ou McGrath que veio me dar uma licença oficial.*

Quando ela abriu a porta, no entanto, não era nenhum dos dois. Em vez disso, era Harry. Ele deu a ela um sorriso discreto que a fez se sentir surpreendentemente feliz.

"Como você está?" Ele perguntou.

"Com dor de garganta," disse ela, devolvendo seu pequeno sorriso. "Entre, Harry."

Ele entrou, olhando ao redor do lugar como um adolescente nervoso que estava entrando no quarto de uma menina pela primeira vez.

"Eu ouvi sobre o que aconteceu," Harry disse. "Diabos, acho que *todo mundo* já ouviu falar sobre isso."

"É ruim?" Ela perguntou.

"De modo nenhum. O ciúme que todos tiveram de você quando entrou... Meio que virou admiração e respeito. Você agora é uma *fodona* certificada."

Ela se sentou no sofá. "Não me sinto assim," disse ela. "Eu me sinto como em um completo naufrágio."

Você não parece estar assim, se isso lhe conforta.

"Sim, me sinto um pouco confortada," ela disse com um sorriso leve.

"Então... Há algo que eu possa fazer por você?" Ele perguntou.

Ela sentiu como se estivesse sendo conduzida por alguma força alienígena quando ela estendeu a mão para ele. Ele a pegou e ela gentilmente levou-o para o sofá. Ele se sentou ao lado dela e antes que ele estivesse assentado, ela se inclinou e o beijou. Não foi quente, apenas um decidido pequeno beijo. Seus lábios nem se separaram, embora o beijo tivesse durado cerca de cinco segundos.

"O que foi?" Harry perguntou quando ela se afastou.

"Para mim é como se..." Disse ela. "Para mim... Eu não sei."

Harry assentiu, ainda segurando sua mão. "Você está se sentindo sozinha em tudo isso, não é?" Ele perguntou.

"Sim," ela disse. Era difícil de admitir, mas era isso.

"Bem, eu estarei sempre por perto se você precisar de mim. Para um beijo ou qualquer outra coisa que você precise. "Ele deu-lhe outro sorriso, dessa vez incerto e nervoso.

Ela abriu a boca para responder, mas outra batida soou na porta.

"Tudo isso por se sentir sozinha," Harry disse sarcasticamente. "Você costuma receber muitos visitantes?"

"Não, nunca," disse ela, confusa.

Ela atendeu a porta e encontrou três homens de pé do outro lado. Os rostos eram todos familiares, mas o sentimento que rolava em suas entranhas não era agradável.

Bryers, McGrath e Ellington ficaram ali, olhando para ela. Todos eles tinham um olhar solene em seus rostos, mas depois de um momento, Bryers lançou-lhe um sorriso.

"Podemos entrar?" Ele perguntou.

"Claro," ela disse, abrindo mais ainda a porta.

Eles entraram em fila atrás dela. Com Harry lá antes deles, todos olharam ao redor do apartamento. McGrath se sentou primeiro, sentando-se na pequena poltrona em frente ao sofá. Ele olhou para Harry sem hesitar e depois suspirou.

"Agente Dougan, correto?" McGrath disse. "Harry Dougan?"

"Sim, senhor."

"Eu vou pedir para você sair, por favor," McGrath disse. "Precisamos conversar com a Sra. White em particular."

Harry assentiu, olhando para Mackenzie. Ele deu uma olhada para ela como se quisesse perguntar "o que você fará agora?" e ficou de pé. Por um momento fugaz, ele e Ellington se entreolharam com um olhar tenso. Quando Harry chegou à porta, ele se virou e acenou.

"Vejo você por aí," disse ele.

"Nos vemos," disse Mackenzie.

Quando Harry fechou a porta, a sala ficou quieta por um tempo. Bryers foi para o sofá e pegou o local que Harry havia desocupado recentemente. Ellington permaneceu de pé, em frente à porta.

"Isso não poderia ser feito apenas por telefone?" Perguntou Mackenzie.

"O quê? Perguntou McGrath.

"Eu cruzei uma barreira", disse ela. "Eu mais do que cruzei uma barreira, eu removi essa fronteira. Desobedei várias ordens diretas. *Estou com a corda no pescoço*. Já entendi."

"Sim, você fez todas essas coisas," disse McGrath. "E eu fiquei chateado por cerca de dois dias. Mas então... Bem, sim, você fez tudo isso. Mas você também capturou um homem que confessou matar pelo menos seis pessoas e salvou uma menina de dezessete anos de uma morte certa. Por tudo isso, é difícil ficar chateado."

"E há mais," disse Ellington. Seus olhos estavam fixos nela de uma maneira que a fazia sentir-se desconfortável. Quando ela devolveu o olhar, ela viu, por um momento, o homem com quem ela quase se meteu em uma situação vergonhosa durante seu período em Nebraska.

"Isso mesmo," disse McGrath. "Nos últimos dois dias, houve várias reuniões sobre o seu futuro. Na raiz de tudo isso estava a sua aparente propensão à desobediência."

"Desculpe-me," disse Mackenzie. "Como eu disse, eu—"

"Não, não é assim", disse Bryers. Ele estava olhando para McGrath com expectativa.

"Eu quero que você volte à Academia amanhã," McGrath disse. Contanto que o seu pescoço permita esse esforço. Eu quero que você termine o curso e arrebente. Eu quero você no topo de sua turma. Você consegue fazer isso?"

"Sim, senhor."

"Quando o seu período na Academia acabar, o seu futuro dependerá apenas de você."

"Como?" Ela perguntou.

McGrath olhou para Ellington, dando-lhe silenciosamente a palavra. "Há um novo programa para os agentes mais bem classificados que saem da Academia. Estamos apenas começando, mas nós pensamos

que você seria uma ótima maneira de testá-lo."

"Que tipo de programa?" Mackenzie perguntou.

"Não podemos dizer," disse McGrath. "Não enquanto você estiver na Academia."

Ela assentiu, confusa demais, mas com muito medo de questionar qualquer coisa.

"Você fez um trabalho muito bom," disse McGrath. "Foi imprudente e desnecessariamente ameaçadora, mas você resolveu o caso. Você fez isso sozinha e sem uma arma de fogo. É uma daquelas histórias que *seriam* consideradas infames. Mas... Como dissemos antes da sua renomeação no caso, você não pode obter o crédito. Oficialmente, você nem estava lá."

Ela assentiu com a cabeça, compreendendo, e nem mesmo se importando com o crédito. Tudo o que lhe importava era que ela salvou a vida dessa menina. Ela ainda podia ver seu olhar agradecido, lembrava-se de seus choros compartilhados, e isso foi suficiente.

"Embora," disse Bryers, "a verdadeira história de alguma forma chegou entre seus colegas."

"Então," McGrath disse, ficando de pé, "pense nisso. Dedique-se a estas últimas semanas na Academia e, em seguida, entre em contato comigo. Esse cargo especial é seu, se você quiser."

Com isso, McGrath voltou para a porta e abriu-a. Deu um aceno e partiu como se estivesse fazendo uma visita aleatória para falar sobre o tempo. Ellington aproximou-se dela e deu-lhe um abraço desajeitado antes de partir. Bryers seguiu atrás dele e quando alcançou a entrada, ele se virou para ela.

"Estou orgulhoso de você, White. Muito bom trabalho."

Bryers sorriu para ela e depois fechou a porta, deixando Mackenzie sozinha novamente.

E pela primeira vez desde que deixou Nebraska, ela se sentiu bem.



ANTES QUE ELE DESEJE **(Um enigma da série Mackenzie White—Livro 3)**

De Blake Pierce, autor do best-seller *ONCE GONE* (seu best-seller nº1, com mais de 600 avaliações com cinco estrelas), vem o livro nº 3 da emocionante série de enigmas Mackenzie White.

Em *ANTES QUE ELE DESEJE*, a agente do FBI, Mackenzie White, acaba de se formar na Academia do FBI em Quantico, e se envolve um sério caso de um assassino em série. As mulheres são mortas ao acampar em um remoto parque nacional no Oeste da Virginia. No entanto, o parque é imenso, e nenhuma conexão pôde ser encontrada entre as mortes.

Ao mesmo tempo, Mackenzie recebe um telefonema de Nebraska, pedindo-lhe que volte. Depois de muitos anos, uma nova pista surgiu sobre o assassinato de seu pai. O caso vem à tona, Mackenzie precisa desesperadamente ajudar a resolvê-lo.

Mas o assassino do FBI está acelerando, e não há tempo para distração, pois mais mulheres desaparecem neste jogo psicológico *de gato e rato*. Esse assassino é mais diabólico—e mais inteligente—do que Mackenzie poderia ter imaginado. Enquanto segue um caminho pelo qual temia viajar—de forma profunda em sua própria psique—ela encontra um desafio duplo esperando por ela, de um jeito que nunca imaginou.

Um enigma psicológico sombrio com um emocionante suspense, *ANTES QUE ELE DESEJE* é livro nº3 de uma série extremamente interessante—com uma personagem apaixonante—que fará você virar páginas e páginas até tarde da noite.

O livro nº 4 da série Mackenzie White estará disponível em breve.

Também disponível e escrito por Blake Pierce é *ONCE GONE* (Um enigma Riley Paige—Livro nº1), best-seller nº1—e com download gratuito!



ANTES QUE ELE DESEJE
(Um enigma da série Mackenzie White—Livro 3)

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

ANTES QUE ELE MATE, livro nº1 da série de enigmas Mackenzie White, está disponível no [Amazon!](#)

SEM PISTAS (livro nº 1), que tem mais de 100 avaliações com cinco estrelas, está disponível como um [download gratuito no Amazon!](#)

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE

SEM PISTAS (Livro 1)

ACORRENTADAS (Livro 2)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)